



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

SARA MARIA CUNHA BITENCOURT SANTOS

**ESTRESSE E ENVOLVIMENTO PATERNO
DE SERVIDORES PÚBLICOS COM FILHO(S) PEQUENO(S)**

Salvador

2015

SARA MARIA CUNHA BITENCOURT SANTOS

**ESTRESSE E ENVOLVIMENTO PATERNO
DE SERVIDORES PÚBLICOS COM FILHO(S) PEQUENO(S)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Vaz de Campos
Moreira

Salvador
2015

Edilene Santos da Silva
Bibliotecária CRB5/1636

S238 Santos, Sara Maria Cunha Bitencourt.

Estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s)./ Sara Maria Cunha Bitencourt Santos. - Salvador, 2015.
166 f : il.

Orientadora: Lúcia Vaz de Campos Moreira.

Dissertação (mestrado). Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, 2015.

1. Estresse 2. Pai 3. Trabalho - Paternidade 4. Família I. Moreira, Lúcia Vaz de Campos II. Título.

CDU 316.356.2-055.52

TERMO DE APROVAÇÃO

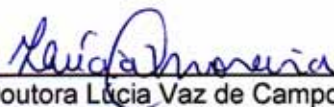
Sara Maria Cunha Bitencourt Santos

**“Estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s)
pequeno(s)”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 23 de novembro de 2015.

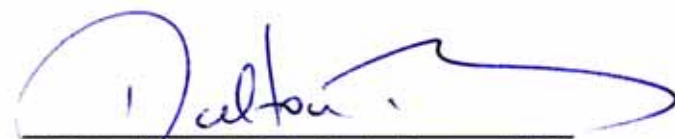
Banca Examinadora:



Prof^a. Doutora Lucía Vaz de Campos Moreira - UCSal.
Orientador (a)



Prof.^a Dr.^a. Elaine Pedreira Rabinovich – UCSal.



Prof. Dr. Dalton Luiz de Paula Ramos - USP

A São José, exemplo de pai e trabalhador.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo a minha vida! Sem Ele eu não teria nascido e muito menos chegado até aqui. Sou eternamente grata a Ele, o meu verdadeiro Amor, principalmente por ser o meu Tudo em tudo!

Ao meu esposo, Moises, que me acompanhou tão amorosamente nessa trajetória. Com ele foi mais suave percorrer caminhos nunca antes desbravados. A sua paciência, acolhimento, leveza e perseverança me guiaram quando muitas vezes eu não sabia por onde ir. Obrigada por ser essa pessoa linda e especial, com quem eu tenho a gratidão por compartilhar a minha vida e o nosso maior tesouro: a nossa filha. Amo você!

A minha filha, Maria Clara, luz do meu caminhar e razão da minha vida! Com ela aprendo tanto e tanto a cada dia... e no dia seguinte ela me mostra que o que aprendi já precisa ser atualizado, e, nessa ciranda, vou crescendo com ela. Por meio dela consigo discernir o que realmente é essencial e enxergar a beleza que está escondida na simplicidade. Ela é a minha doce e constante companheira. Com a experiência da maternidade pude sentir o amor mais puro e divino se desabrochar. Minha pequena-grande, mamãe não sabe como conseguiu viver 31 anos da vida dela sem você. Obrigada por tornar os meus dias mais coloridos e alegres, amo você infinitamente!

Aos meus pais, Gonzaga e Margarida, a eles a minha admiração e reverência por serem exemplos de porto seguro e solidez de valores, em um mundo no qual prevalecem tantas incertezas. Eles que, desde sempre, confiaram e apostaram em mim e me ensinaram o que estava além dos livros. Com eles aprendi que um título de mestre só vale se o processo que o outorgou me faz alguém melhor. Serei eternamente grata a Deus por ter me presenteado ser filha dessas duas joias que são vocês. Amo vocês! Mãezinha, agradeço especialmente pelas suas orações, suporte e colo de mãe para mim e de avó para Maria Clara, sem os quais esse processo não teria iniciado e já teria sido interrompido. As palavras são insuficientes para agradecer, amo você!

A Elias, meu irmão amado, primogênito que veio à frente desbravar e iluminar os meus caminhos por meio da sua presença discreta e intensa, te amo e admiro

muito! A ele e Carol, cunhada amada, a vocês que se conheceram, namoraram, noivaram e casaram nesse período de realização do curso de mestrado, trazendo frutos de amor e união que contribuem para engrandecer o nosso processo de ser pessoa e de ser família, obrigada por tudo, amo vocês!

Ao Sr. David e a D. Alzira, meus sogros amados, que sempre me acolheram com muito carinho, agradeço por fazer parte dessa família e pela caminhada que me proporciona sempre muitos aprendizados, amo vocês!

A Agnaldo e Paty, cunhados amados, agradeço pela alegria sempre presente nos nossos encontros. Vocês me proporcionam momentos de crescimento e amadurecimento, amo vocês!

A Gustavo e Danilo, sobrinhos amados, que me ensinam a enxergar o belo no que é mais simples e engrandecem o meu cotidiano com brincadeiras, sorrisos e espontaneidades, amo vocês!

A Josélia, que em muitos momentos dessa caminhada foi um doce suporte para que esse processo fosse finalizado, muito obrigada!

A Walkyria, psicóloga querida e eterna chefia, preceptora e idealizadora do Programa de Apoio Psicossocial ao Empregado (PROAPS), por meio do qual muitos funcionários do Hospital Santa Izabel foram acolhidos de modo competente e acolhedor. Você conquistou o meu respeito, admiração e afeto pela profissional competente e ser humano admirável que é. Muito da profissional que sou hoje devo à você, muito obrigada!

A Jamile e Dani, que juntamente à Walkyria transformavam os meus dias de trabalho no Hospital Santa Izabel em doce e frutuoso aprendizado. Com vocês pude experimentar o que é realmente trabalhar em equipe, de modo competente, colaborativo, sensível e extremamente leve. Os nossos vínculos extrapolaram o âmbito organizacional e hoje tenho o maior orgulho de tê-las como grandes amigas, muito obrigada!

A Lúcia, minha querida orientadora, com quem tive a honra de estar próxima, compartilhar angústias, receios, dúvidas e ser sempre acolhida de modo cuidadoso e amoroso. Alguém tão competente, tão importante, tão inteligente e tão simples. Ela me ensina, a cada dia, o quanto a academia e a pesquisa podem ser ambientes fecundos de competência, amor, paz e simplicidade. Ela trouxe intervenções

essenciais e estruturais que deram forma, essência e beleza a essa dissertação. Tenho certeza de que os nossos vínculos serão duradouros, sinto em você a extensão da minha casa. Obrigada por tudo!

A Elaine, minha querida professora, com quem tive a honra de compartilhar essa trajetória acadêmica. Ela se aproximou de mansinho e quando vi já ocupava um enorme espaço no meu coração. A sua competência, inteligência e simplicidade encantam. Obrigada pelas contribuições essenciais nessa dissertação e, obrigada, também, por ter esse jeito de ser que nos faz querer estar sempre por perto!

A Dalton, professor e pesquisador tão competente e que de modo tão simples dispôs do seu precioso tempo para lançar um olhar extremamente atento, competente e primoroso, trazendo intervenções muito importantes para esta dissertação, o meu muito obrigada!

Aqueles que direta ou indiretamente viabilizaram a realização da coleta de dados e finalização desta pesquisa, especialmente Dr. Hildérico, Márcia, Mariana, Adriana, Amoni, Daniela, Railuze, Renata, Fábio, Itana e Marcinho. Obrigada por tudo, de coração!

Aos pais que participaram desse estudo, não tenho palavras para agradecer a vocês, que puderam concretizá-lo. Sem vocês não haveria resultado, análise, reflexão, partilha, aprendizado. Foi um momento de grande amadurecimento acadêmico e pessoal, obrigada!

Aos demais familiares e aos amigos queridos, que tornaram suave essa caminhada por vezes espinhosa. Quem tem amigos tem tesouros. Obrigada a todos vocês!

SANTOS, S. M. C. B. Estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filhos pequenos. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado investigou possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública localizada em Salvador (Bahia). Para atingir tal objetivo, foi escolhida uma abordagem multimetodológica, com estratégias quantitativas e qualitativas. Participaram do estudo 30 homens que são servidores efetivos de um Órgão público, em Salvador, e pais de pelo menos um(a) filho(a) com idade entre zero e seis anos incompletos. Eles também possuem nível superior de escolaridade e ocupam cargo de especialidade compatível à sua formação. Após aprovação do estudo no Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, os funcionários foram convidados, por e-mail institucional do Órgão em que atuam, a participar da investigação. Os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencheram o “Formulário para levantamento de dados sociodemográficos” e o “Questionário de fontes de estresse presentes no cotidiano” (ambos construídos pela pesquisadora). Além disso, também responderam o “Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp” (ISSL). Dentre os respondentes, foram escolhidos aleatoriamente cinco com estresse e outros cinco sem estresse (conforme diagnosticado por meio do ISSL), e eles participaram de entrevista na qual foi utilizado o roteiro “Conciliação entre envolvimento paterno, família e trabalho”, também elaborado pela pesquisadora. Houve análise estatística para os dados quantitativos e análise de conteúdo das respostas das questões abertas. Os principais resultados foram: pouco mais da metade dos participantes (54,0%) informou que o seu cotidiano estava permeado de muitas fontes estressoras, distribuídas nas diversas áreas do cotidiano – família, trabalho, saúde e sociedade contemporânea. Na percepção dos mesmos, as que mais interferiam negativamente no envolvimento deles com os seus filhos pequenos, foram: (a) família: “ter passado recentemente por separação/divórcio” e “dedicar pouco tempo para a família”; (b) sociedade contemporânea: “mudar de cidade” e “considerar que a sua presença com os filhos pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes)”; (c) saúde: “enfrentar problemas de sono” e “adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex: fumo e sedentarismo)”; (d) trabalho: “considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva”. Foi detectada a presença de quadro clínico de estresse em 53,3% dos participantes, entre os quais 50,0% encontrava-se na fase de Resistência e 3,3% na fase de Quase-exaustão. Em relação à predominância de sintomas, um pouco mais da metade dos respondentes (56,0%) apresentaram sintomas físicos e psicológicos, tendo destaque para tensão muscular, insônia, vontade súbita de iniciar novos projetos, irritabilidade excessiva e sensibilidade emotiva excessiva. Ao se comparar o envolvimento paterno de pais com estresse e sem estresse, percebeu-se que ambos os grupos referiram um alto envolvimento, em termos de interação, acessibilidade e responsabilidade. Entretanto, foram encontradas entre eles diferenças de percepção sobre os impactos dos fatores estressantes, pois enquanto o grupo de pais com estresse destacou os impactos negativos do estresse na saúde e no envolvimento com os filhos, os pais sem estresse relataram uma percepção mais positiva da vida e uma

maior facilidade na conciliação de demandas profissionais e familiares. Por fim, foi evidenciada a necessidade de outros estudos que aprofundem aspectos relacionados a estresse, trabalho e envolvimento paterno bem como comparar o envolvimento tanto do pai quanto da mãe com seus filhos, tendo em vista os desafios contemporâneos postos a ambos.

Palavras-chave: Estresse. Envolvimento paterno. Trabalho. Família.

SANTOS, S. M. C. B. Stress and paternal involvement of public employees with children. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015.

ABSTRACT

This master thesis investigated possible correlations between stress and paternal involvement of public employees with their child(ren) in the context of a public organization located in Salvador (Bahia). To this end, one multi methodological approach with quantitative and qualitative strategies was chosen. The study included 30 men who were effective employees from the public organization in Salvador and fathers of at least one son or daughter aged between zero and six years incomplete. They also had higher levels of education and occupied position of specialty compatible with their education. After approval of this study by the Institutional Review Board of UCSal, employees were asked to participate in this investigation through the Institutional e-mail of the Body in which they work. Those who accepted signed the consent form and completed the "sociodemographic data" and "sources of stress present in daily life" questionnaires (both designed by the researcher). Moreover, they also responded to the "Lipp's Inventory of Stress Symptoms for Adults" (ISSL). Among the participants, five were chosen with stress and five without stress (according to the diagnosis through ISSL), and they participated in interview in which we used the script "Conciliation with paternal involvement, family and work", which was also prepared by the researcher. There was statistical analysis for quantitative data and content analysis of the answers for the open questions. The main results were: a little bit more than half of the participants (54.0%) reported that their daily life was permeated with many stressful sources, distributed in several areas of daily life – family, work, health and contemporary society. According to their perception, the ones which most interfered negatively in their involvement with their children were: (a) family, "the ones that have gone through separation / divorce recently" and "have dedicated little time to the family"; (b) contemporary society: "the ones that moved to another city" and "considered that their presence can be replaced by consumer products (presents)"; (c) health, "the ones that face problems of sleep" and "adopt unhealthy lifestyle habits (e.g. smoking and sedentary lifestyle)"; (d) work, "the ones that consider their weekly working workload excessive". It was identified the presence of clinical manifestations of stress in 53.3% of participants, among which 50.0% were in resistance phase and 3.3%, in almost-exhaustion phase. Regarding to the prevalence of symptoms, a little bit more than half of respondents (56.0%) had physical and psychological symptoms with emphasis on muscle tension, insomnia, sudden urge to start new projects, excessive irritability and excessive emotional sensitivity. Comparing paternal involvement of fathers with stress and without stress, it was noticed that both groups reported a high involvement in terms of interaction, accessibility and responsibility. However, it was found among

them differences of perception on the impact of stressful sources, because while the group of fathers with stress highlighted the negative impact of stress on health and involvement with children, parents without stress reported a perception more positive of life and had a greater facility to conciliate work and family demands. Finally, it is showed the need of more studies to investigate aspects related to stress, work and paternal involvement and to compare the involvement of both fathers and mothers with their children, given the contemporary challenges posed to both.

Keywords: Stress. Paternal involvement. Work. Family

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 TEMPOS DE ESTRESSE? UM OLHAR PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	20
2.1.1 Breve evolução do conceito de estresse	24
2.1.2 Modelo Quadrifásico do Estresse	26
2.1.3 Influência do processamento cognitivo no desencadeamento do estresse	29
2.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO FRENTE À CONCILIAÇÃO ENTRE TRABALHO E PATERNIDADE.....	32
2.2.1 Servidores públicos: prazer e sofrimento no trabalho	34
2.2.2 Carreira profissional	36
2.2.3 Conciliação trabalho e paternidade: possibilidades	38
2.2.4 Conciliação trabalho e paternidade: desafios	40
2.2.5 Políticas que favorecem as famílias	42
2.3 FAMÍLIA E PATERNIDADE EM CONTEXTO DE MUDANÇA	44
2.3.1 Família patriarcal brasileira	45
2.3.2 Dias contados para a família patriarcal?	46
2.3.3 Tempos líquidos para a família?	48
2.3.4 O pai em contexto de mudança	51
2.3.5 Quem é este novo pai? Em busca do envolvimento paterno	52
2.3.6 Aspectos que interferem no envolvimento paterno	54
2.3.6.1 <i>Conjugalidade</i>	54
2.3.6.2 <i>Divórcio</i>	56
2.3.6.3 <i>Características do pai</i>	57
2.3.6.4 <i>Papel da mãe</i>	58
2.3.6.5 <i>Idade e sexo dos filhos</i>	59

2.3.7 Por que falar de envolvimento paterno? Algumas contribuições.....	60
2.4 O ESTUDO.....	63
3 MÉTODO.....	64
3.1 DELINEAMENTO	64
3.2 LOCAL E PARTICIPANTES.....	65
3.3 INSTRUMENTOS.....	69
3.4 PROCEDIMENTOS.....	71
3.4.1 Procedimentos para coleta de dados	71
3.4.2 Retorno à instituição e aos participantes	73
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	74
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	75
4.1 DADOS SOBRE TRABALHO.....	75
4.2 FONTES DE ESTRESSE PRESENTES NO COTIDIANO DOS PARTICIPANTES	78
4.3 DIAGNÓSTICO DE ESTRESSE E PREDOMINANCIA DE SINTOMAS ENTRE OS PAIS.....	92
4.4 ESTRESSE, TRABALHO E ENVOLVIMENTO DE PAIS COM SEU(S) FILHO(S) PEQUENO(S).....	99
Caso 1 – Paulo.....	100
Caso 2 – José	105
Caso 3 – Davi.....	109
Caso 4 – Mateus	114
Caso 5 – Isac.....	118
Caso 6 – Tobias	123
Caso 7 – Pedro	126
Caso 8 – Tiago.....	129
Caso 9 – Lucas	132
Caso 10 – Jacó	136
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	149

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes	158
APÊNDICE B – Formulário para levantamento de dados sociodemográficos.	160
APÊNDICE C – Questionário de fontes de estresse presentes no cotidiano...	161
APÊNDICE D – Roteiro para entrevista semiestruturada.....	165
APÊNDICE E – E-mail encaminhado aos participantes explicando a pesquisa	166

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo “Estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s)” teve a sua motivação na trajetória pessoal e profissional da pesquisadora, bem como no seu ingresso no grupo de pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano”, da Universidade Católica do Salvador (Ucsal), o qual vinha se dedicando nos últimos anos a compreender questões relevantes sobre o pai contemporâneo.

Em relação à trajetória pessoal, teve destaque o modelo de envolvimento paterno positivo que a pesquisadora vivencia em relação ao seu pai e esposo. Enquanto o pai instalou na pesquisadora uma dívida de vida, o esposo compartilhou com ela o reembolso desta dívida, por meio do envolvimento positivo junto à primogênita do casal. Assim, a filha e esposa também tornou-se mãe, instaurando na família um lugar genealógico dinâmico e responsável de transmissão da vida: “[...] ser pai cria, então, uma dívida. E é em nome dessa dívida, a ser reembolsada, que se faz a transmissão. Mas não se reembolsa essa dívida a seus pais [...]” (HURSTEL, 2006, p. 168).

Quanto à trajetória profissional, a mestranda atuava há aproximadamente dez anos no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho com foco na saúde do trabalhador. Nesse sentido, tiveram destaque os atendimentos clínicos realizados durante quatro anos e meio no Programa de Apoio Psicossocial ao Empregado (Proaps) da Santa Casa de Misericórdia da Bahia (SCMBA) e pesquisa recente que esteve engajada utilizando o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL), conforme elucidado posteriormente.

O Proaps foi concebido no período em que a pesquisadora atuava como psicóloga da instituição e tinha como principal objetivo oferecer suporte interdisciplinar aos empregados que apresentavam acentuados quadros de estresse, impactos na saúde e altas taxas de absenteísmo laboral. Os relatos dos trabalhadores evidenciavam tensões provocadas pelas inúmeras fontes de estresse às quais estavam expostos no cotidiano e os seus desdobramentos no que tocava à conciliação das demandas sobrepostas pela família e trabalho (CAMAROTTI; BITENCOURT; COSLOP, 2010). Conforme Barham e Vanalli (2012),

Demandas simultâneas no âmbito familiar e no trabalho, e a sobrecarga de responsabilidades (quando as do trabalho estão somadas às familiares) podem gerar conflitos, sendo que esses conflitos implicam em uma variedade de custos pessoais e profissionais. Nesse sentido, torna-se necessário usar estratégias que melhorem o equilíbrio entre as demandas familiares e de trabalho. (BARHAM; VANALLI, 2012, p. 53)

Em estudo recente no qual a mestranda esteve engajada utilizando o Inventário de Sintomas de *Stress* para adultos (LIPP, 2005) com uma amostra de 95 magistrados, 58 deles apresentaram resultado “sem estresse” e 37 “com estresse”. Em relação a estes últimos, 46% obtiveram licença médica para tratamento de saúde nos anos anterior e corrente à coleta de dados, e os casados mostraram 2,2 vezes mais chances de sofrer estresse do que os solteiros, dentre os quais 37% tinham filhos (LIMA; BITENCOURT, 2013).

A análise estatística revelou que a variável “ter filhos” não estava relacionada significativamente ao quadro de estresse dos participantes avaliados. Entretanto, o excesso de trabalho e a conseqüente invasão das demandas de trabalho na vida pessoal foram trazidas por eles como principais fontes de estresse presentes nos seus cotidianos (LIMA; BITENCOURT, 2013). A partir desse contexto e considerando que muitos dos pais que estavam com quadros de estresse e comprometimento na saúde emocional tinham filhos pequenos que demandavam deles atenção, tempo e cuidado, surgiu um problema a ser investigado: o estresse do pai influencia o envolvimento paterno?

Partindo de uma revisão da literatura com o objetivo de verificar o estado da arte em relação ao estresse do pai e suas possíveis relações com o envolvimento paterno, foram utilizados os descritores “estresse ou *stress*” e “envolvimento paterno ou *father involvement*”. O levantamento foi realizado nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódico Eletrônico de Psicologia (Pepsic) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). O período considerado foi de 2009 a 2014.

Não foram encontrados artigos que se propusessem a relacionar as duas categorias em questão. A maioria dos que aparentemente propunham relação entre estresse e envolvimento paterno, na realidade versavam sobre o “estresse parental”,

conceituado como “o estresse vivido pelos genitores nas suas funções de pai e de mãe” (RIBEIRO; PORTO; VANDENBERGHE, 2013, p. 1706). Em seguida, a pesquisadora utilizou os descritores separadamente, identificando então 813 artigos, dentre os quais 367 focavam na temática do estresse e 446 no envolvimento paterno. Destes, apenas 111 tinham o pai como centro ou elemento importante para a pesquisa, os quais foram devidamente analisados pela pesquisadora.

Sobre o estresse, percebeu-se uma ênfase em duas vertentes de estudos: (a) aqueles que se debruçaram sobre os prejuízos do estresse para a saúde e a conseqüente relação entre estresse e doenças diversas; e (b) os que focaram no estresse ocupacional. Este último definido como “estado emocional causado por uma discrepância entre o grau de exigência do trabalho e recursos disponíveis para gerenciá-lo” (SADIR; BIGNOTTO; LIPP; 2010, p. 74). Também se buscou, na Biblioteca Digital da PUC-Campinas, dissertações com essa temática do estresse sob orientação de Marilda Lipp, eminente pesquisadora da área. Das 49 encontradas, apenas duas tinham como foco o gênero masculino. Ainda assim, uma se deteve na parentalidade e nenhuma delas se propôs a investigar especificamente a paternidade frente ao estresse do pai.

Em relação aos artigos voltados para o envolvimento paterno, os mesmos evidenciam que o final do século XX marca uma época de “redescobrimto paterno” ou, em outras palavras, de uma “nova paternidade”. Percebeu-se um movimento de reavaliação da identidade social do homem pai, por meio do qual elementos da masculinidade clássica foram mesclados a um comportamento mais participativo e engajado. Assim, tiveram destaque pesquisas diversas que constataram o quanto o pai contemporâneo vem se mostrando mais engajado, disponível, cuidadoso e afetivo, sendo comparativamente considerado, portanto, como mais envolvido na vida do filho (LAMB, 1992, 2010; SOUZA; BENETTI, 2009; BASTOS et al.,2013).

Entretanto, apesar de a família ser considerada como “o sistema que mais influencia o desenvolvimento infantil na primeira infância” (GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013, p. 22), ainda são poucos os estudos sobre o envolvimento paterno no contexto brasileiro, principalmente quando são considerados os primeiros anos da infância (SILVA; PICCININNI, 2007). Esses anos iniciais da criança, considerados como um período pré-escolar, são fundamentais para o desenvolvimento infantil,

pois, como se constata a seguir,

[...] na particularidade do crescimento de crianças com idade inferior à escolar, visualiza-se a implementação de ações que subsidiem o adequado desenvolvimento infantil, fazendo-se necessário [...] o envolvimento intenso dos pais. (ROCHA et al., 2011, p. 374)

Assim, foi evidenciada uma lacuna de pesquisa no que toca à qualidade do envolvimento paterno frente ao estresse do pai. Ao mesmo tempo em que havia essa escassez de estudos, fez-se importante lembrar do quanto o estado emocional do pai também poderia vir a afetar diretamente o envolvimento paterno e a qualidade das relações familiares (SOUZA; BENETTI, 2009). Desse modo, o estresse entraria exatamente nessa perspectiva, podendo influenciar tal estado emocional.

Entre os principais argumentos que evidenciaram a relevância desta pesquisa, o estresse atinge, na contemporaneidade, 90% da população mundial com consequências sérias aos envolvidos, o que justifica uma preocupação por parte da Organização Mundial de Saúde (JOSÉ, 2012; VIEIRA; ALVES; JUNIOR, 2012) e dos pesquisadores. Por outro lado, foi constatada a relevância do envolvimento paterno, em especial nos primeiros anos de vida da criança, e conseqüentemente a escassez de pesquisas brasileiras que dessem conta de tal fenômeno emergente.

Sendo assim, a presente pesquisa pretendeu contribuir com avanços científicos na área da saúde e sua interface trabalho-paternidade. Em termos teóricos, vislumbrou-se compreender como está a qualidade do envolvimento paterno frente ao estresse do pai, tendo em vista serem poucos os estudos que se referem à temática do envolvimento paterno no contexto brasileiro, principalmente quando se consideram os primeiros anos de vida da criança (SILVA; PICCININNI, 2007). Além disso, buscou-se atentar para dimensões da paternidade – responsabilidade, envolvimento e impacto da relação pai-filho no desenvolvimento infantil.

A contribuição prática advém do fato de a pesquisadora, na sua atuação profissional, contribuir para a promoção de resiliência junto aos pais que estavam mais fragilizados, “com estresse”, já que “projetos de resiliência baseados em concepções de recuperação e superação já se voltam aos que se mostram mais

fragilizados diante das adversidades, com objetivos de fortalecê-los, recuperá-los e torná-los mais fortes” (BRANDÃO; MAHFOUD; NASCIMENTO, 2011, p. 269). Assim, pretendeu-se aproximar da relação complexa e dinâmica que envolve as esferas trabalho-paternidade de modo a contribuir para um envolvimento paterno positivo.

Diante do exposto, o presente estudo de mestrado teve por objetivo geral investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública localizada em Salvador (Bahia). Foi privilegiada uma abordagem multimetodológica, por meio da qual foram utilizadas estratégias quantitativas e qualitativas de modo complementar. Cabe destacar que, apesar de o presente tema ser transversal a várias áreas do saber, ele foi focado sob uma ótica basicamente psicológica. Logo, optou-se por um recorte teórico utilizando o *modelo quadrifásico do estresse* e o conceito de *envolvimento paterno* de modo a aprofundar o tema a partir do lugar de conhecimento ocupado pela mestranda, que é também psicóloga. Entretanto, esta perspectiva não desconsiderou a relevância que outras áreas do saber poderiam trazer ao tema e, portanto, não se teve a pretensão de relativizar o seu alcance, já que, além de o assunto tratado aspirar pela abordagem de várias áreas do conhecimento, esta pesquisa de mestrado foi realizada em um Programa da área interdisciplinar da Capes.

A leitura analítica e interpretativa do material selecionado a partir da revisão de literatura permitiu relacionar os conteúdos levantados ao problema e objetivos de modo a delinear o panorama dos capítulos da presente dissertação. O primeiro deles, **Introdução**, situa o leitor acerca do tema, sua relevância, objeto e objetivo geral. O segundo capítulo, **Revisão de Literatura**, na seção *“Tempos de Estresse? Um olhar para a sociedade contemporânea”*, oferece uma visão integrada da sociedade contemporânea e as fontes de estresse presentes nesse contexto. Em seguida, a seção *“Possibilidades e desafios do homem contemporâneo frente à conciliação entre trabalho e paternidade”* versa sobre o trabalho na atualidade, apresentando especificidades do serviço público, carreira, bem como o desafio contemporâneo para conciliar trabalho-paternidade. Na sequência, a seção *“Família e paternidade em contexto de mudança”* aborda as alterações que as famílias vêm enfrentando e as suas repercussões na paternidade, até a chegada do envolvimento paterno.

No terceiro capítulo, **Método**, são traçadas as estratégias metodológicas, incluindo informações relevantes sobre local e participantes, instrumentos, procedimentos para coleta e posterior análise dos dados. O quarto capítulo, **Resultados e discussão**, apresenta os resultados obtidos, relacionando-os à luz da literatura adotada, incluindo dados sobre o trabalho; fontes de estresse presentes no cotidiano dos participantes; diagnóstico de estresse e predominância de sintomas entre os pais; estresse, trabalho e envolvimento de pais com seu(s) filho(s) pequeno(s) e descrição dos dez casos oriundos das entrevistas semiestruturadas que foram realizadas. Concluindo, o quinto capítulo, **Considerações finais**, traz de modo sucinto os principais achados deste estudo que respondem aos objetivos anteriormente traçados e apontam para a necessidade de pesquisas futuras que venham a aprofundar a temática e dar continuidade ao caminho aqui percorrido.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura a seguir oferece alicerce teórico para atendimento ao objetivo da presente pesquisa. Cabe evidenciar que os temas aqui reunidos estão refletidos nos instrumentos de coleta de dados e os pressupostos adotados a partir da adesão teórica evidenciada balizarão as análises e discussões dos resultados. Os tópicos abordados neste capítulo são: Tempos de Estresse? Um olhar para a sociedade contemporânea; Possibilidades e desafios do homem contemporâneo frente à conciliação entre trabalho e paternidade, e Família e paternidade em contexto de mudança.

2.1 TEMPOS DE ESTRESSE? UM OLHAR PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Diante de tantas adversidades enfrentadas na contemporaneidade, por que o estresse mereceria atenção? Segundo Brito e Rodrigues (2011) “[...] o número de estressores cresce de forma ininterrupta na sociedade contemporânea” (p. 307), e, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o estresse afeta 90% da população mundial, sendo considerado como uma epidemia global que pode acarretar consequências sérias aos envolvidos (JOSÉ, 2012). Deste modo:

[...] os múltiplos estressores da vida pós-moderna geram um intenso desgaste, tanto físico como mental. Eles se acumulam velozmente, causando constante estado de tensão e ansiedade no indivíduo. O fato é que, hoje, o elevado número de estressores converteu o estresse numa patologia comum na sociedade. (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 315)

Essa patologia do estresse, tão presente na sociedade contemporânea, traz prejuízos significativos à saúde dos indivíduos. Foi constatado, por exemplo, o quanto os altos índices de absenteísmo e licenças médicas nas organizações são provenientes do estresse (FILGUEIRAS; HIPPERT, 1999). Além do exposto, Brito e Rodrigues (2011) mencionam que, por meio de estudos clínicos, chegou-se à evidência de que 50% a 75% de todas as idas ao médico são justificadas pelo estresse, sendo este considerado como fator de risco mais preocupante do que o

fumo em termos de mortalidade. Cabe salientar, ainda, que a preocupação se expande às crianças, uma vez que

Através de pesquisas, temos comprovado que o número de crianças estressadas também está aumentando. Isto porque pais estressados tornam estressadas as crianças que um dia também serão os pais estressados de outras crianças nesta mesma condição. (LIPP, s/d, p. 01-02)

Em relação aos fatores etiológicos do estresse que cercam a sociedade contemporânea, merecem destaque: a urgência contínua; o imediatismo; a velocidade instantânea; a busca pelo prazer instantâneo e intenso; o consumo explorado pela cultura enquanto condição primária tanto para o reconhecimento social quanto para o bem-estar. Estes são alguns exemplos de fatores que acabam gerando um ambiente adverso às pessoas (BRITO; RODRIGUES, 2011).

Portanto, os exemplos citados fazem lembrar do quanto “[...] a sociedade contemporânea é caracterizada por um turbilhão de mudanças” (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 308). Ainda conforme estes autores, algumas das principais mudanças que marcam a atualidade são: assaltos; medo do outro; tecnologia avançada; aumento de conflitos e reorganização familiar; casamento de duas casas; globalização; excesso de competição e metas cada vez mais desafiadoras no âmbito profissional; pouco ou nenhum controle sobre as atividades realizadas; aceleração do tempo; diminuição das distâncias e sentimento de competitividade.

Tendo em vista que o trabalho é atualmente concebido como um importante fator gerador de estresse, que por vezes acaba trazendo reflexos para o lar dos trabalhadores, faz-se importante destacar algumas das principais áreas de conflito casa-trabalho que podem levar ao estresse:

[...] sentir-se culpado por não estar em casa para cuidar das crianças; ressentimento por não ficar tempo suficiente com a família; ausência de vida social em virtude de horas de trabalho extremamente longas; exigências dos parentes dependentes em conflito com as responsabilidades do trabalho; remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais [...]. (CAMELO; ANGERAMI, 2008, p. 236)

Considerando, ainda, o mundo do trabalho, Zanelli e outros (2010) mencionam o quanto o século XXI traz consigo muitas pressões por resultados; concorrência globalizada; desemprego e exigência por trabalhadores multifuncionais. Conforme os autores, o Instituto Americano de Estresse evidenciou que 80% de todos os acidentes de trabalho nos Estados Unidos têm o estresse como um dos fatores envolvidos. Ainda nessa perspectiva, não dá para passar imune em uma “[...] época de mudanças na qual os significados em torno do mundo do trabalho estão variando e são cada vez mais incertos” (ZANELLI et al., 2010, p. 17). Estas mudanças, ainda conforme os autores, chegam a deixar trabalhadores, ao retornarem ao trabalho após trinta dias de férias, com receio de estarem desatualizados e serem conseqüentemente descartados.

Fica evidente, portanto, que a sociedade contemporânea apresenta mudanças cada vez mais céleres e, conseqüentemente, é um campo fértil para desencadear o estresse. Entretanto, urge a pergunta: de onde vem esta associação entre mudança e estresse? Desde a década de 60 Homes e Rahe (1967 *apud* LIPP, 2001, p. 01-02) já afirmavam que “[...] toda mudança significativa gera uma necessidade de adaptação por parte do organismo e essa, por sua vez, exerce um papel determinante na patogênese do estresse”. Esta adaptação se dá por meio da utilização pelo organismo das reservas de energias que possui, enfraquecendo, em conseqüência, as resistências física e mental, o que pode originar doenças diversas. Curioso perceber, por exemplo, o quanto “[...] as mudanças ocorridas no nível da organização da sociedade estão correlacionadas com a saúde” (LIPP, 2011, p. 02). Ainda nessa perspectiva da autora, enquanto no século passado a infecção era a principal causadora de mortes, hoje é inegável que esta causa foi substituída pelas doenças cardiovasculares.

Está posto o que Bauman chama de *sociedade líquida*. Tendo em vista que “[...] os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 8), o autor utiliza-se da metáfora da “fluidez” para descrever a atual sociedade. Sob esta ótica, a sua principal característica é não manter a forma por muito tempo, quebrando o que está prestes a se solidificar e então substituindo vorazmente o velho pelo novo, nos seus mais diversos aspectos, imperando a necessidade de “descartar” e “substituir”. É a chamada *síndrome consumista* que

“[...] degradou a duração e elevou a efemeridade. Ela ergue o valor da novidade acima do valor da permanência” (BAUMAN, 2008, p. 111).

A base da sociedade atual está instalada no consumo, sendo este o responsável por ditar as regras vigentes de modo que “[...] o ter adquire mais valor do que o ser, e as relações tornam-se instáveis e superficiais. Assim, os alicerces emocionais se fragilizam perante as determinações de comportamento do mercado” (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 310).

A partir da lógica do mercado, produtos encantadores são celeremente construídos e projetados de modo a incutir no sujeito a sensação de que a sua felicidade está em adquiri-lo imediatamente – e descartá-lo depois. As crianças crescem nesse ritmo e desde cedo começam a ditar em casa o que querem para que os pais logo comprem, consumam. Mas, por detrás desta teia de consumo, o sujeito precisa ter capital para comprar, e essa aquisição advém do seu trabalho. Portanto, se os desejos por consumo são crescentes e incessantes, proporcionalmente cresce a “necessidade” por trabalhar mais, ganhar mais e consumir mais.

Deste modo, menos tempo é dedicado ao lazer, à família, aos filhos, e as consequências não tardam por vir, já que “[...] o excesso de trabalho tem repercussões negativas importantes, quer na vida dos trabalhadores, quer no equilíbrio entre sua vida profissional e familiar” (ZANELLI et al., 2010, p. 20). Surgem então pessoas ansiosas, com quadros de estresse que acabam impondo sobre si metas inalcançáveis e irrealizáveis. Estas passam a tentar substituir a sua presença em casa por mais produtos de consumo e então o ciclo vicioso está posto. Mais perigoso é que o consumo não cessa no produto consumido, proliferando-se também nas relações humanas. Estas então são exploradas e consumidas como meros produtos a serem utilizados, sendo descartados logo que outras pessoas ou oportunidades sejam tidas como mais promissoras ou interessantes (BAUMAN, 2008). Diante disso, os profissionais de saúde mental precisam estar atentos ao cenário que explode em estresse, relações instáveis e proliferação de doenças cardiovasculares. Surge a necessidade de um olhar atento, compreensivo e crítico, que não se acomode meramente ao que está posto:

Cabe aos profissionais de saúde mental a tarefa de lidar com os efeitos de tais processos sociais sobre a segurança e sobre a saúde mental, e entender as relações entre os altos índices de prevalência de transtornos ansiosos e as condições de vida na sociedade contemporânea. (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 318)

A compreensão deste cenário implica a identificação das fontes de estresse presentes na sociedade contemporânea, estas que podem ser levantadas mediante pesquisas com os pacientes submetidos a tratamento específico para o estresse, ou seja, populações clínicas. Além destas, pesquisas em instituições de ensino e organizações não universitárias bem como levantamento do índice de estresse entre funcionários de empresas podem trazer importantes contribuições (LIPP; MALAGRIS, 2004).

Tendo em vista que o termo estresse é usualmente utilizado e por vezes pouco compreendido, faz-se relevante apresentar uma conceituação mais precisa acerca do mesmo e os prejuízos que ele pode acarretar, justificando a preocupação da OMS anteriormente referida.

2.1.1 Breve evolução do conceito de estresse

Inicialmente, cabe trazer à tona que não é de hoje que o conceito de estresse vem sendo formulado e aprofundado, e isto se deve às enormes contribuições de descobertas científicas.

Etimologicamente, a palavra estresse vem do latim e significa adversidade, pressão, esforço. De modo geral, pode-se definir estresse como uma resposta não específica do organismo diante de uma situação interpretada como ameaçadora. Essa resposta procura reestabelecer o equilíbrio do organismo uma vez que ele tenha sido mobilizado para uma ação de luta ou fuga. (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 314)

Embora atualmente se tenham conseguido avanços sobre o tema, muito ainda está por esclarecer, o que justifica não ser pequeno o número de investigações e estudos científicos sobre o estresse e as suas implicações na contemporaneidade (OLIVEIRA, 2007).

Até o século XVII o termo estresse era utilizado como sinônimo de aflição e adversidade. Foi no século XX que pesquisas importantes sobre o tema vieram à tona. Um dos pioneiros nesse assunto, responsável no âmbito científico por contribuições relevantes que, salvo algumas atualizações, perduram até hoje em sua essência, é o endocrinologista Hans Selye (FILGUEIRAS; HIPPERT, 1999). Segundo Oliveira (2007), foi em 1926 que este endocrinologista estava realizando estudos na Universidade de Praga quando observou que todos os pacientes que apresentavam quadros patológicos demonstravam sintomas não específicos e sem diagnóstico. Inicialmente chamou esse conjunto de sintomas como “síndrome geral de estar doente” e em seguida “síndrome apresentada por vários agentes nocivos”.

Dez anos se passaram quando em 1936 Selye chegou a uma definição de estresse, afirmando que este seria resultado de um conjunto de reações desencadeadas no organismo a partir de eventos que exigissem dele um esforço maior de adaptação, dando o nome de “Síndrome Geral de Adaptação”. Estas reações sinalizavam para uma quebra do estado de equilíbrio orgânico – chamada por Selye de homeostase e considerada muito necessária à sobrevivência e regulação interna do organismo (LIPP; MALAGRIS, 1995).

O referido endocrinologista propôs em 1956 um modelo teórico para o estresse intitulado como *modelo trifásico*, sendo que nele eram considerados como distintos os caminhos percorridos pelo estresse no organismo. As fases embutidas nesse modelo eram chamadas de *alarme*, *resistência* e *exaustão*. A fase de *alarme* é a primeira resposta que o organismo dá a um estímulo estressor – seja ele positivo ou negativo. Aqui encontram-se as alterações fisiológicas oriundas da ativação do sistema imunológico. Se o estímulo estressor insistir decorre a segunda fase, de *resistência*, por meio da qual o organismo busca uma nova homeostase, desencadeando no organismo um desgaste maior que o habitual. Se não houver nada que reverta o quadro em relação às fontes estressoras, surge então a fase de *exaustão*, caracterizando-se por um esgotamento dos recursos pessoais para enfrentamento do estresse. Nessa fase geralmente instalam-se enfermidades graves que podem inclusive levar à morte (OLIVEIRA, 2007).

Entretanto, o estresse não pode ser considerado por si só como ruim ou prejudicial e, nessa vertente, Lipp (2004) propõe um conceito atual que é reconhecido pela sua abrangência para compreensão desse fenômeno. Para a

autora, o estresse é uma reação psicofisiológica complexa que surge como tentativa do organismo em lidar com algo que ameaça a sua homeostase, independente se esse algo for positivo, negativo, real ou virtual. Nesse sentido,

A reação do *stress* pode ocorrer em face de estressores inerentemente negativos, como no caso de dor, fome, frio ou calor excessivo, ou em decorrência da interpretação que se dá ao evento desafiador. (LIPP, 2004, p.17)

Pondo em outras palavras, o estresse surge a partir de momentos de tensão excessiva que acabam por provocar um desequilíbrio no funcionamento do organismo. Caso o equilíbrio/homeostase seja reestabelecido em seguida, a pessoa não sofre maiores prejuízos. O problema se dá quando o desequilíbrio orgânico é muito intenso ou prolongado, acarretando baixa do sistema imunológico, que abre portas à instalação de doenças diversas, além de perdas no âmbito social, relacional, familiar e laboral (LIPP, 2001).

2.1.2 Modelo Quadrifásico do Estresse

Foi a partir de inúmeros estudos consistentes sobre o tema, além do acompanhamento de pacientes com quadros de estresse crônico, que a pesquisadora Marilda Lipp, deveras conhecida pela sua dedicação à temática do estresse, trouxe à tona uma atualização do modelo teórico anteriormente proposto por Selye.

Antes de abordar propriamente o modelo de estresse proposto por Marilda Lipp, cabe destacar pontos importantes do percurso de formação da pesquisadora que refletem o seu engajamento com a referida temática. Ela é psicóloga pela American University, mestre e PhD pela George Washington University e tem pós-doutorado em *stress* social realizado no National Institute of Health, nos EUA. Presidente emérita da Associação Brasileira de *Stresse* membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV), há mais de 20 anos investiga a temática do estresse no Brasil, Estados Unidos, China e Europa. A autora atuou junto ao Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do *Stress* (LEPS) da PUC-Campinas e fundou o Instituto Psicológico de Controle do *Stress* (IPCS), este

que tem matriz em Campinas, filial em São Paulo e é referência na temática do estresse e qualidade de vida.

Em relação ao Modelo Quadrifásico do Stress, o mesmo teve origem quando Marilda Lipp incluiu a fase “quase-exaustão” entre as fases de “resistência” e “exaustão” anteriormente descritas no modelo Trifásico de Selye. O mesmo ocorreu mediante a sua observação do quanto esta fase apresentava características específicas que mereciam destaque, como o fato da resistência física e emocional começarem a romper devido a uma tensão que já não conseguia ser administrada pelo organismo. Daí adveio o Modelo Quadrifásico do Estresse proposto pela autora como uma atualização do Modelo Trifásico concebido por Selye e que alavancou estudos na área (OLIVEIRA, 2007).

Muitos destes estudos foram viabilizados por meio de aplicação de inventário científico também elaborado por Marilda Lipp – Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos (ISSL), o qual foi validado para a população brasileira e reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia como favorável para uso. Tal instrumento possibilita detectar se a pessoa apresenta um quadro de estresse, em que fase está e se a predominância de sintomas é física ou psicológica (LIPP, 2005).

Cabe destacar que, conforme apontado anteriormente, o estresse não é necessariamente prejudicial ao organismo e em doses moderadas é inclusive necessário para a sobrevivência humana. Por meio do estresse, o organismo detém adrenalina/dopamina que fornece à pessoa vigor, ânimo e energia para realizar novos feitos, ser criativa e se relacionar. Entretanto, o problema é quando o estresse atinge níveis elevados e, conseqüentemente, acaba por absorver as reservas de energia do organismo, podendo acarretar, em estágios avançados, prejuízos por vezes irreversíveis. Portanto, quando o ISSL detectar que a pessoa apresenta estresse, significa que esta o possui em níveis clínicos elevados no organismo a partir dos sintomas identificados pelo instrumento. Os que apresentam alguns sintomas de estresse, mas este não chega a um nível excessivo, não são tidos como apresentando diagnóstico de estresse conforme o ISSL (LIPP, 2005).

Em relação aos principais sintomas de estresse presentes em cada fase do atual modelo teórico proposto por Lipp (2005), tem-se brevemente:

Fase Alerta – dificuldade para dormir, excesso de energia, tensão mental e muscular, taquicardia, sudorese, perda do apetite e por vezes acentuada irritabilidade.

Fase Resistência – queda na criatividade e produtividade, cansaço, prejuízos à memória se iniciam, sensação de estar doente.

Fase Quase-exaustão – insônia, diminuição da libido, cansaço, sensação de desgaste, falhas de memória, elevada ansiedade, prejuízos no humor e início de doenças.

Fase Exaustão – sono de curta duração, não trazendo a sensação de descanso, desaparecimento quase total da libido, desinteresse pelo trabalho, sensação de desgaste, cansaço e surgimento de doenças graves (depressão, úlceras, psoríase, diabetes, enfarte etc.), algumas vezes chegando ao óbito.

Cabe destacar que, de modo geral, na fase de *exaustão* faz-se necessário um acompanhamento interdisciplinar, tendo em vista alguns ou muitos órgãos serem afetados. Entretanto, a autora alerta que o mais indicado não é esperar chegar a tal fase, e sim compreender desde o princípio o que está gerando tal desequilíbrio no organismo. Para tal, faz-se necessário identificar as fontes de estresse, ou seja, eventos internos ou externos que estão interagindo para provocar o quadro instalado; aliviar os sintomas desencadeados e fortalecer o organismo a partir do mapeamento dos recursos que a pessoa dispõe e de outros que podem ser desenvolvidos para lidar com o cenário em questão. De modo bem sintético, este é o tripé que ancora o tratamento do estresse, e o quanto antes ele se inicia, mais promissor e eficaz pode vir a ser (LIPP, 2005).

A partir do exposto, fica evidente que não é o estresse em si que provoca prejuízos para o sujeito, mas o seu excesso ou prolongamento no organismo. Entretanto, como saber se o estresse é demasiado, excessivo ou prolongado para o indivíduo? “O que desencadeia ou não a resposta [de estresse] não é a situação em si, mas a avaliação que é feita dela” (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 314). Pondo de outro modo, considerar se o estresse é positivo (eustresse) ou negativo (distresse) vai depender da interpretação do sujeito frente às situações que o circundam (FILGUEIRAS; HIPPERT, 1999).

Portanto, há que se levar em consideração principalmente o significado que o sujeito atribui às suas vivências, este que está amparado em experiências de vida a serem consideradas. Desse modo, o que é tido como fator estressante para uns, pode ser encarado de modo diferente para outros, tendo em vista a singularidade e peculiaridade humana. Assim:

Ao se deparar com um evento qualquer no ambiente, o indivíduo recebe informações da situação através dos seus órgãos sensoriais e esses estímulos dirigem-se ao encéfalo, onde serão traduzidos em percepções. A interpretação que o organismo dá ao evento depende: das suas experiências anteriores com o evento; do contexto em que o mesmo ocorre; e das suas características de personalidade. Se o evento é visto como ameaçador, o circuito neural de luta e fuga é ativado. (SARDÁ; JABLONSKI; LEGAL, 2004, p. 22)

Apesar de a sociedade contemporânea guardar em si inúmeras fontes de estresse que expõem o sujeito aos seus efeitos deletérios, estas por si só e isoladamente não definem o quadro de saúde do sujeito e a sua gravidade. É a interação do sujeito com o seu contexto, o significado que atribui aos eventos, o quanto estes sinalizam perigo, ameaça ou desafio, além do suportável pelo organismo bem como a sua vulnerabilidade biológica e características de personalidade que vão atuar de modo complexo e dinâmico com os fatores externos para então trazer à tona o acometimento, ou não, de quadros de estresse clínico nos mesmos. Em relação às características de personalidade apontadas pela literatura como principais fontes internas de estresse, destacam-se as seguintes: perfeccionismo, autocobrança, expectativas irrealistas, percepções distorcidas e enviesadas da realidade etc. (LIPP; MALAGRIS, 1995).

Nessa perspectiva, especialmente a terapia cognitivo-comportamental tem contribuições importantes a trazer, estando inclusive na base do Modelo Quadrifásico de Estresse elaborado por Marilda Lipp, conforme detalhado a seguir.

2.1.3 Influência do processamento cognitivo no desencadeamento do estresse

Torna-se relevante reforçar o que já foi posto acerca da complexidade que gira em torno do conceito “estresse” e as diversas formas de compreender e abordar

o fenômeno. Para ilustrar, “[...] encontram-se vinte e oito significados para o termo *stress* no dicionário Oxford Long English Dictionary” (FILGUEIRAS; HIPPERT, 1999, p. 47). Assim, o modelo cognitivo-comportamental é apenas um destes caminhos.

Sob a ótica da terapia cognitivo-comportamental (TCC), as pessoas dão significado à realidade, e isto ocorre mediante as interpretações pessoais atribuídas aos fatos. A partir disso, consolidam verdades sobre a sua identidade e comportam-se de modos específicos (BAHLS; NAVOLAR, 2004). Portanto, a premissa básica da TCC é a de que o que incomoda as pessoas não são os fatos em si, mas as interpretações dadas aos mesmos (BECK, 1997). Essas interpretações podem estar ancoradas na realidade ou, por outro lado, fundamentadas em percepções enviesadas e distorcidas que por vezes estão amparadas na história de vida do indivíduo e em crenças aprendidas e fortalecidas sobre si mesmo, o outro e o mundo que foram incorporadas desde a mais tenra infância, já que

[...] a maneira como estes indivíduos enfrentaram situações estressantes, “traumáticas” na infância, influenciaria um tipo de resposta, nem sempre satisfatória, de lidar com estas emoções na vida adulta, que estaria estreitamente vinculada às crenças formadas. (FILGUEIRAS; HIPPERT, 1999, p. 44)

Em outras palavras, os esquemas cognitivos (conjunto de crenças) são formados precocemente no desenvolvimento do indivíduo e acabam atuando como “filtros” para as experiências presentes que são processadas. Assim, um esquema do tipo “É impossível eu ser amado”, mesmo que inativo em algumas circunstâncias, pode vir a ser ativado em contextos similares às experiências iniciais infantis que marcaram a formação e desenvolvimento deste esquema e precipitar a sua ativação. Quando isto ocorre, de modo geral, “[...] interfere na capacidade da avaliação objetiva de eventos, e o raciocínio torna-se prejudicado” (KNAPP; BECK, 2008, p. 57-58). Portanto, o aparato cognitivo humano, nessa concepção cognitivo-comportamental, é constituído por camadas mais superficiais chamadas de *pensamentos automáticos*, camadas intermediárias tidas como *crenças intermediárias* e camadas cognitivas mais profundas, as famosas *crenças centrais*. Esse conjunto cognitivo atua de modo interligado às emoções e comportamentos, gerando sistemas complexos. Nesse modelo,

Os significados são construídos pelo indivíduo, ou seja, não são componentes preexistentes da realidade. No entanto, tais significados podem constituir-se como corretos ou incorretos em relação a um contexto ou objetivos específicos. Os significados ditos incorretos são denominados como “disfuncionais” ou “mal-adaptativos” no que se refere à ativação dos sistemas. Os erros (distorções cognitivas) podem acontecer tanto em relação ao conteúdo cognitivo propriamente dito (significado) como em relação ao processo de elaboração de significado (processamento cognitivo) (BRITO; RODRIGUES, 2011, p. 312).

Quanto mais rígidos, disfuncionais e irracionais atuarem esses “sistemas cognitivos”, mais interferirão negativamente nas emoções e comportamentos do sujeito e incidirão como fontes internas mantenedoras das psicopatologias, dentre as quais tem destaque o estresse excessivo. Por exemplo, não seria estranho admitir que pessoas mais susceptíveis a crenças voltadas ao medo e perigo, tendo sobre si o pressuposto rígido sobre si mesmo: “Sou frágil”, sobre os outros: “Os outros querem me prejudicar” e sobre o mundo: “O mundo é perigoso”, tenderão a encaixar a realidade de algum modo nessas premissas, tendo emoções mais frequentes de medo e ansiedade e comportamentos de fuga ou esquivas. Neste ciclo, estas pessoas acabam superestimando os riscos e subestimando os recursos para enfrentá-los (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 1997), quadro típico de estresse. Para a terapia cognitivo-comportamental, o estresse tem uma dimensão biopsicossocial, pois considera

[...] os estímulos estressores provenientes tanto do meio externo (estímulos de ordem física ou social, como o trabalho), quanto do interno (pensamentos, emoções, fantasias e sentimentos, como angústia, medo, alegria e tristeza). (FILGUEIRAS; HIPPERT, 1999, p. 42)

A partir do exposto, como a terapia cognitiva atua junto aos pacientes? Inicialmente ela está amparada na seguinte tríade: a cognição tem sempre um papel de mediação entre os eventos e a resposta comportamental a eles direcionada; a atividade cognitiva pode ser monitorada e avaliada; as mudanças cognitivas podem provocar alterações emocionais e comportamentais, sendo a chave da intervenção (KNAPP; BECK, 2008). Assim, uma das principais funções da TCC está em, por meio do vínculo e aceitação incondicional do paciente, inicialmente identificar os

padrões e estilos de pensamento aprendidos por ele, as situações-gatilho por meio das quais os pensamentos disfuncionais são ativados e a adoção de estratégias que venham a contribuir para que o paciente possa identificar e avaliar seus pensamentos, antes tidos como verdades absolutas inquestionáveis.

Em seguida, torna-se fundamental auxiliar o paciente a encarar os pensamentos como meras hipóteses a serem testadas na realidade de modo a proporcionar uma reestruturação cognitiva a partir daquelas que forem refutadas pelas experiências cotidianas, desenvolvendo, assim, crenças mais adaptativas e funcionais. Em resumo, a TCC considera que “[...] os sintomas e os comportamentos disfuncionais são cognitivamente mediados e, logo, a melhora pode ser produzida pela modificação do pensamento e de crenças disfuncionais” (KNAPP; BECK, 2008, p. 56). Segundo Lipp (2001, p. 03), esse processo possibilita a “reformulação de pensamentos estressógenos”. Entretanto, há que se esclarecer que algumas crenças dos pacientes estão amparadas em problemas reais enfrentados, não sendo nesse caso a solução reestruturá-las, e sim ensinar ao paciente o manejo de estratégias para resolução de problemas (BECK, 1997).

Portanto, fica posto que o estresse é atualmente considerado como uma condição que permeia o indivíduo e a sociedade contemporânea e, se encarado em doses adequadas, pode ser um útil aliado à criatividade e produtividade humanas. Entretanto, uma era que valoriza tanto a produtividade e mais ainda o consumo, não pode desconsiderar que, se as energias do sujeito forem consumidas a tal ponto que não cheguem a ser repostas, o seu aparato orgânico tão logo dará sinais de fadiga, cansaço, exaustão. Ficar atento aos sinais e buscar cuidados adequados para que o quadro não se agrave faz-se não apenas importante, mas necessário na sociedade contemporânea. Se nada for feito, o ciclo vicioso trará respostas nada leves para as famílias, organizações e sociedade como um todo.

2.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO FRENTE À CONCILIAÇÃO ENTRE TRABALHO E PATERNIDADE

O trabalho tem um papel primordial, por meio do qual homens e mulheres garantem a subsistência pessoal familiar, ao mesmo tempo em que constroem a sua identidade pessoal e se socializam (BARHAM; VANALLI, 2012; RODRIGUES;

BASTOS, 2013). Historicamente, o trabalho impactou as esferas social e privada, tendo em vista que mudanças no trabalho influenciaram a vida da cidade e da família. Nesse sentido, conforme apontam Figueira e Velho (1981), a crise vivenciada na família advinha do desaparecimento da vida coletiva que antes era a essência do papel urbano. Assim, a separação trabalho/família é de certo modo recente, e até nota-se um movimento para que se unam novamente, o que é percebido por meio do teletrabalho, educação a distância etc.

Apesar da relevância que o trabalho tem na vida de ambos os gêneros, será aqui priorizado o masculino, tendo em vista que o presente estudo faz um recorte do pai, homem e trabalhador. Nesse sentido,

O trabalho é muito mais do que o instrumento da sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem. É condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si, que lhe permite dizer: *eu sou*. (SARTI, 2007, p. 88)

O trabalho é essencial, mas não único, para a construção da identidade masculina e afirmação da sua virilidade, já que “[...] um homem, para ser homem, precisa também de uma família. A categoria *pai de família* complementa a autoimagem masculina” (SARTI, 2007, p. 95).

Entretanto, a escassez do tempo disponível e as exigências laborais revelam ao pai contemporâneo uma nova preocupação – ele começa a sentir a respectiva paternidade aquém do que almeja no que se refere ao engajamento e participação próxima e ativa no cuidado dos filhos (HENN; PICCININNI, 2010; BELTRAME; BOTTOLI, 2010; PICCININNI et al., 2012; GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013).

Lamb e outros (2004, *apud* ARRAIS, 2012) associam a quantidade de tempo dispensado pelo pai à criança e a qualidade desse tempo como essenciais para a construção de um envolvimento paterno positivo.

Portanto, o trabalho pode trazer à tona aspectos importantes para o pai, ao mesmo tempo em que impõe restrições diversas na relação pai-filho, podendo vir a comprometê-la sobremaneira (HENN; PICCININNI, 2010), seja pelo ritmo acelerado ou pela sua precariedade, pelas exigências que frequentemente reduzem o tempo

de convivência entre ambos (PETRINI, 2010), pelo cargo e nível de escolaridade do pai ou sua jornada de trabalho, sendo que os cargos de maior prestígio e maiores níveis de escolaridade são preditores de maior envolvimento do pai com a criança (SOUZA; BENETTI, 2009; ARRAIS, 2012).

Assim, o pai contemporâneo se defronta com o papel fundamental de conciliar trabalho-paternidade e, nesse cenário, o presente capítulo tem por objetivo identificar os principais aspectos que possibilitam a conciliação trabalho-paternidade e outros que se apresentam como desafios a serem encarados. Antes de adentrar nessa tônica, torna-se imprescindível informar que serão focalizadas peculiaridades do serviço público ao se abordar a carreira profissional e a conciliação trabalho-paternidade.

2.2.1 Servidores públicos: prazer e sofrimento no trabalho

A nomenclatura servidor público é designada aos trabalhadores que prestam serviços ao Estado e às entidades da Administração Indireta, tendo vínculo empregatício e remuneração garantida pelos cofres públicos. Logo, esta denominação abrange desde servidores estatutários quanto os empregados ou funcionários públicos, ambos que ingressam no serviço público mediante concurso público com a diferença dos dois últimos serem regidos pelo regime da CLT (NUNES; LINS, 2009).

O servidor público abarca um grupo heterogêneo pela sua diversidade de vínculos ao qual está submetido – concursado, prestador de serviço ao estado, ocupante de cargo de confiança, e amplitude de categorias profissionais: juiz, ministro, analista ou técnico judiciário etc. (MINARI, 2007).

De modo geral, o termo servidor público traz consigo uma dualidade paradoxal: ao mesmo tempo em que remete a um símbolo de poder e *status* social pela estabilidade do emprego e melhores condições salariais, em sua maioria, por outro lado, carrega o estigma destes trabalhadores serem pouco qualificados ou pessoas que não querem trabalhar, os considerados “marajás” (MINARI, 2007). Entretanto, os servidores públicos federais são, em sua maioria, melhor qualificados, possuindo curso superior completo e escolaridade superior quando comparados com trabalhadores do setor privado (MARCONI, 1997). Isto justifica, inclusive, a

aprovação prévia dos servidores em concursos públicos que, de modo geral, apresentam uma alta concorrência por cada vaga em aberto. Além do mais, a melhor qualificação dos servidores públicos se torna essencial “[...] para prestarem serviços à altura das exigências apresentadas” (RODRIGUES; BASTOS, 2013, p. 145).

De modo geral, os servidores públicos realizam trabalhos do tipo predominantemente intelectual e estão inseridos em rotinas de trabalho fragmentadas, rígidas e embasadas em normas jurídicas que são, em sua maioria, complexas e até por vezes contraditórias. Em termos de números, em 2009 o contingente de servidores públicos ativos do Executivo chegava a 528.000, espalhados pelos 27 estados da Federação (NUNES; LINS, 2009). Mesmo sendo numerosos e tendo suas peculiaridades, conforme Nunes e Lins (2009), tais trabalhadores têm sido pouco investigados.

Um dos estudos realizados com servidores públicos foi o desenvolvido por Nunes e Lins (2009). Segundo eles, em relação às fontes de prazer mais apontadas por essa categoria ampla e diversa, tem destaque a estabilidade financeira. Já o estilo de gestão técnico-burocrático e rígido mostra-se responsável pelo sofrimento dessa categoria.

Outras pesquisas alargam estes pontos e elucidam formas de instabilidade e precarização do trabalho ao qual estão submetidos muitos servidores públicos, como a privatização de empresas públicas, que traz consigo demissões em massa; terceirização de setores dentro da empresa, além de deterioração da imagem desse trabalhador, culpando-o sobremaneira pelas deficiências no serviço público (LANCMAN et al., 2007 *apud* NUNES; LINS, 2009).

Dentre outras fontes de sofrimento detectadas na vivência de trabalhadores em serviços públicos diversos, tem-se: medo da perda de emprego em detrimento de possíveis decisões erradas que incitem abertura de processos administrativos; por vezes não terem garantido momento de pausa laboral; excesso de tarefas e responsabilidades; carga horária excessiva/extensa; pressões por desempenho e por vezes opressão pelos superiores; injustiça no ambiente de trabalho; falta de autonomia; estagnação profissional, além de tempo escasso para se dedicarem à família (MINARI, 2007).

Não seria de estranhar que as mesmas pesquisas que encontraram os resultados mencionados anteriormente deflagrem um cenário preocupante de saúde dos trabalhadores que atuam no serviço público. Quadros de estresse nas fases mais avançadas, distúrbios do sono e dificuldades na área da saúde foram frequentes. Interessante ter sido evidenciado em pesquisa específica junto a 75 magistrados da Justiça do Trabalho realizado por Lipp e Tanganelli (2002 *apud* MINARI, 2007), que a estratégia de enfrentamento mais utilizada pelos participantes para lidarem com as adversidades do trabalho foi a de conversar com o cônjuge, refletindo o papel de suporte que a família pode oferecer diante das dificuldades impostas pelo trabalho.

2.2.2 Carreira profissional

Segundo Faria e Rachid (2007) e Vanalli (2012), até a década de 70 era clara, no Brasil, a divisão entre tarefas desempenhadas por homens e mulheres. As atividades domésticas e de cuidado dos filhos e familiares eram consideradas de cunho eminentemente feminino; em outro polo, estava o papel de provedor amparado no sustento financeiro oriundo do trabalho que era realizado pelos homens na esfera pública.

Esse cenário mudou e, a partir do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, os homens foram chamados para contribuir com a sua presença no lar. Assim, atualmente homens e mulheres vivenciam papéis múltiplos, dividem as rendas financeiras proporcionadas pelos seus trabalhos e se desdobram em partilhar tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Daí é que podem advir os conflitos trabalho-família. Cabe destacar que

[...] os trabalhadores que mais sofrem esses conflitos entre o trabalho e a família são as mulheres com filhos pequenos e os casais com dupla carreira, em que o homem e a mulher trabalham em tempo integral. (FARIA; RACHID, 2007, p. 92)

É importante esclarecer que a carreira pode ser conceituada quando uma determinada ocupação profissional requer elevado grau de compromisso e tem caráter de desenvolvimento contínuo, sendo encarado, geralmente, como importante

fonte de satisfação pessoal (RIBEIRO, 2010). De modo geral, estão aqui incluídas as ocupações de formação superior, mediante as quais os sujeitos se engajam em trabalhos que estimulam uma contínua capacitação da área, provida por meio de cursos de especialização, mestrado, doutorado etc.

Para exemplificar a influência da carreira no âmbito familiar, em estudo que investigou estresse no trabalho, depressão e conflito trabalho-família com 1.201 homens e mulheres com carreira em Direito, que eram casados e que tinham jornada de trabalho integral, foi constatado que o apoio do cônjuge e dos colegas de trabalho foram mencionados como pontos que favoreciam a conciliação trabalho-família (WALLACE, 2005 *apud* TUCUNDUVA, 2009).

Em outro estudo que buscou comparar o comprometimento profissional de mães e pais advogados, verificou-se que, enquanto as primeiras referiam mais demandas da família, os homens relataram mais demandas do trabalho (WALLACE, 2008 *apud* TUCUNDUVA, 2009). Nesse sentido, cabe destacar que outros estudos apontam para a diferença de gêneros na vivência dessa relação família-trabalho.

Segundo MacEwen e Barling (1994 *apud* RIBEIRO, 2010), enquanto os homens apresentam mais sintomas depressivos e ansiosos quando as responsabilidades da vida familiar interferem no trabalho, as mulheres experimentam os mesmos sintomas quando a realidade é inversa, ou seja, quando as demandas do trabalho interferem no contexto familiar.

Esse cenário pode ilustrar o quanto as mudanças são gradativas e incipientes. Ou seja, mesmo sendo notória a maior participação e engajamento do pai no âmbito familiar, principalmente no que diz respeito ao cuidado e educação dos filhos, não é de se estranhar que o homem ainda tenha enraizado o compromisso profissional como uma meta de antigo provedor, cabendo-lhe um investimento na carreira que por vezes acaba deixando lacunas no que concerne ao espaço que o seu lar ocupa nessa realidade. Sabendo disso, as empresas por vezes utilizam-se desse “ponto fraco” masculino para acirrar as diferenças de gênero, tendo em vista ser

[...] notória a predileção dos empregadores para investir no desenvolvimento profissional de funcionários do sexo masculino, com busca maior por homens no que se refere ao investimento em

treinamentos e oportunidades de ascensão na carreira, resultando em maior remuneração e maior incentivo para o desenvolvimento profissional. (VANALLI, 2012, p.33)

Assim, ainda é grande o número de homens que dedicam muito tempo à carreira, o que acaba refletindo em menor engajamento nas responsabilidades familiares (BARHAM; VANALLI, 2012). Trabalhar em horário integral e assumir responsabilidades profissionais que dependam de horas extras (BARHAM; VANALLI, 2012) são alguns exemplos. Esse cenário por vezes acaba reduzindo o tempo disponível do pai e, conseqüentemente, leva a uma menor participação dele no cuidado do filho (PICCININNI et al., 2004; HENN; PICCININNI, 2010).

2.2.3 Conciliação trabalho e paternidade: possibilidades

Barham e Vanalli (2012) propõem um *modelo de facilitação* que busque identificar efeitos positivos dos envolvimento no âmbito laboral sobre a vida familiar e vice-versa, ao invés de focar apenas nos conflitos. Nessa perspectiva, os pais e também trabalhadores lançam mão de recursos pessoais (escolaridade, renda, idade, expectativa em relação à vida) e externos (trabalho, relação conjugal, cuidados domésticos, filhos) para atender às demandas profissionais e familiares. Se perceberem estes recursos como adequados, conseqüentemente os pais terão percepções de satisfação com essas esferas, o que influencia o seu estado psicológico de modo geral.

Interessante refletir os dados oriundos de pesquisa realizada com 211 funcionários de uma organização privada de médio porte na cidade de São Paulo. A grande maioria dos participantes era de homens (91%), e as respostas elucidavam que as “[...] responsabilidades familiares quase nunca afetam sua participação em atividades profissionais, mas por outro lado, o trabalho os leva a passarem por conflitos na sua vida pessoal, em média, uma vez por mês” (SANJUTÁ; BARHAM, 2005, p. 57). Essa realidade não é de estranhar, tendo em vista que “entre homens, de maneira geral, ser casado e ter filhos são fatores sociodemográficos associados a maior estabilidade e dedicação de tempo ao trabalho” (BARHAM; VANALLI, 2012, p. 49).

Alguns aspectos destacados na literatura que podem contribuir para que o pai esteja adequadamente engajado nos âmbitos profissional e familiar são: divisão de tarefas familiares e redução de carga horária de trabalho (SOUZA; BENETTI, 2009); a promoção de horários de trabalho alternativos e flexíveis (BARHAM; VANALLI, 2012), ou mesmo licença para o afastamento profissional por períodos específicos. Algumas empresas adotam também a oferta de treinamentos que focam estratégias de conciliação entre trabalho, família e medidas de gerenciamento de estresse (FARIA; RACHID, 2007).

Em relação à jornada de trabalho, foi realizada recentemente uma pesquisa com cinquenta pais recrutados em treze instituições de educação infantil de quatro cidades do Estado de Santa Catarina. Os pais que participaram do estudo tinham renda variando entre 5.100,00 e 8.000,00 reais, sendo considerado que tanto a renda quanto a escolaridade dos pais era relativamente alta, apesar de estas não terem sido adotadas como critérios de inclusão ou exclusão. Quanto aos filhos, a idade deles variou entre quatro e seis anos de idade. Os resultados evidenciaram que, quando a carga horária de trabalho é de até 30 horas semanais, o engajamento paterno de modo geral é consideravelmente maior (GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013).

Foi também demonstrado o quanto o estilo de gestão laboral pode interferir sobremaneira nesse processo, já que “o nível de estresse sofrido por um empregado que tenta conciliar as demandas da sua família com as demandas do seu emprego irá variar, dependendo de quem for seu superior” (BARHAM; VANALLI, 2012, p. 57). Nesse sentido, os autores afirmam que as crenças dos gerentes em relação à maior ou menor importância nesta conciliação irão influenciar significativamente no seu estilo de gestão, podendo estes se mostrarem mais compreensivos com pais que têm filhos pequenos ou adotarem padrões rígidos que desconsiderem estas peculiaridades.

Outra estratégia utilizada por algumas organizações, no que toca à conciliação trabalho-família, tem sido o “oferecimento de grupos de apoio para pais que passaram por licença maternidade e paternidade” (JÚNIOR et al., 2013, p. 115). Essa é uma estratégia bastante promissora tendo em vista que, abrir espaço de fala para os trabalhadores trazerem à tona questões ligadas à família, pode contribuir para a construção de reflexões e implementação de estratégias que venham a

fortalecer o equilíbrio em ambos os domínios, além de favorecer uma maior integração entre os colegas de trabalho.

Os recursos pessoais dos pais trabalhadores para lidarem com papéis múltiplos também se mostram fundamentais para tal conciliação, quais sejam:

[...] uso de habilidades metacognitivas para planejar, monitorar, regular e avaliar os resultados [...]; habilidades para enfrentar o estresse, focadas na resolução de problemas e autorregulação emocional; e as habilidades sociais, que facilitam a comunicação e coordenação de esforços com as demais pessoas que fazem parte dos diferentes contextos. (BARHAM; VANALLI, 2012, p. 57)

Em síntese, tanto o trabalhador quanto a organização podem ser beneficiados pelo equilíbrio trabalho-família já que, por meio dele, se pode alcançar maior motivação, comprometimento e satisfação no desempenho das atividades profissionais. Além disso, as habilidades aprendidas no trabalho podem ser também trazidas para casa, propiciando uma ampliação do repertório comportamental dos membros familiares e, conseqüentemente, mais alternativas para solução de problemas e convivência harmoniosa. Alguns desses ganhos podem ser expressos mediante as seguintes habilidades: “liderança, capacidade para lidar com conflitos, assertividade, autonomia” (JÚNIOR et al., 2013, p. 113).

2.2.4 Conciliação trabalho e paternidade: desafios

É bem comum que as demandas advindas do trabalho e da família se sobreponham, impactando em conflitos nessa conciliação. Nesse contexto,

[...] a sobreposição das demandas de cada esfera [trabalho e família] acaba exigindo que os indivíduos escolham entre os dois papéis, tendo que optar entre as necessidades familiares e as solicitações ou demandas do trabalho. Geralmente, o processo de escolha entre as demandas familiares ou de trabalho acaba acarretando custos, tanto para a esfera familiar quanto para a profissional. (CIA; BARHAM, 2006, p. 258)

Essas autoras destacam ainda o quanto esse cenário que exige do pai uma escolha pode ser considerado como “[...] um fator de estresse que pode contribuir para o aumento da ansiedade e sentimento de culpa decorrente da pouca participação na educação dos filhos” (CIA; BARHAM, 2006, p. 258).

É também destacado o pouco tempo de lazer do pai tendo em vista demandas intensas de trabalho (BELTRAME; BOTTOLI, 2010) e, por vezes, menos engajamento na paternidade do que gostaria, principalmente considerando o pai que tem maior jornada de trabalho (ROCHA et al., 2011; GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013). E quando estão presentes em casa, por vezes o cansaço físico e mental oriundo do trabalho provoca desânimo e irritabilidade dos pais nas atividades familiares (ROCHA et al., 2011). Viagens prolongadas a trabalho também são apontadas como desfavoráveis para a dedicação do pai no cuidado dos filhos (SANJUTÁ; BARHAM, 2005).

Matthews, Conger e Wickrama (1996 *apud* RIBEIRO, 2010) realizaram um estudo longitudinal com 337 casais por meio do qual puderam concluir que níveis altos de estresse, decorrentes do trabalho, aumentavam a hostilidade e reduziam o afeto e o apoio entre os cônjuges. Em outro estudo com 166 casais, realizado por Bolger e outros (1989 *apud* RIBEIRO, 2010), ficou evidenciado que discussões no local de trabalho ampliavam as chances de discussões em casa. O inverso também ocorria, ou seja, aqueles que vivenciavam discussões com seus esposos ou filhos e sentiam-se mais sobrecarregados pelos papéis familiares, transpunham essa realidade para o contexto do trabalho.

O quadro é mais complexo quando os filhos são pequenos e demandam mais cuidados. Segundo Barham e Vanalli (2012, p. 48), “algumas fases da vida familiar são notoriamente difíceis de integrar com demandas profissionais, como no caso de trabalhadores que são pais de crianças pequenas”.

[...] a falta de tempo, devido às horas dedicadas ao trabalho, foi salientada por muitos pais [...] como dificultando o estabelecimento de um laço afetivo mais estreito entre pai e filho [...]. Associado à falta de tempo, [...] o cansaço pela longa jornada de trabalho, bem como a falta de paciência decorrente disso, dificultava muitas vezes sua interação com o bebê. (KROB; PICCININNI; SILVA, 2009, p. 282)

Um estudo que contou com amostra de pais com menores e maiores salários de uma empresa estatal de Salvador, revelou que, para ambos os grupos, o trabalho foi considerado como o maior dificultador da aproximação deles com os filhos (CARVALHO, 2013). Além disso, o trabalho do pai por vezes restringe a sua participação nas consultas de acompanhamento pré-natal (PONTES; ALEXANDRINO; OSÓRIO, 2009).

Por outro lado, se o trabalho afeta a díade pai-filho, o desemprego também. Em pesquisa realizada com 188 pais desempregados em Porto Alegre, foi evidenciado que a situação de desemprego “distancia o homem do modelo participativo e afetivo desejado pelo pai” (SOUZA; BENETTI, 2009, p. 63).

2.2.5 Políticas que favorecem as famílias

Favorecem as famílias as políticas que propiciam a conciliação entre a vida familiar e também, conseqüentemente, a vivência da paternidade, e a atividade profissional. Torres (2004 *apud* RIBEIRO, 2010) elucida indicadores do quanto, para os homens, a família está acima do trabalho, conforme pesquisa realizada nos seguintes países: Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Reino Unido, França, Alemanha, Áustria, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Irlanda, Hungria, Polônia, Eslovênia, Itália, Espanha, Portugal, Grécia e Israel. Assim, se para eles o trabalho é fonte de identidade, subjetivação e retorno financeiro, é na família que eles também se constroem enquanto pessoas, pais, cônjuges, essencialmente humanos. Nesse sentido, Sutter e Maluschke (2008) identificaram

[...] a existência de alguns homens que interessados em participar do cotidiano e do crescimento dos filhos se envolvem ativamente no cuidado destes, e consideram esta tarefa tão importante quanto a profissional. (p. 74)

Entretanto, “[...] a legislação trabalhista brasileira não reconhece a importância do envolvimento parental e familiar, de forma mais global, se limitando a estratégias de apoio à vida familiar da funcionária nos primeiros meses de vida dos filhos” (VANALLI, 2012, p. 32). Ainda conforme a autora, a situação do homem pai é ainda mais preocupante, já que nesse período inicial da vida dos filhos lhes são

reservados apenas cinco dias de licença. Estes, inclusive, por vezes não são usufruídos pelo receio do trabalhador de que a sua vaga seja substituída nesse período, tendo em vista as mudanças céleres e competitivas que enfrentam o mundo do trabalho.

Há que se elucidar que a realidade europeia está bem à frente da brasileira neste quesito, fomentando um novo modelo de gestão organizacional que possa dar suporte às mudanças familiares que vão sendo atravessadas pelos membros que a compõem, são as chamadas “Empresas Familiarmente Responsáveis”.

Esse movimento internacional foi iniciado pela fundação MásFamília (Espanha), uma entidade privada e sem fins lucrativos que, no âmbito da responsabilidade social das organizações, propõe-se a apresentar soluções e a dar respostas a questões relacionadas com a conciliação da vida familiar e profissional. (JÚNIOR et al., 2013, p. 117)

A partir desse movimento internacional, a MásFamília estabeleceu 30 indicadores para oferecer às empresas a certificação de que elas estão no rol das “Familiarmente Responsáveis”. Cabe destacar que esse movimento chegou ao Brasil, em 2005, por meio da parceria entre a MásFamília e o Instituto Superior de Empresa (ISE). Entretanto, no Brasil ela ainda não tem uma grande adesão por parte das empresas.

Os critérios adotados permitem que as organizações sejam avaliadas e reunidas em quatro grupos, no que concerne às políticas organizacionais que contribuem para a conciliação trabalho-família. O primeiro grupo é o que oferece flexibilização de tempo e espaço adequados ao âmbito familiar bem como tempo parcial, jornada reduzida ou trabalho em casa quando um filho está doente, por exemplo. O segundo abrange os benefícios sociais que consideram seguro de vida, de saúde que incluam os dependentes etc. O terceiro grupo visa a oferecer apoio profissional ao trabalhador frente às demandas familiares, implementando treinamentos que possam dar cobertura às demandas como aconselhamento psicológico e de carreira, gerenciamento de estresse etc. Por fim, o quarto grupo inclui ações que se comprometam em reduzir a carga de trabalho extra laboral, além de oferecerem espaços de creche na própria organização (JÚNIOR et al., 2013).

Em relação à premiação da Empresa mais Familiarmente Responsável, organizações que concorreram ao título foram estimuladas a criar práticas que servissem de exemplo no que toca à conciliação trabalho-família. Dentre algumas ações inovadoras tiveram destaque:

(1) Dia da escola, no qual os pais podem tirar o dia de trabalho para acompanhar o primeiro dia de escola do filho; (2) Tarde de aniversário dos filhos, em que os pais podem tirar a tarde de trabalho do dia do aniversário dos filhos para ficar com eles; (3) Projeto Crescer, no qual são dadas bolsas de estudo para filhos de funcionários e seus cônjuges que tenham boas notas na escola e baixa renda; (4) Lar de idosos, que inclui funcionários e seus cônjuges; (5) A não marcação de reuniões de trabalho às sextas-feiras à tarde, a fim de que o descanso possa ser mais produtivo. (JÚNIOR et al., 2013, p. 118)

Assim, outras organizações podem se espelhar na adoção de práticas que tenham em sua cultura um espaço para a família, já que este é o ambiente do qual o trabalhador sai para ir ao trabalho e para o qual retorna ao final do dia. Portanto, atentar para questões referentes à conciliação dessas duas esferas que são essenciais, centrais e interdependentes requer um olhar sensível, humano e colaborador.

2.3 FAMÍLIA E PATERNIDADE EM CONTEXTO DE MUDANÇA

A família está inserida no contexto social mais amplo, assim, é esperado que ela influencie e seja influenciada pelas macrovariáveis presentes no mundo exterior (PETRINI, 2005). Mais do que isso, a família origina a sociedade e a transcende, conforme aponta Donati (2008, p. 64):

Pode-se dizer também que as relações familiares originam a sociedade, assim como a excedem, visto que vão além dela: a família é e permanece aquela relação de latência que nasce e impulsiona para a transcendência em relação ao social.

Outrossim, segundo Petrini (2005) a família tem demonstrado uma considerável capacidade de transformação e adaptação diante de tantas mudanças

que lhe atravessam e permanece como central e importante para a sociedade. Diante disso, ficam evidentes a importância e a centralidade do tema. É a família quem “responde a necessidades humanas e sociais relevantes, por isso é considerada um recurso para a pessoa e para a sociedade” (PETRINI, 2005, p. 76).

2.3.1 Família patriarcal brasileira

Em decorrência da colonização, a família brasileira resulta da importação de um modelo de família portuguesa “[...] tendo gerado um modelo com características patriarcais e tendências conservadoras em sua essência” (SAMARA, 1983, p. 7-8). Assim, nos séculos XVI e XVII prevalecia na casa do brasileiro a autoridade do marido, devendo a mulher e os filhos submeterem-se a essa dinâmica de família tida como patriarcal. Cabe destacar que “[...] a historiografia utiliza o conceito de família patriarcal como sinônimo de família extensa” (SAMARA, 1983, p. 11). De modo mais detalhado, assim se configurava a família patriarcal no cotidiano:

[...] a sua composição apresentava de uma forma simplificada uma estrutura dupla: um núcleo central acrescido de membros subsidiários. O núcleo central era composto pelo chefe da família, esposa e legítimos descendentes (filhos e netos por linha materna ou paterna). A estrutura da camada periférica era menos delineada, pois a absorção de membros subsidiários (parentes, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, amigos, serviçais, agregados e escravos) é que tornava esse modelo complexo, já que uma mesma unidade domiciliar agrupava componentes de várias origens. (SAMARA, 1983, p. 13)

Neste modelo patriarcal ou extenso, tanto se beneficiavam os subsidiários, que geralmente não tinham para onde ir, quanto os patriarcas, já que “[...] significava projeção política em um tipo de sociedade em que o prestígio era medido pela quantidade de pessoas sob sua influência” (SAMARA, 1983, p. 14). Presente nas enormes fazendas de monocultura da cana-de-açúcar localizadas no Nordeste, esse modelo patriarcal remetia um poder de decisão exclusivo ao homem bem como os papéis de proteger e prover. Já à mulher eram reservados os papéis restritos ao lar – esposa, dona de casa e educadora moral dos filhos (SAMARA, 1983; 2002).

Além de diminuir a autonomia da mulher no âmbito familiar, o modelo patriarcal direcionava ao primogênito a responsabilidade pela proteção e cuidado dos bens familiares, já que o patriarcado emergiu como tentativa de impedir a divisão patrimonial. Nesse período, a família era considerada como célula social, fundamentada pelo poder do estado (ARIÈS, 1981).

Sarti (1989) pondera o quanto sentimos na pele resquícios de um padrão de comportamento masculino transmitido pelo patriarcalismo operante. Aos poucos se percebe um movimento de desinstitucionalização da família, sendo esta agora vista como uma realidade privada, importante apenas para os membros que a compõem (DONATI, 2008; PETRINI, 2003, 2005; PETRINI; DIAS, 2013). “[...] a sociedade impele a família para a esfera privada, mesmo que depois atribua a ela um conjunto de responsabilidades e tarefas públicas ou coletivas” (DONATI, 2008, p. 61).

Neste cenário do século XVIII surge então a família nuclear, instituição que aos poucos vai se fechando no âmbito privado. Tal modelo é fortalecido ainda mais com o advento da revolução industrial e capitalismo que virão nos próximos séculos. A separação público-privado vai sendo progressivamente acentuada até despontar no isolamento e individualismo presentes no século XXI. Este cenário individualista elegerá “[...] o indivíduo como portador de direitos e centro das políticas sociais e não mais os sujeitos coletivos, como por exemplo, a família ou a comunidade” (PETRINI, 2003, p. 57).

2.3.2 Dias contados para a família patriarcal?

Conforme Petrini (2005, 2010), nos séculos XIX e XX esse modelo de família patriarcal brasileira, que havia sido importado pela colonização, começa a entrar em decadência, mais especificamente no final do século XIX, quando o pai passa a não mais ocupar o lugar central na família, sendo subtraído dele o poder e a responsabilidade exclusiva pela tomada de decisões familiares importantes.

Também no Nordeste, na segunda metade do século XIX, a divisão de tarefas entre os membros da família não seguia as normas determinadas no modelo patriarcal. Em geral, a estrutura da família, desde que comparada com a do Sul, era mais complexa, mas homens e mulheres dividiam deveres e trabalhavam para a sobrevivência do grupo. (SAMARA, 2002, p. 45)

Bastos e outros (2013) apresentam dados de um estudo longitudinal realizado com famílias de baixa renda em dois bairros de Salvador, Bahia, que tinha como principal objetivo estudar o cotidiano dessas famílias. Os pesquisadores mencionam a existência de diferentes modelos de paternidade nas diversas classes sociais, apesar de predominar, nas famílias de baixa renda, resquícios fortes do modelo patriarcal de outrora:

[...] nas famílias de baixa renda, os papéis de pai e mãe são predefinidos em decorrência da estrita divisão sexual do trabalho [...] o pai neste contexto é a autoridade moral [...] enquanto as mães [...] mantêm a unidade familiar através do cuidado. (BASTOS et al., 2013, p. 15)

Tais dados suscitam reflexões de que, se por um lado a queda do modelo de família patriarcal predominante no Nordeste talvez não tenha ocorrido de modo célere e unânime, também não se pode dizer que esse ainda seja o principal modelo que define o pai de algumas classes sociais, apesar de as classes de baixa renda apresentarem por vezes modelos mais tradicionais (MOREIRA; RABINOVICH, 2010). Nesse sentido, parece ser mais coerente se falar de uma transição, ou seja, “[...] existência de um sistema patriarcal modificado [...]. Os estudos apontaram para uma maior flexibilidade desse modelo por regiões, grupos sociais e etnias” (SAMARA, 2002, p. 45).

Chega então o século XX e, com ele, mudanças significativas marcam o cenário da família brasileira nos âmbitos econômico, político, cultural e na socialização das novas gerações. A título de exemplo, tem-se a possibilidade de controle da natalidade e o surgimento da Declaração dos Direitos Humanos da ONU, que favoreceu o declínio do patriarcado (ARIÈS, 1981). A partir do Código Civil e da Constituição de 1988, foi possível construir um modelo de poder familiar no qual pai e mãe têm poderes compartilhados no exercício da parentalidade, conforme amparo legal (PETRINI, 2005; CERVENY; CHAVES, 2010).

Entre outras mudanças que marcam o século XX, tem-se a crescente participação da mulher no trabalho formal bem como impactos oriundos das guerras mundiais; consolidação da indústria com conseqüente alteração nas formas de

trabalho e produção; globalização; intensificação do consumo; aumento da expectativa de vida e das migrações, aspectos que acabam por influenciar o tamanho familiar e a sua estrutura. De modo geral, mas com as devidas ressalvas, as famílias extensas e patriarcais cedem lugar a estruturas menores e por vezes com a mulher assumindo um lugar de destaque (SAMARA, 2002).

Biasoli-Alves (1997) refere que as mudanças nas configurações familiares são sentidas com mais impacto a partir da segunda metade do século XX. Nesse sentido, a entrada da televisão nas casas das famílias brasileiras foi, para a autora, um marco para a dinâmica de espaço, tempo e qualidade do contato que se configuraria entre os familiares. Assim, segundo Porreca (2010), a educação que antes cabia apenas aos pais passa a ser também função da televisão e da internet.

Em síntese, a segunda metade do século XX é marcada pela queda do patriarcado provocada pela descentralização do homem na chefia das famílias brasileiras, pelo ingresso da mulher no mercado de trabalho formal e pelos avanços tecnológicos. Tudo isto não deixou o cotidiano da família imune às mudanças, tanto dos seus modelos quanto dos seus papéis e estilos de relação (BIASOLI-ALVES, 1997; ARRIAGADA, 2001).

Assim, as mudanças atingem as relações mais íntimas entre os seus membros. De modo específico, as três dimensões que eram tidas como pilares para definir a família clássica – sexualidade, procriação e convivência, sofrem acentuadas transformações, acarretando novas conceituações acerca da família (ARRIAGADA, 2001). Em relação à sexualidade, por exemplo, esta já não era por si canalizada para o interior da família, e os filhos poderiam ser gerados sem a relação sexual (PETRINI, 2005).

2.3.3 Tempos líquidos para a família?

Dentre as principais características percebidas na família brasileira contemporânea, destacam-se: a diminuição do número de filhos e de membros que integram o núcleo familiar (CERVENY; CHAVES, 2010), fenômeno visto mais expressivamente nas camadas sociais de poder aquisitivo mais alto. Mesmo as famílias nucleares ainda sendo em número expressivamente maior na América Latina, há que se considerar o aumento do número de famílias recompostas e

monoparentais (ARRIAGADA, 2001). Cresce o número de separações e divórcios; o período da adolescência se expande e os jovens, quando se casam, o fazem mais tarde (CERVENY; CHAVES, 2010), em detrimento de projetos acadêmicos e profissionais que são priorizados; além das famílias monoparentais e reconstituídas, cresce também o número das que são chefiadas por mulheres (PETRINI, 2005).

Claro que, em contexto de mudança, não apenas as estruturas familiares se modificam, mas as formas de relação entre os seus membros também. Nessa perspectiva, no âmbito conjugal, marido e mulher passam a ter tarefas e responsabilidades compartilhadas; as relações entre pais e filhos de modo geral abrem espaço para o respeito e a flexibilidade. Essa aproximação percebida entre alguns membros não pode ser generalizada, tendo em vista que “nas últimas décadas [...] as novas gerações experimentam, muitas vezes, uma distância e uma estranheza com relação aos pais e à geração mais velha em geral” (PETRINI, 2005, p. 46). Ainda conforme o autor, “o diálogo é substituído por negociações pontuais [...]. Os vínculos de pertença, que ligam os pais e os filhos [...] tendem, nesse ambiente, a serem mais frouxos” (p. 46).

Chega-se à contemporaneidade, e toda a liquidez, presente na lógica do mercado, também atinge o âmbito das relações amorosas, promovendo fragilidade nos vínculos ora estabelecidos:

[...] se na sociedade pluralista tudo deve ser negociado [...] a vida de casal também é submetida a uma crescente negociação. Na medida em que prevalecem critérios próprios do mercado (o cálculo das conveniências, a troca de equivalentes), reduz-se a experiência da gratuidade e do acolhimento incondicional no cotidiano. (PETRINI, 2005, p. 48)

Diante de tais mudanças, cada vez mais céleres “[...] a família, integrada nesse contexto, necessariamente passa por transformações de tal magnitude, que parece prestes a desaparecer” (PETRINI, 2003, p. 60). É quase que natural e espontâneo o questionamento: estaria então a família brasileira contemporânea com os seus dias contados? Interessante perceber que, apesar do acentuado individualismo que caracteriza a chegada do século XX, ele não destrói a família (COURT, 2005). Ao contrário, a instituição familiar supera os desafios, revelando sua

capacidade de adaptação, assim, “[...] não foi o individualismo que triunfou, foi a família” (ARIÈS, 1981, p. 191). Essa perspectiva é destacada pelo modelo relacional que caracteriza a família, na concepção de Donati (2008, p. 71), sendo esta marcada por uma “[...] relação de plena reciprocidade entre os sexos e entre as gerações”.

Ainda nessa direção, alguns autores respondem esperançosamente do quanto a família, mesmo atravessando mudanças significativas, pode responder de modo resistente e apresentar novas formas de estruturação (LUKAS, 1990, 1992; PETRINI, 2003; COURT, 2005; DONATI, 2008). Mesmo numa sociedade que oferece convites e constrói cenários por vezes desfavoráveis à realização da família, “[...] isto não significa que a família possa desaparecer ou ser diluída e confundida com outros estilos de vida” (DONATI, 2008, p. 72). Lukas (1992) valoriza esta perspectiva otimista acerca da potencialidade que a família detém no que toca à superação de crises, conforme se constata a seguir:

[...] gostaria de fazer a seguinte afirmação referente à problemática atual da “família em crise”: não há família que não possua ainda suas possibilidades positivas, porém, citando Hermann Hesse, para que o possível se realize, é preciso sempre tentar novamente o impossível. Ou, formulando logoterapeuticamente, para que o “eu” se torne ele próprio, é preciso que seja absorvido por um “tu”. (p. 92)

Assim, a família pode ser promotora e favorável ao desenvolvimento da sociedade ao proteger, promover o acolhimento e atendimento às necessidades dos seus membros. Entretanto, ela também pode trazer consigo aspectos que não revelam proteção, promoção e acolhimento. Basta olhar ao redor para encontrar modelos familiares “[...] nos quais prevalecem a disputa, a competição, ou a indiferença, a estranheza e o conflito” (PETRINI, 2003, p. 62). Nesse aspecto, Petrini (2003) destaca que o Estado deve se empenhar em prol de Políticas Familiares, que favoreçam o fortalecimento das relações familiares e, conseqüentemente, promovam o desenvolvimento de atitudes sociais mais solidárias, já que a família é a instituição “[...] na qual essas atitudes são mais cultivadas” (PETRINI, 2003, p. 84). Desse modo, compreender as mudanças familiares contribui para um melhor entendimento das alterações com relação à paternidade contemporânea.

2.3.4 O pai em contexto de mudança

Alguns aspectos históricos revelam “[...] transformações, desde o modelo tradicional patriarcal até os da atual sociedade pós-moderna” (SOUZA; BENETTI, 2009, p. 62). Mudanças sociais como o casamento tardio, urbanização, aumento do número de divórcios (JABLONSKI, 2010), associado à entrada da mulher no mercado de trabalho (CIA; BARHAM, 2006, 2008; BELTRAME; BOTTOLI, 2010), convidaram o pai a rever o seu papel. De estrito provedor, ele passou a compartilhar com sua esposa a renda familiar (SOUZA; BENETTI, 2009).

Foi a partir da segunda metade do século XX, com o crescimento do número de mulheres nas mais diversas classes sociais que optaram por continuarem trabalhando após terem filhos, que se começou a dar importância de os homens se engajarem mais nas tarefas de casa e nos cuidados com os filhos. Nesse sentido, houve mudanças nas relações de poder entre homens e mulheres e ajustes e flexibilidades de papéis, dentro e fora do lar, levando ambos a conciliarem demandas nas esferas profissional e familiar (BARHAM; VANALLI, 2012).

O final do século XX expressou um aumento do interesse pelos papéis dos pais em relação ao desenvolvimento dos filhos. Nesta época de “redescobrimto paterno” ou, em outras palavras, de uma “nova paternidade” (LAMB, 1992, p. 19), se percebia um movimento de reavaliação da identidade social do homem pai, no qual aspectos da masculinidade clássica passaram a coexistir com um comportamento mais participativo e engajado (BASTOS et al., 2013). Foi então nesse período compreendido pelo final do século XX, que o pai passou a ser identificado como ativo, envolvente em relação aos filhos e então intitulado como Novo Pai Envolvido. (LAMB, 1992, 2010).

A partir do exposto, fica evidenciado que o pai dos dias atuais está em transição (CIA; BARHAM, 2006; BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007; SOUZA; BENETTI, 2008; BELTRAME; BOTTOLI, 2010; GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013). Ao mesmo tempo em que esse novo pai mostra diferenças em relação ao pai patriarcal, também não se dissocia por completo dele, já que “o modelo tradicional de provedor coexiste com o novo modelo de pai cujo vínculo afetivo inicia desde a gestação” (SOUZA; BENETTI, 2009, p. 101). Assim, o pai vai se reconstruindo constantemente a partir do aprendizado que esse papel lhe convida.

Se por um lado o modelo tradicional já não mais cabe a este pai em transição, ainda faltam referências que lhe guiem nesse percurso de mudanças (CERVENY; CHAVES, 2010). Assim, as formas de participação paterna vão sofrendo ajustes e transformações caracterizadas por peculiaridades da fase de desenvolvimento do filho que precisam ser consideradas. Fica evidenciado que as transformações que o pai vem encarando na atualidade resultam em uma paternidade mais sensível e participante, caracterizada por um possível envolvimento com o filho que seja saudável e efetivo.

2.3.5 Quem é este novo pai? Em busca do envolvimento paterno

O pai atual está mais envolvido, engajado e participativo (LAMB, 1992, 2010; SOUZA; BENETTI, 2009). Mas, o que seria isto em termos teóricos? É possível trazer conceituações claras a respeito de uma possível nova paternidade e que venha a contribuir para futuras pesquisas? Para Lamb (1992, p. 19), o novo pai “[...] é um participante ativo, envolvente e empenhado em todas as dimensões dos cuidados e educação da criança”, e é também capaz tanto quando a mãe no que se refere à educação dos filhos (SOUZA; BENETTI, 2009). Cabe destacar que o conceito de envolvimento paterno surgiu a partir de investigações focadas na observação e descrição do comportamento dos pais com os filhos. As mesmas buscavam compreender essas mudanças que o pai contemporâneo vinha enfrentando e os reflexos delas nas crianças (SILVA; PICCININNI, 2007). Não resta dúvida que este construto de envolvimento paterno foi tido como um avanço científico, pois trouxe à tona o que antes as pesquisas relegavam, conforme evidenciado a seguir:

[...] nesse sentido, um importante avanço no que concerne às pesquisas sobre paternidade foi o desenvolvimento do construto de envolvimento paterno, proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), que chamou atenção para uma dimensão do comportamento dos pais até então negligenciada em estudos anteriores (PLECK, 1997). Embora a definição inicial deste construto estivesse relacionada à quantidade de tempo que os pais despendem com seus filhos, sem preocupação com o conteúdo do envolvimento, foi este mesmo autor quem advertiu sobre a necessidade de se repensar o conceito para que fossem incluídas as dimensões qualitativas do comportamento paterno. Surgiu, assim, o conceito de envolvimento paterno positivo que inclui, além do nível quantitativo

do envolvimento paterno, também a preocupação com o conteúdo e a qualidade desse envolvimento. (HENN; PICCININNI, 2010, p.623)

Assim, apesar do conceito de envolvimento paterno ter sido utilizado de diferentes maneiras pela Psicologia e pelas Ciências Sociais, a caracterização de envolvimento paterno proposto por Lamb e outros (1985) foi considerada a mais bem definida, importante, aceita e utilizada em pesquisas nessa área (ARRAIS, 2012; SILVA; PICCININNI, 2007; SOUZA; BENETTI, 2008). É também a que desperta o maior número de adeptos entre pesquisadores internacionais (CARVALHO, 2013; SOUZA; BENETTI, 2008; SILVA; PICCININNI, 2007).

Segundo Lamb e outros (1985), são três os componentes do envolvimento paterno que caracterizam o pai contemporâneo: interação, acessibilidade e responsabilidade. O primeiro componente é o tempo passado em interação efetiva com a criança (alimentando-a, ajudando-a nas tarefas escolares ou jogando bola no jardim com ela). A acessibilidade compreende atividades que implicam graus menos intensos de interação, pressupõem os pais estarem disponíveis para a criança mais do que em interação direta. Por fim, a responsabilidade “[...] implica tomar medidas quanto aos cuidados da criança assegurando-se que tenha roupa para vestir ou que fique acompanhada quando está doente” (LAMB, 1992, p. 22).

Palkovitz (1997) parte do conceito de envolvimento paterno desenvolvido por Lamb (1992) e propõe uma reconstrução e ampliação deste. O mesmo traz à tona outros componentes do envolvimento paterno que atuam nos domínios cognitivo, afetivo e comportamental e destaca que é mediante essas três dimensões que ocorre a experiência do envolvimento parental. Assim, evidencia 15 componentes do envolvimento paterno, sendo eles: comunicação; ensino; monitoramento; processos de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; manutenção relacionada à criança; interesses compartilhados; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Essas categorias foram construídas a partir das experiências pessoais do autor e da análise feita por ele da maneira como os pais cuidam de seus filhos. A principal contribuição desses componentes é elucidar o quanto é fácil trazer à tona muitos exemplos de investimento do pai na educação das crianças e que no modelo típico de avaliações sobre o envolvimento provavelmente não seriam notados. Em contrapartida,

representam investimentos de tempo, afeto e energia dos pais com os seus filhos (PALKOVITZ, 1997).

Serão apresentados, a seguir, alguns exemplos que facilitam a compreensão sobre cada componente referido anteriormente: *comunicação* – falar, ouvir, telefonar quando está longe, expressar amor; *ensino* – ser referência, rezar juntos, auxiliar na aquisição de novas habilidades; *monitoramento* – verificar o sono da criança, fiscalizar programação de TV ou filmes e músicas; *processos de pensamento* – preocupar-se, rezar pela criança, “estar ligado” na criança (pensar nela); *pequenas tarefas* – transportar, fazer telefonemas de interesse da criança; *prestação de cuidados* – alimentar, dar banho, vestir, cuidar do filho doente; *manutenção relacionada à criança* – limpeza, consertos/reparos, lavar roupa, passar roupa, cozinhar, criar ambientes apropriados para a criança; *interesses compartilhados* – ler juntos, assistir filmes, realizar esportes; *disponibilidade* – participar de eventos, ficar com a criança quando ela não quer estar sozinha; *planejamento* – férias, viagens, economizar para o futuro; *atividades compartilhadas* – fazer compras, fazer refeições, brincar, tocar instrumentos juntos; *provisão* – moradia, alimentação, transporte seguro; *afeto* – abraçar, beijar, demonstrar paciência, elogiar; *proteção* – tornar adequado o ambiente, monitorar segurança e *apoio emocional* – incentivar, desenvolver interesses (PALKOVITZ, 1997).

Bastos e outros (2013, p. 4-5) destacam a dimensão cuidado, presente no pai contemporâneo, uma vez que ele se responsabiliza pelos aspectos físico, emocional e educacional dos filhos. As funções de cuidado e educação, conforme Carvalho, Rabinovich e Moreira (2010), também aparecem como sendo responsabilidade dos pais em pesquisas nacionais que buscaram compreender a visão das crianças sobre a família. Segundo Lamb (1992), foi em torno dessas duas categorias – cuidados diretos e educação dos filhos – que giraram os debates nas últimas décadas sobre as mudanças dos papéis dos pais.

2.3.6 Aspectos que interferem no envolvimento paterno

Embora estando mais presentes e participativos (BOTTOLI, 2010), os pais não apresentam um envolvimento homogêneo e generalizável. Por exemplo, Simões, Leal e Maroco (2010) referem que o grau de envolvimento paterno pode ser

percebido nas dimensões de cuidado e disponibilidade. Entretanto, nem sempre essa participação paterna se dá de modo rotineiro com os filhos ainda bebês (PICCININI et al., 2012) e é considerada pelos pais como sendo uma experiência satisfatória, mas também por vezes cansativa (DESSEN; OLIVEIRA, 2013).

A família comporta uma dimensão relacional, conforme visto anteriormente, sendo que a paternidade também apresenta tal dimensão, já que não há pai sem filho e nem pai sem mãe, mesmo que esses laços não tenham a mesma configuração de antes. Logo, “a paternidade é feita de qualidades relacionais, mais que de qualidades individuais” (PETRINI, 2010, p. 19). Assim, conforme Lamb (2010), o pai pode afetar o desenvolvimento dos seus filhos direta ou indiretamente, e tal noção é importante para compreender a paternidade de modo abrangente. A influência direta se daria por meio do seu comportamento e mensagens transmitidas, que podem ser: cuidado, brincadeiras, ensino e também maus tratos ou mesmo negligência. A influência indireta estaria por conta do apoio emocional e instrumental do pai à mãe ou a outros cuidadores diretos da criança. O autor pontua que esta influência é considerada mundialmente como mais importante do que a direta.

Alguns aspectos interferem na relação pai-filho, e identificá-los poderá contribuir para uma melhor compreensão de tal relacionamento. Dentre os principais aspectos que interferem no envolvimento paterno e que serão melhor abordados nos subtópicos seguintes, destacam-se: conjugalidade; divórcio; características do pai; papel da mãe; idade e sexo dos filhos. Aqui cabe comentar que o aspecto *trabalho do pai* interfere sobremaneira no envolvimento do pai em relação ao(s) filho(s), mostrando-se como um dos grandes desafios contemporâneos no que toca à conciliação trabalho-paternidade. Entretanto, o mesmo não será mencionado a seguir, tendo em vista o espaço específico que lhe foi dedicado na seção 2.2 anteriormente trazida “*Possibilidades e desafios do homem contemporâneo frente à conciliação entre trabalho e paternidade*”.

2.3.6.1 *Conjugalidade*

A literatura observa que o envolvimento paterno é mediado pela qualidade da conjugalidade (FAGAN et al., 2009). Estudos longitudinais revelam que as crianças sentem os “[...] efeitos nocivos dos conflitos conjugais e, por corolário, os efeitos

benéficos da harmonia conjugal” (LAMB, 2010, p. 19). A título de exemplo, em pesquisa que focalizou o envolvimento paterno no contexto de depressão materna pós-parto, foi percebido que o relacionamento conjugal dos casais entrevistados se mostrou comprometida. Nesse sentido, foi percebido também que quanto maior a depressão pós-parto materna, menor o envolvimento do pai nos cuidados do bebê e no trabalho doméstico (SILVA; PICCININI, 2009).

Ainda em relação à conjugalidade, estudos evidenciaram que os casais que apresentavam relação mais harmoniosa, com abertura de espaço para o diálogo e menor presença de conflitos (SILVA; PICCININI, 2007) ou que referiam um grau mais alto de afetividade mútua (SOUZA; BENETTI, 2008), percebiam o envolvimento com o filho como sendo mais satisfatório. Aqui há que se considerar que a conjugalidade sofre uma mudança considerável nos casos de divórcio e, de modo geral, esta interfere na vivência da coparentalidade (GRZYBOWSKI; WAGNER, 2010), aspecto mais detalhado a seguir.

2.3.6.2 Divórcio

Alguns homens expressam dificuldades no exercício da paternidade frente ao divórcio (CÚNICO; ARPINI, 2013), sendo que o momento da separação conjugal acaba conjecturando uma provável separação do pai com relação aos filhos. Em contextos pós-divórcio não é incomum que as mães se mostrem as principais responsáveis pela guarda dos filhos, residindo com eles e participando mais da sua vida de forma direta e indireta. Isso ocorre porque, enquanto as mães se dedicam a mais atividades no espaço privado, a imagem do pai fica associada ao espaço público (GRZYBOWSKI; WAGNER, 2010).

Foi no final do século XX, especificamente na década de 1980, que diversos pesquisadores se debruçaram em explorar cautelosamente os impactos do divórcio sobre o desenvolvimento das crianças (LAMB, 2010). Alguns aspectos foram percebidos pelos inúmeros pesquisadores citados pelo referido autor, quais sejam: ausência de alguém que compartilhe com a mãe os cuidados da criança e estresse econômico oriundo das diferenças salariais que ainda marcam os gêneros em sua maioria.

A “paternidade não residencial (anteriormente conhecida como ‘pai ausente’)” (LAMB, 2010, p. 9), tem o seu prejuízo atrelado principalmente às lacunas de muitos papéis paternos – emocional, social, econômico, que acabam não sendo efetivamente preenchidos no âmbito familiar. Ainda de acordo com o autor,

A média [...] de rendimento econômico para mulheres solteiras chefes de família são significativamente mais baixas do que a média de rendimento de qualquer outro grupo. (LAMB, 2010, p. 27)

Entretanto, há que se apontar também para o fato de o quanto muitos homens pais têm buscado somar esforços para estarem mais presentes no cotidiano dos filhos e procuram a guarda compartilhada como perspectiva para a ampliação dessa participação (BOTTOLI, 2012). Nesse sentido,

[...] tanto a co-residência quanto a permanência do casamento são vistos de forma benéfica e positiva, pois mantêm os pais biológicos envolvidos em todos os aspectos da vida de seus filhos [...]. Possivelmente a guarda compartilhada pode constituir um novo arranjo familiar que venha beneficiar a manutenção do vínculo entre o pai e os filhos, após a separação. (DANTAS; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 354)

Ao mesmo tempo em que é de fundamental importância atentar para estes aspectos, também se mostra relevante não apresentar uma visão determinista no sentido de que os filhos com pai próximo necessariamente seriam bem adaptados e desenvolvidos, e os filhos com pai ausente estariam fadados ao fracasso. Há que se ter cautela, já que, conforme aponta Lamb (2010), esta concepção certamente desconsideraria uma ampla gama de potencialidades e singularidades da criança, do pai e dos contextos em questão.

2.3.6.3 Características do pai

É importante considerar alguns fatores que contribuem para a compreensão das mudanças no grau de envolvimento paterno, quais sejam: motivação, entendida por “até que ponto o pai quer estar envolvido” (LAMB, 1992, p. 30) e competências

como autoconfiança e sensibilidade para ler os sinais da criança e interpretar o que ela precisa em dado momento (LAMB, 1992).

Aqui tem destaque a decisão espontânea dos pais para este envolvimento. Nesses casos se verificam também reflexos positivos na conjugalidade e realização tanto paterna quanto materna. Lamb (1992, p. 28), a partir de seus estudos sobre paternidade, verificou que “os pais estavam envolvidos porque tanto eles como as suas parceiras desejaram. Em casos em que os pais são forçados a se envolver [...] os resultados poderão ser bem diferentes”. Entre os exemplos citados pelo autor estão os casos em que o pai foi despedido do trabalho (LAMB, 2010), sendo que nessas circunstâncias pode necessitar realizar atividades de cuidados com os filhos, mesmo sem desejar realizá-las.

O modelo de relação que o pai tinha com o seu próprio pai também precisa ser considerado, tendo em vista que podem emergir, durante a vivência com seu filho, aspectos vivenciados com seu próprio pai. Nesse sentido, “conhecer o envolvimento paterno atual requer remeter às questões da geração anterior” (BELTRAME; BOTTOLI, 2010, p. 216).

Portanto, modelos de envolvimento paterno positivo podem trazer ao novo pai bases de referência que o conduzam a também estarem envolvidos com o seu filho. Por outro lado, modelos de ausência paterna podem repercutir negativamente na relação diádica pai-filho ou mesmo favorecer ao pai escolher se opta por perpetuar o modelo aprendido ou construir outro que vá em direção diversa do que foi vivenciado anteriormente. Além disso, mesmo não se desejando, podem emergir repetições de comportamentos inadequados que determinado homem vivenciou com o próprio pai, são os conhecidos fenômenos da repetição. No entanto, a liberdade da pessoa está sempre em jogo.

2.3.6.4 Papel da mãe

A mãe tem um papel regulador fundamental no engajamento pai-filho (MONTEIRO et al., 2010), e a ela ainda é atribuído o papel predominante na socialização infantil (MARIN; PICCININI; TUDGE, 2011). Estudos têm mostrado uma distância entre o ideal do pai em termos de cuidado e responsabilidade na divisão de tarefas com a mãe e o que é realmente desempenhado por ele. Os mesmos por

vezes se colocam como estando em papel secundário, ou seja, de auxílio à esposa e dependente da aprovação desta. Nesse sentido, eles têm dito em pesquisas que às vezes não fazem mais por medo, insegurança ou por achar que a esposa tem mais habilidade do que ele quando se trata de cuidados com o filho (KROB; PICCININI; SILVA, 2009).

Em estudo longitudinal realizado com 20 homens casados e primíparos isto ficou bem claro, pois “quando houve pouco incentivo e/ou desaprovação da mãe às atividades realizadas pelo pai, evidenciou-se uma retirada dos pais e uma relação pai-bebê mais distante e tradicional” (KROB; PICCININI; SILVA, 2009, p. 287). Cerveney e Chaves (2010) traduzem esse cenário a partir da constatação de que o pai acaba por ficar à espreita do espaço que a mulher lhe possibilita. Assim, as próprias mulheres por vezes apresentam resistência em relação à maior participação do esposo nos cuidados parentais, optando por “manter a sua autoridade na área dos cuidados da criança mesmo se isso implica exaustão física e mental” (LAMB; 1992, p. 31). Nesse cenário, os pais são incluídos quando o tempo da mãe é escasso para tais atividades, pois “quanto menos tempo disponível para a criança a mãe tem, maior o envolvimento do pai em cuidados” (KROB; PICCININI; SILVA, 2009, p. 272).

Quando a mãe trabalha, de modo geral ela acaba por ceder espaço para que o pai esteja mais engajado nos cuidados com a criança, conforme foi percebido por Lamb et al. (1987) e Pleck (1983), ambos citados por Lamb (1992). Também Cia e Barham (2008) evidenciaram o quanto atualmente as mulheres que trabalham estão permitindo e estimulando um maior envolvimento do pai na educação e cuidado do filho.

Em famílias biparentais em que a mãe está empregada, os níveis de envolvimento e acessibilidade paterna relativamente aos da mãe são ambos substancialmente mais elevados do que em famílias em que a mãe está desempregada (LAMB, 1992, p. 23)

Beltrame e Bottoli (2010) reforçam essa ideia ao comentarem, a partir de estudo qualitativo com pais, que os que relataram participar mais dos cuidados das

crianças o faziam quando as respectivas mulheres tinham menos tempo para se dedicarem a tais atividades.

2.3.6.5 Idade e sexo dos filhos

A transição para a paternidade revela um momento importante no desenvolvimento dos homens, mas ainda há pouca discussão acerca das transições que o pai enfrenta dentro da paternidade (FAGAN et al., 2009). As práticas educativas parentais mudam no decorrer do desenvolvimento da criança, sendo ajustados conforme as novas habilidades e demandas infantis (MARIN; PICCININI; TUDGE, 2009). Nesse sentido, o envolvimento paterno tende a ser maior proporcionalmente ao aumento da idade das crianças (SEABRA; SEIDL-DE-MOURA; 2011; CIA; BARHAM; FONTAINE, 2012).

Com relação ao sexo dos filhos, segundo Lamb (1992), “os pais estão de fato mais interessados e mais envolvidos com os filhos do que com as filhas [...] independentemente da idade da criança” (p. 24). Também em estudo longitudinal realizado com 60 crianças de zero a dois anos de Vila Madalena – São Paulo, também foi constatada “uma maior vinculação com o menino do que com a filha” (MOREIRA; RABINOVICH, 2010, p. 172). Esses estudos não apresentaram resultados conclusivos que esclarecessem o que leva a essa diferença de envolvimento do pai com filhos e filhas. Entretanto, pode-se pensar se o fato de um maior compartilhamento de atividades e interesses entre pais e filhos homens não faria com que o pai se sentisse mais à vontade para realizar atividades de cuidado com estes. Diferente das filhas, que demandariam mais esforços dele para compreenderem singularidades quanto às necessidades e interesses desse gênero.

2.3.7 Por que falar de envolvimento paterno? Algumas contribuições

O envolvimento paterno se mostrou importante nos mais diversos âmbitos e contextos considerados em pesquisas das últimas décadas. Importante revisão bibliográfica à respeito, feita a partir da análise de 353 artigos nacionais e internacionais, referiu que “todos os estudos [...] foram unânimes na compreensão

da importância do envolvimento e participação masculina no cuidado dos filhos” (SOUZA; BENETTI, 2009, p. 103).

Assim, teve início uma trajetória de pesquisas que possibilitou revelar serem inúmeros os reflexos positivos que a presença paterna pode trazer para a família, incluindo aqui a mãe, a criança, e o próprio pai e também para o trabalho do pai e até mesmo para a sociedade. Dentre algumas pesquisas com este foco, Lamb (1992) destaca as de Lamb, Pleck e Levine (1985); Russell (1983); Russell; Radin (1983). Esses estudos revelam pais que partilham e se responsabilizam com os cuidados direcionados à criança. Fica evidenciado que estes modelos de pai refletem em maior empatia e competência cognitiva aumentada nas crianças e maior controle interno destas, conforme resultados apontados por Lamb (1992) citando pesquisas de Pruett (1983), Radin (1982), Radin e Sagi (1982) e Sagi (1982).

Em relação à família, cabe destacar que a paternidade é essencial para se compreender as relações familiares (SOUZA; BENETTI, 2009). O pai é considerado a principal fonte de apoio materno durante a transição que advém do nascimento dos filhos (DESSEN; OLIVEIRA, 2013). Mães grávidas chegam a destacar o papel primordial do pai/esposo para o bem-estar psicológico delas (GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013). Nesse sentido, quanto maior o envolvimento paterno, menor é o estresse parental (SIMÕES; LEAL; MAROCO, 2010).

A presença do pai na vida das crianças também é fundamental para o desenvolvimento infantil (MARTINS, 2009). Nesse sentido, há que se destacar a multiplicidade dos papéis que ele pode desempenhar, dentre os quais destacam-se os de cuidador, companheiro, protetor, modelo e guia moral (LAMB, 2010). Além disso, frente a um maior envolvimento paterno os filhos apresentam maior índice de habilidades sociais, melhor autoconceito e desempenho acadêmico mais satisfatório (CIA; BARHAM, 2009). Em situações que envolvem a depressão pós-parto materna foi percebido que o envolvimento do pai e sua saúde mental podem diminuir o impacto daquela sobre as crianças (SILVA; PICCININI, 2009).

A proximidade do pai não é apenas importante para a criança e para a mãe, mas para o próprio pai que se sente satisfeito com o exercício da paternidade (SILVA; PICCININI, 2007), assim, “a proximidade do pai contribui para o desenvolvimento e bem-estar de crianças, adolescentes e adultos, e para a promoção do desenvolvimento psicossocial do próprio pai” (KROB; PICCININI;

SILVA, 2009, p. 271). Outras pesquisas confirmam esses achados, como o exemplo de um estudo de casos múltiplos com homens em transição para a paternidade, realizado recentemente por Brasileiro e outros (2010), que tinha por finalidade compreender os significados atribuídos à paternidade sob a ótica desses pais. Os resultados apontaram que, para eles, a paternidade, além de considerada como natural, trazia um crescimento pessoal aos mesmos. Para Bronfenbrenner (2004), as díades são sistemas de desenvolvimento recíproco e, portanto, segundo Beltrão-Gomes, Crepaldi e Bigras (2013), a díade pai-filho também traz ganhos desenvolvimentais para o pai.

De modo específico, o pai tende a perceber o seu envolvimento com o filho como sendo uma experiência carregada de sentimentos positivos (GONÇALVES et al., 2012), ampliando a possibilidade de ele construir-se enquanto sujeito (OLIVEIRA; SILVA, 2011). Em relação ao trabalho, Barham e Vanalli (2012) apontam que os homens pais têm trazido benefícios para as organizações, já que ser casado e ter filho são fatores associados a uma maior estabilidade e comprometimento com o trabalho.

De modo ainda mais amplo, considerando a sociedade contemporânea, há que se destacar a contribuição que o envolvimento paterno vem trazendo a partir do que já foi evidenciado e além do fato de muitos homens, após terem se tornado pais, refletirem o quanto se percebem mais responsáveis e maduros (CARVALHO, 2013).

Entretanto, vislumbrar o envolvimento paterno implica contribuir na sua implementação e desenvolvimento. Assim, o pai precisa ser estimulado a se envolver cada vez mais cedo, desde a gestação, inclusive no acompanhamento pré-natal e amamentação (PONTES; ALEXANDRINO; OSÓRIO, 2009). Em relação à gestação, preparar o pai para um envolvimento adequado requer um fornecimento de informações relevantes sobre a gravidez, o parto e o pós-parto de modo a aliviar ansiedades, preocupações e medos vivenciados pelo mesmo (PICCININI et al., 2004).

É também importante incluir a mãe e sensibilizá-la sobre a importância que o pai tem nesse contexto. Com esta finalidade, em 2012 foi lançado o seguinte material informativo – *Orgulho de Pai: cartilha educativa para a promoção do envolvimento paterno na gravidez*. Fruto da tese de doutorado da autora, Adriana Manganiello, a cartilha foi desenvolvida na Universidade de São Paulo (USP) e teve

apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Utilizando linguagem simples e acessível, dentre os principais itens abordados na cartilha, destacam-se: gestação, parto, pós-parto, amamentação e cuidados com o bebê.

Há que se atentar também para uma atuação mais ampla, mediante políticas públicas e programas direcionados para pais e famílias (FAGAN et al., 2009; SOUZA; BENETTI, 2009) e que venham a inserir a paternidade nos mais diversos contextos – escolar, empresarial, de saúde etc. Entre as possíveis sugestões, licença paternidade e horários de trabalho flexíveis seriam uma grande estratégia nesse sentido (LAMB, 1992, 2010; BASTOS et al., 2013). Portanto, a partir do que foi evidenciado, entende-se que compreender a paternidade e investir no seu desenvolvimento é uma responsabilidade de todos – pai, mãe, família, trabalho e sociedade.

2.4 O ESTUDO

A presente pesquisa de mestrado tem como objetivo geral investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública localizada em Salvador. Para cumprimento do objetivo central, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

1. verificar, na perspectiva dos participantes, quais fontes de estresse estão presentes no cotidiano e sua possível interferência no envolvimento paterno;
2. investigar a prevalência de estresse em pais que são servidores de um órgão público de Salvador;
3. identificar quais aspectos pessoais e sociais favorecem ou prejudicam a conciliação entre trabalho e envolvimento paterno;
4. comparar o envolvimento paterno dos pais que apresentaram quadro de estresse com os que não apresentaram.

3 MÉTODO

O método em pesquisa científica é caracterizado por Richardson e outros (1999, p. 70) como “a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação dos fenômenos [...] fundamentando-se, se possível, nas teorias existentes”. A escolha teórica oferece suporte para compreender, interpretar e dar sentido ao que é pesquisado.

De acordo com Richardson e outros (1999), a escolha metodológica precisa estar diretamente relacionada ao problema de pesquisa, ou seja, à sua natureza ou nível de aprofundamento. Tendo como ponto de partida a questão de pesquisa, “o estresse do pai influencia o envolvimento paterno?” e considerando a revisão de literatura realizada, a pesquisadora avaliou como relevante privilegiar uma abordagem multimetodológica, por meio da qual foram utilizadas estratégias quantitativas e qualitativas de modo complementar.

3.1 DELINEAMENTO

Almejando atingir o objetivo geral do presente estudo que consistiu em investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública localizada em Salvador, considerou-se pertinente realizar um estudo descritivo exploratório. Os estudos exploratórios pretendem “proporcionar mais familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2002, p. 41), enquanto os descritivos “têm como objeto primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis” (p. 42).

Em relação ao método quantitativo adotado, este se utiliza da quantificação para coleta e tratamento dos dados por meio de técnicas estatísticas e o mesmo “é frequentemente aplicado nos estudos descritivos, naqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre as variáveis” (RICHARDSON et al., 1999, p. 70). Já o qualitativo está mais centrado na perspectiva exploratória do fenômeno de modo a compreendê-lo com maior profundidade. Nessa ótica qualitativa, foi privilegiado o uso de entrevistas semiestruturadas, principalmente devido à “[...] propriedade com

que estes instrumentos penetram na complexidade de um problema” (RICHARDSON et al., 1999, p. 82).

3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em um órgão público com sede na cidade de Salvador e esfera de atuação no território do Estado da Bahia. Em 2014, ano em que os dados do presente estudo foram coletados, tal órgão contou com um quadro de 2.092 servidores ativos, entre os quais 1.305 ocupavam cargo de nível técnico e 787 de nível superior.

Cabe destacar que a escolha pelo local levou em consideração dois aspectos. O primeiro referiu-se ao elevado número de funcionários do sexo masculino que o órgão contemplava. Dentre eles encontravam-se pais de filhos pequenos, facilitando o contato com o perfil desejado para a presente pesquisa. O segundo aspecto esteve atrelado à facilidade de acesso da pesquisadora no referido órgão. Portanto, o seu compromisso com os trabalhadores perpassou pela motivação em compreender e contribuir com questões que atinassem para a saúde dos mesmos e os seus reflexos na conciliação trabalho-paternidade.

Os critérios de inclusão para a escolha dos participantes foram: ser homem, estar na condição de servidor efetivo e ativo no Órgão público em questão, lotado em Salvador, ter nível superior completo de escolaridade e cargo de especialidade compatível à sua formação, de modo a considerar os profissionais com carreira neste órgão. Também foi critério de inclusão ser pai de pelo menos um filho pequeno, com idade entre zero e seis anos incompletos, o que lhe garantia ser beneficiário de assistência pré-escolar concedida pelo trabalho. Além disso, aceitar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). Foram excluídos os profissionais que não se encontravam nas condições referidas anteriormente ou que já tivessem passado por perícia de saúde realizada pela mestrandia na referida Instituição, na condição de psicóloga.

A partir dos critérios mencionados, foram identificados 34 potenciais participantes que atendiam ao perfil de inclusão. Dentre eles, quatro foram excluídos pelos seguintes motivos: estar de férias no período da coleta de dados (três

funcionários) ou não aceitar participar da pesquisa alegando receio de o seu nome ser identificado (um servidor), embora a pesquisadora tenha se comprometido em garantir o sigilo dos dados.

Diante disso, participaram do estudo 30 pais¹, cujas idades variaram de 29 a 62 anos, conforme Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Idades dos participantes. Salvador, 2014

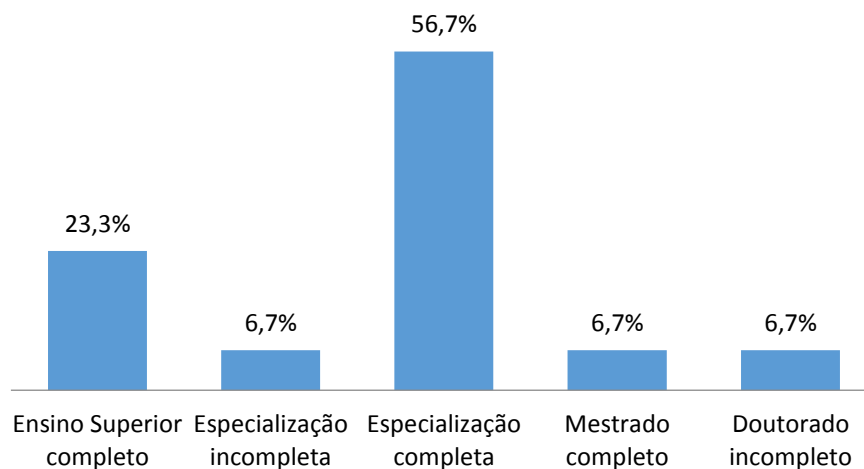
Idades(em anos)	Percentagens (%)
Até 30	13,3
31a 35	26,7
36a 40	26,7
41a 45	23,3
46 a 50	06,7
Acima de 50	03,3
Percentagem total	100,0 (N = 30)

Fonte: autoria própria.

Verifica-se que os respondentes tinham em média 37,9 anos e que houve uma maior concentração deles entre 31 a 45 anos (76,7%). Cabe destacar, ainda, que os dados apresentaram um valor discrepante, apontando apenas um pai com 62 anos de idade, o que equivale a 3,3% do total.

Quanto ao grau de escolaridade dos pais, os dados constam a seguir, na Figura 1.

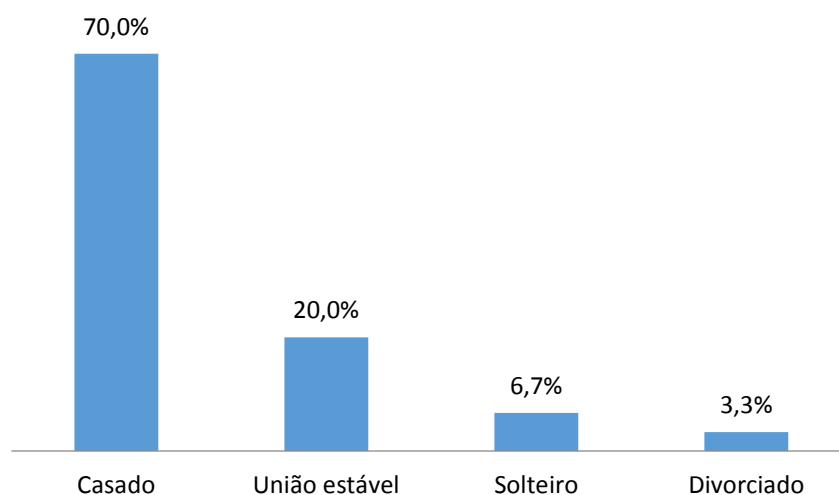
¹ Levanta-se a hipótese de que a alta adesão deveu-se aos seguintes aspectos: implicação dos participantes com o tema estresse e envolvimento paterno e o fato de o convite ter sido feito de modo claro e cuidadoso.

Figura 1 – Escolaridade dos participantes. Salvador, 2014

Fonte: autoria própria.

Observa-se que os participantes tinham um grau de escolaridade elevado, tendo em vista que um pouco mais da metade (56,7%) concluiu curso de especialização. Destaca-se que 13,4% já concluíram o curso de mestrado ou estavam realizando curso de doutorado, o que reflete um perfil de pais que valorizavam a busca pela formação continuada.

Os dados sobre estado civil estão expressos na Figura 2, conforme consta adiante.

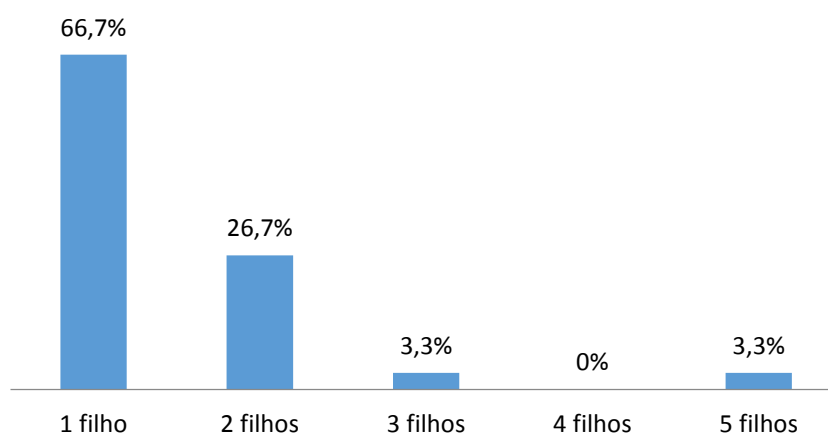
Figura 2 – Estado civil dos participantes. Salvador, 2014

Fonte: autoria própria.

A maioria dos participantes era casada (70,0%) ou se encontrava em união estável (20,0%), assim 90,0% deles tinha esposa/companheira.

Dados sobre o número de filhos por participante constam, a seguir, na Figura 3.

Figura 3 – Número de filhos por participante. Salvador, 2014



Fonte: autoria própria.

Percebe-se que a maioria dos participantes tinha um (66,7%) ou dois filhos (26,7%), sendo que apenas um pai tinha três e outro, cinco. É relevante informar, ainda, que 26 filhos eram do sexo masculino e 18 do sexo feminino, totalizando 44, sendo que 39 deles (88,6%) moravam com os seus respectivos pais. Vale ressaltar também que todos os entrevistados eram pais biológicos. A idade dos filhos é apresentada na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Idade dos filhos dos participantes. Salvador, 2014

Idade (em anos)	Percentagens (%)
Menos de um	16,0
Um	09,0
Dois	04,5
Três	18,2
Quatro	16,0
Cinco	09,0
Seis anos ou mais	27,3
Percentagem total	100,0
Número de filhos	44

Fonte: autoria própria.

A idade dos filhos variou de sete meses a 35 anos, havendo uma predominância de crianças até cinco anos de idade, o que equivale a 72,7% da totalidade dos filhos. Neste sentido, vale destacar que o perfil de pai selecionado para participar da pesquisa incluía ter pelo menos um filho com menos de seis anos de idade, o que acabou por justificar os referidos números. Assim, para a coleta de dados foi considerado o envolvimento do pai somente em relação a um dos filhos que se encontrava na faixa etária de zero a seis anos incompletos.

3.3 INSTRUMENTOS

A seguir estão elencados os instrumentos utilizados na coleta de dados. Todos eles foram construídos pela pesquisadora, exceto o Inventário de Controle de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), teste padronizado e de uso corrente na literatura quando o assunto é estresse. A elaboração dos instrumentos teve como base a revisão de literatura e os objetivos da pesquisa. Esse processo é fundamental, já que por meio da revisão de literatura “é possível que alguns lancem luz sobre determinados aspectos e ajudem na elaboração dos questionários e roteiros” (MINAYO, 2005, p. 134).

1) Formulário para levantamento de dados sociodemográficos (Apêndice B): visava a caracterizar os participantes em relação à idade, escolaridade, estado civil bem como levantar dados gerais do(s) filho(s) e dados sobre o trabalho.

2) Questionário de fontes de estresse presentes no cotidiano (Apêndice C): contemplou sessenta questões fechadas com o intuito de verificar, a partir da percepção dos participantes, as fontes de estresse vivenciadas pelos pais no cotidiano e se as mesmas interferiam no relacionamento deles com o(s) seu(s) filho(s) pequenos, ou seja, menores de seis anos. O questionário estava assim dividido: as questões de número um a 15 referiam-se às fontes de estresse relacionadas à família, as de 16 a 30 diziam respeito ao estresse ligado ao trabalho, as questões 31 a 45 estavam atreladas à saúde, e as de 46 a 60 diziam respeito à sociedade contemporânea. Cabe destacar que a construção deste questionário pela mestrandia, especificamente para esta pesquisa, teve como base os seguintes instrumentos: *Escala de Reajustamento Social* traduzida por Lipp (1984) do original Holmes e Rahe (1967) e disponível em Savoia (1999) e o *Levantamento de Fontes de Stress* elaborado por Oliveira (2007).

3) Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos (ISSL): este instrumento foi elaborado por Lipp em 1989, validado por Lipp e Guevara em 1994, padronizado por Lipp em 2000 e revisado por ela (LIPP, 2005). A validação do constructo do ISSL abrangeu uma amostra de 1.849 adultos e foi aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, em 2003, permanecendo favorável para uso conforme avaliação atualizada do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) deste Conselho. Este inventário permitiu inicialmente identificar se a pessoa apresentava ou não quadro sintomatológico de estresse, em que fase o respondente estava (Alerta, Resistência, Quase-exaustão ou Exaustão) e quais os seus principais sintomas – físicos, psicológicos ou ambos.

4) Roteiro para entrevista semiestruturada (Apêndice D): mediante questões abertas, teve por finalidade identificar como os pais avaliavam o envolvimento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s) e quais aspectos pessoais e/ou sociais favoreciam ou

prejudicavam a conciliação entre o trabalho e o envolvimento paterno. Por meio das entrevistas realizadas com este roteiro, foi possível aprofundar a compreensão acerca de aspectos levantados anteriormente na aplicação dos demais instrumentos e comparar o envolvimento dos pais com estresse *versus* os sem estresse. A definição de envolvimento paterno considerada foi a empregada por Lamb (1992; 2010) e Palkovitz (1997).

3.4 PROCEDIMENTOS

Após revisão de literatura sobre temas atinentes ao objetivo deste estudo e escrita do capítulo correspondente, a pesquisadora se dedicou à definição e construção dos instrumentos que foram utilizados na fase de coleta. Em seguida foi solicitada autorização para coleta de dados junto ao órgão escolhido, a qual foi concedida. Na sequência, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Ucsal, por meio da Plataforma Brasil, permitindo o cumprimento de questões éticas que atinassem pelo bem-estar dos participantes. Nesse sentido há que se destacar que “embora os pesquisadores tenham obrigação de contribuir para o conhecimento, eles têm outra obrigação igualmente comprometedor de proteger o bem-estar de seus sujeitos” (COOK, 1987, p.53).

Após a aprovação da pesquisa pelo referido Comitê, a pesquisadora realizou estudo piloto com cinco pais que atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa, mas não eram do órgão público em questão. A referida aplicação teve como objetivo favorecer o pré-teste dos instrumentos, seguido de alguns ajustes que se fizeram necessários. Esta fase foi muito importante, pois, mediante o pré-teste, tornou-se possível “submeter estes dispositivos aos diferentes atores sociais, buscando sua contribuição para avaliar sua adequação e inteligibilidade” (MINAYO, 2005, p. 134). Em seguida, procedeu-se a coleta dos dados, conforme elucidado a seguir.

3.4.1 Procedimentos para coleta de dados

A pesquisadora fez o convite via e-mail institucional (Apêndice E) a 31 potenciais participantes (que atendiam aos critérios de inclusão). Cabe destacar que o e-mail não foi direcionado aos três servidores que estavam de férias no período da coleta de dados. Em seguida, a pesquisadora manteve contato telefônico com todos

os pais visando confirmar se eles haviam recebido o convite e, nesta ocasião, explicitou os objetivos e a relevância do estudo. Aos 30 servidores que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram entregues os instrumentos a serem preenchidos e devolvidos no prazo máximo de uma semana, sendo eles: “Levantamento de dados sociodemográficos”, “Questionário de fontes de estresse presentes no cotidiano” e o “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL). Nesta oportunidade, foram dadas orientações gerais quanto ao preenchimento de tais instrumentos, garantido aos participantes que as informações por eles prestadas não impactariam em nenhuma hipótese nos seus contextos de trabalho bem como dada a garantia de sigilo e resguardo quanto à identificação dos mesmos tanto no âmbito do órgão público em questão quanto na dissertação e futuras publicações e apresentações dos resultados do estudo em eventos científicos. Importante destacar que a pesquisadora também informou estar disponível para quaisquer esclarecimentos que porventura surgissem. Nesse contato também foi solicitado que os participantes lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em seguida, a pesquisadora recebeu os questionários respondidos, analisou o ISSL e fez a devolutiva individual via e-mail a todos os respondentes, exceto àqueles que informaram previamente não terem interesse no resultado ou aos que apresentaram fases de estresse mais avançadas. Para estes, foi reservada devolutiva individual em caráter presencial e horário de conveniência definido junto aos participantes. A devolutiva contemplou, além dos resultados de estresse, orientações ou encaminhamentos de saúde que se fizeram necessários. A principal diferença entre as orientações para os estressados *versus* não estressados esteve focada no tratamento para o primeiro grupo e prevenção para o segundo. Na ocasião, a pesquisadora esteve à disposição para agendamentos individuais mediante manifestação de interesse dos participantes para eventuais esclarecimentos e/ou suporte *in loco* que se fizesse necessário.

A coleta de dados, num segundo momento, contou com a realização de entrevistas individuais gravadas com amostra de 10 pais, de modo a acessar “o ponto de vista dos entrevistados a respeito dos temas em questão” (MINAYO, 2005, p. 137). Como mencionado anteriormente, tal etapa de coleta buscou compreender como se dava o envolvimento dos participantes com os seus filhos, as possíveis

influências do quadro clínico de estresse em tal envolvimento e os desafios contemporâneos para conciliar trabalho e envolvimento paterno.

Como as entrevistas ocorreram no mês de dezembro de 2014, para a escolha dos pais que participariam desta etapa de coleta, excluiu-se 12 servidores que tinham férias programadas para gozo no referido período e procedeu-se a escolha aleatória, por meio de sorteio, de cinco pais com diagnóstico de estresse e cinco pais sem estresse. Destaca-se que a opção por incluir apenas dez pais para a realização desta segunda etapa se justifica pelo fato desta parte do estudo ser qualitativa, portanto, “[...] com mais de dez casos fica muito difícil lidar com a quantidade e complexidade das informações” (EISENHARDT, 1989 *apud* GIL, 2010).

Cabe salientar que as entrevistas ocorreram em data e horário convenientes aos participantes e em sala específica do órgão público em questão que se mostrou adequada em termos de conforto, acolhimento, tranquilidade e sigilo necessários à coleta de dados.

3.4.2 Retorno à instituição e aos participantes

A pesquisadora havia se comprometido em fornecer retorno dos resultados levantados no presente estudo, tanto para os participantes da pesquisa quanto para a Instituição. O retorno aos participantes que manifestaram interesse se deu por meio de devolutiva individual via e-mail e/ou presencialmente, aos que apresentaram fases de estresse mais avançadas e referiram interesse em acesso aos resultados. A estes últimos também foi viabilizado suporte pontual com encaminhamentos de saúde, conforme melhor detalhado anteriormente, no item 3.4.1.

O retorno à Instituição se dará mediante oferta de um exemplar da dissertação. Ambas as ações visaram retribuir pela autorização concedida pelo órgão estudado e disponibilidade dos funcionários que aceitaram participar da investigação. Cabe reforçar que os participantes não foram identificados nos resultados do estudo e nem o nome do órgão público em questão divulgado.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, os dados oriundos da primeira etapa de coleta foram organizados em categorias, codificados, tabulados e analisados por meio de técnicas que implicaram quantificação, descrição e relação entre variáveis, caracterizando o método quantitativo. Para tal, contou-se com o apoio do Setor de Estatística que o local da pesquisa dispunha, conforme solicitação prévia da pesquisadora e autorização do órgão estudado. Ainda em relação aos dados quantitativos, as variáveis categóricas foram apresentadas por meio de tabelas com frequências absolutas (N) e relativas (%), e suas possíveis relações foram viabilizadas mediante o Teste Qui-Quadrado ou o Teste Exato de Fisher para valores esperados menores que 5. Quanto às variáveis contínuas, estas foram analisadas estatisticamente a partir de medidas de tendência central e dispersão. Cabe evidenciar que a organização e análise dos dados quantitativos foi possível através da utilização do *Programa R*, versão 3.1.1. Conforme informado pelo Setor de Estatística do Órgão público em questão, Ré um *software* livre que fornece uma ampla variedade de estatística e técnicas gráficas, além de ser altamente extensível. O *Programa R* está disponível como *software* livre sob os termos da GNU General Public License e roda em uma ampla variedade de plataformas UNIX e nos sistemas semelhantes (incluindo FreeBSD e Linux), Windows e MacOS.

Num segundo momento, foi viabilizada a análise das entrevistas individuais realizadas com a amostra de dez pais, todas gravadas e em seguida transcritas. As respostas foram examinadas por meio da análise de conteúdo qualitativa (BARDIN, 2002; LAVILLE; DIONNE, 1999). Nessa perspectiva, procedeu-se com a leitura flutuante das entrevistas transcritas de modo que a pesquisadora pudesse acessar os discursos dos respondentes e permitir que emergissem deles impressões. Os conteúdos trazidos foram recortados a partir dos núcleos de sentido produzidos pelos respondentes e organizados em categorias temáticas criadas a partir das respostas e da literatura revisada de modo coerente com os objetivos da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados da presente dissertação, que teve por objetivo geral investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública localizada em Salvador. Além disso, tais resultados serão discutidos à luz da literatura. Os tópicos deste capítulo são: dados sobre trabalho; fontes de estresse presentes no cotidiano dos participantes; diagnóstico de estresse e predominância de sintomas entre os pais; estresse, trabalho e envolvimento de pais com seu(s) filho(s) pequeno(s); apresentação dos dez casos entrevistados (Paulo, José, Davi, Mateus, Isac, Tobias, Pedro, Tiago, Lucas e Jacó), conforme nomes fictícios atribuídos aos mesmos para preservação do sigilo quanto à identificação dos participantes, e discussão geral.

4.1 DADOS SOBRE TRABALHO

Os 30 pais respondentes ingressaram no órgão público pesquisado entre os anos de 1992 a 2014, tendo em média 7,5 anos de trabalho. Cabe destacar que entre eles, 46,7% passaram a atuar em tal órgão em 2010, isso se justifica pelo fato de, em 2009, ter ocorrido um concurso público para preenchimento de vagas na referida Instituição.

As áreas de atuação e a carga horária de trabalho semanal dos pais constam na Tabela 3. Tais áreas foram divididas em Administrativa, Judiciária e Tecnologia da Informação pelo fato de essa classificação constar na ficha cadastral dos servidores no órgão estudado.

Tabela 3 – Áreas de atuação e carga horária de trabalho semanal no Órgão público. Salvador, 2014

Áreas de atuação	Carga horária de trabalho semanal			Total
	Menos de 35 h	De 35 a 45 h	Mais de 45 h	
	%	%	%	
Administrativa	-	03,3	-	03,3
Judiciária	26,7	30,0	06,7	63,4
Tecnologia da Informação	10,0	23,3	-	33,3
Total	36,7 (N = 11)	56,7 (N = 17)	6,7 (N = 2)	100,0 (N=30)

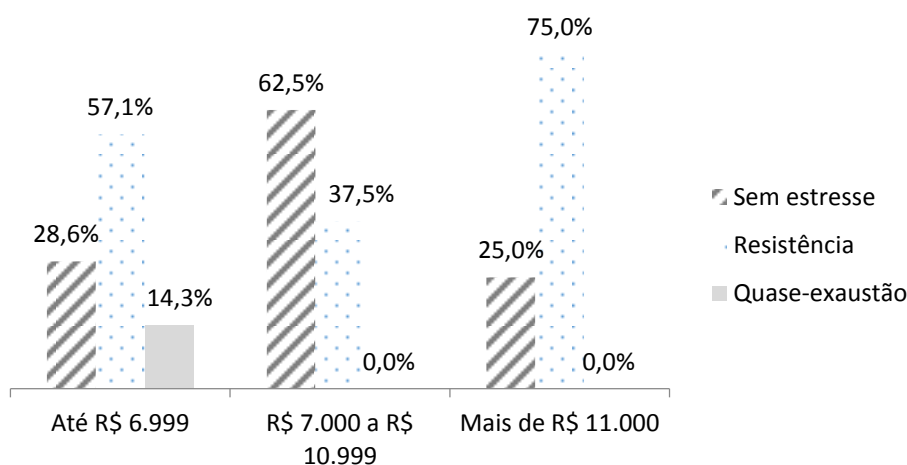
Fonte: autoria própria.

Constata-se que quase dois terços (63,4%) dos servidores atuavam no campo Judiciário, um terço (33,3%) na área de Tecnologia da Informação e apenas 3,3% na Administrativa.

No que diz respeito à carga horária de trabalho semanal, um pouco mais da metade dos pais (56,7%) dedicavam entre 35 e 45 horas no trabalho, 36,7% tinham uma jornada inferior a 35 horas e apenas 6,7% ocupavam mais de 45 horas nas suas atividades laborais, sendo que nesta última condição encontravam-se apenas os servidores da área Judiciária.

A remuneração mensal líquida dos respondentes variou de R\$ 5.550,00 a R\$ 13.000,00, sendo o valor médio de R\$ 8.972,93. Vale salientar que três participantes não informaram sua renda.

A Figura 4, a seguir, elucida a relação entre salário e quadro de estresse dos participantes.

Figura 4 – Estresse e salário. Salvador, 2014

Fonte: autoria própria.

Percebe-se que os servidores com quadro de estresse estavam mais concentrados na faixa de menores e maiores salários. Por um lado, 71,4% dos servidores com menores salários apresentaram quadro de estresse, respectivamente nas fases de Resistência (57,1%) e Quase-exaustão (14,3%). Por outro lado, a maioria dos servidores com maiores salários (75,0%) também estavam com estresse, na fase de Resistência.

Dentre os respondentes, apenas dois afirmaram que realizavam trabalho em outra Instituição, ambos como professores universitários, sendo que um atuava por 30 horas e o outro por 20 horas semanais neste segundo trabalho.

O estresse tem acometido muitos servidores públicos, de diversas áreas de atuação e em instituições diferentes (MINARI, 2007). Segundo Filgueiras e Hippert (1999), esse estresse acaba por acarretar altos índices de absenteísmo e licenças médicas. Nesse sentido, a ausência de vida social em virtude de horas de trabalho extremamente longas e a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais têm sido destacadas como algumas das principais áreas de conflito casa-trabalho que podem levar ao estresse (CAMELO; ANGERAMI, 2008). Por outro lado, como se constatou no presente estudo, os servidores com maiores salários podem estar se sentindo mais sobrecarregados em decorrência das grandes responsabilidades assumidas.

A seguir, serão evidenciadas as principais fontes de estresse presentes no cotidiano dos participantes deste estudo e a sua interferência no relacionamento que estabelecem com os filhos pequenos.

4.2 FONTES DE ESTRESSE PRESENTES NO COTIDIANO DOS PARTICIPANTES

Com o intuito de verificar a percepção dos participantes sobre a presença de fontes de estresse na vida cotidiana deles, foram elencadas situações relacionadas às seguintes áreas: família, trabalho, saúde e sociedade contemporânea. Cada área continha 15 questões, assim distribuídas: as questões de um a 15 diziam respeito à família, as de 16 a 30 se referiam ao trabalho, as de 31 a 45 abordavam aspectos atinentes à saúde e as de 46 a 60 elucidavam aspectos ligados à sociedade contemporânea.

Os respondentes tinham três opções de resposta. A primeira era “sim”, caso o participante percebesse a situação como fonte de estresse presente no seu dia a dia, “não” caso não percebesse a situação descrita como fonte de estresse, mesmo que ela estivesse presente e “não se aplica” se aquela situação não fizesse parte do seu cotidiano. Em seguida, buscou-se verificar se os pais que tinham percebido fontes de estresse presentes no cotidiano, identificavam uma possível interferência dessas fontes no envolvimento que estabeleciam com os filhos.

A Tabela 4, a seguir, evidencia a percentagem de pais que identificou fontes estressoras presentes nas diversas áreas da sua vida (família, trabalho, saúde e sociedade contemporânea) e a interferência negativa delas na relação com os filhos pequenos. Os cálculos foram feitos do seguinte modo: para a coluna “Fontes estressoras presentes na vida dos participantes” considerou-se o número total de possíveis marcações por área (30 pais x 15 questões = 450 possibilidades) e, em seguida, verificou-se o número de marcações feitas pelos pais em cada área. Feito isso, multiplicou-se por 100 o número de marcações efetivamente realizadas pelos pais, e dividiu-se esse resultado por 450 (número total de possibilidades de marcação), chegando-se às percentagens apresentadas na referida coluna. Por exemplo, na área Família foram 148 marcações no que se refere a fontes de estresse percebidas, assim: $(148 \times 100) / 450 = 32,9\%$.

Já o cálculo da coluna “Interferência negativa das fontes estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) pequeno(s)” foi feito assim: considerou-se o total de marcações sobre interferência negativa no relacionamento com os filhos, por área, multiplicou-se este valor por 100, e dividiu-se este resultado pelo total de marcações efetivamente feitas pelos pais sobre as fontes de estresse percebidas em cada área do seu cotidiano. Por exemplo, na área Família foram 70 marcações no que se refere à interferência negativa das fontes estressoras no relacionamento do pai com seus filhos pequenos. Deste modo: $(70 \times 100) / 148 = 47,3\%$.

Tabela 4 – Pais que identificaram fontes estressoras presentes em áreas da sua vida e sua interferência negativa na relação com os filhos pequenos. Salvador, 2014

Áreas	Fontes estressoras presentes na vida dos participantes (%)	Interferência negativa das fontes estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) pequeno(s) (%)
Saúde	39,6	54,5
Sociedade Contemporânea	33,1	47,7
Família	32,9	47,3
Trabalho	29,6	46,6

Fonte: autoria própria.

Dentre as fontes estressoras identificadas pelos pais como presentes no cotidiano em relação às áreas pesquisadas (família, trabalho, saúde e sociedade contemporânea), a saúde foi a área que revelou uma maior concentração dessas fontes (39,6%) e a que mais interferiu negativamente no envolvimento paterno (54,5%).

A seguir, serão apresentadas as Tabelas de 5 a 8 que especificam, por área pesquisada, as situações percebidas como fontes de estresse que permeavam o cotidiano dos respondentes.

Na Tabela 5 constam as situações de estresse relacionadas à área de família.

Tabela 5 – Fontes de estresse relacionadas à família presentes no cotidiano dos pais e interferência negativa delas no relacionamento com os filhos pequenos. Salvador, 2014

Situações	Situações estressoras na perspectiva dos pais (%)	Interferência negativa das situações estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) (%)
1. Acompanhar gravidez da esposa/companheira.	23,3	-
2. Vivenciar nascimento recente de filho(s).	30,0	-
3. Identificar o acréscimo de pessoas morando em casa.	26,6	37,5
4. Enfrentar conflitos na família.	70,0	61,9
5. Ter passado recentemente por separação/divórcio.	6,6	100,0
6. Ter reduzido apoio da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc) no cuidado de filho(s) pequeno(s).	33,3	30,0
7. Ter interferência excessiva da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc) no cuidado de filho(s) pequeno(s).	16,6	80,0
8. Ter reduzido apoio de funcionário(s) para atividades domésticas.	40,0	58,3
9. Assumir muitas responsabilidades com a casa.	66,6	55,0
10. Assumir poucas responsabilidades com a casa.	10,0	33,3
11. Assumir muitas responsabilidades com os cuidados do(s) filho(s) pequeno(s).	56,6	35,3
12. Assumir poucas responsabilidades com os cuidados do(s) filho(s) pequeno(s).	16,6	60,0
13. Acompanhar tarefas escolares do(s) filho(s) pequeno(s).	16,6	40,0
14. Dedicar pouco tempo para a família.	46,6	92,9
15. Vivenciar a morte de familiar ou amigo próximo.	30,0	22,2

Fonte: autoria própria.

Sobre as questões relacionadas à família, verifica-se que as fontes de estresse mais presentes no cotidiano dos entrevistados foram “4. Enfrentar conflitos na família” (70%), “9. Assumir muitas responsabilidades com a casa” (66,6%) e “11. Assumir muitas responsabilidades com os cuidados do(s) filho(s) pequeno(s)” (56,6%). No que diz respeito à interferência negativa das situações estressoras no envolvimento paterno, as mais evidenciadas foram: “5. Ter passado recentemente por separação/divórcio” (100,0%), “14. Dedicar pouco tempo para a família” (92,9%) e “7. Ter interferência excessiva da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc.) no cuidado de filho(s) pequeno(s)” (80,0%).

As questões ligadas ao trabalho estão elencadas na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – Fontes de estresse relacionadas ao trabalho presentes no cotidiano dos pais e percentagem de interferência negativa delas no relacionamento com os filhos pequenos. Salvador, 2014

Situações	Situações estressoras na perspectiva dos pais (%)	Interferência negativa das situações estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) (%)
16. Lidar com o fato de a esposa/companheira trabalhar.	26,6	50,0
17. Vivenciar situação de desemprego da esposa/companheira.	10,0	33,3
18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho.	76,6	65,2
19. Considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva.	26,6	87,5
20. Ter carga horária do trabalho inflexível.	06,6	50,0
21. Ter constante capacitação profissional.	10,0	66,7
22. Sentir-se desatualizado no âmbito profissional, temendo ser descartado.	16,6	60,0
23. Enfrentar conflitos interpessoais no trabalho.	30,0	22,2
24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos	53,3	43,8

25. Constatar excesso de competição e metas cada vez mais desafiadoras no âmbito profissional.	40,0	50,0
26. Ser pressionado por apresentar resultados profissionais.	50,0	46,7
27. Ter pouca autonomia para realizar as atividades profissionais.	16,6	0,0
28. Sentir-se pouco reconhecido profissionalmente pela dedicação e competência.	16,6	0,0
29. Sentir que precisa, numa crescente, trabalhar mais, ganhar mais e consumir mais.	30,0	66,7
30. Perceber uma exigência atual por trabalhadores multifuncionais.	33,3	10,0

Fonte: autoria própria.

Conforme ilustrado anteriormente, no que diz respeito às questões ligadas ao trabalho, as de destaque como mais estressoras foram: “18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho” (76,6%), “24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado” (53,3%) e “26. Ser pressionado por apresentar resultados profissionais” (50,0%). Quanto à interferência das fontes estressoras na relação com os filhos pequenos, sobressaíram-se as seguintes: “19. Considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva” (87,5%), “21. Ter constante capacitação profissional” (66,7%) e “29. Sentir que precisa, numa crescente, trabalhar mais, ganhar mais e consumir mais” (66,7%).

A seguir, a Tabela 7 elenca as questões de estresse referentes à saúde.

Tabela 7 – Fontes de estresse relacionadas à saúde presentes no cotidiano dos pais e percentagem de interferência negativa delas no relacionamento com os filhos pequenos. Salvador, 2014

Situações	Situações estressoras na perspectiva dos pais (%)	Interferência negativa das situações estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) (%)
31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer.	76,6	73,9
32. Dedicar pouco tempo para cuidar da própria alimentação.	43,3	46,2
33. Dedicar pouco tempo para realizar atividade física.	70,0	42,9
34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex.: fumo e sedentarismo).	30,0	77,8
35. Consumir bebida alcoólica em excesso.	06,6	50,0
36. Dedicar pouco tempo para acompanhamento médico e exames de rotina.	36,6	18,2
37. Enfrentar problemas de sono.	40,0	91,7
38. Apresentar autocrança elevada, colocando sobre si expectativas irrealistas e metas inalcançáveis.	36,6	36,4
39. Reconhecer-se perfeccionista.	40,0	25,0
40. Apresentar dificuldade para lidar com os seus próprios erros.	26,6	50,0
41. Apresentar dificuldade para lidar com os erros de outras pessoas.	33,3	40,0
42. Identificar em si crenças de “ser frágil” ou “não ter valor”.	16,6	60,0
43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc).	60,0	77,8
44. Ter a opinião de que as pessoas não são confiáveis e conseqüentemente sentir que “o mundo é perigoso”.	23,3	28,6
45. Vivenciar processo de adoecimento pessoal e/ou com familiares.	53,3	68,8

Fonte: autoria própria.

Considerando as questões sobre a saúde, as mais citadas como fontes de estresse foram: “31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer” (76,6%), “33. Dedicar pouco tempo para realizar atividade física” (70,0%) e “43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc.)” (60,0%). Quanto à interferência negativa das situações estressoras no envolvimento paterno, constatou-se que foram mais destacadas as seguintes: “37. Enfrentar problemas de sono” (91,7%); “34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde – ex.: fumo e sedentarismo” (77,8%) e “43. Ter com frequência emoções desconfortáveis – medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc.” (77,8%).

As situações tidas como estressoras no âmbito da sociedade contemporânea estão elencadas na Tabela 08.

Tabela 08 – Fontes de estresse relacionadas à sociedade contemporânea presentes no cotidiano dos pais e interferência negativa delas no relacionamento com os filhos pequenos. Salvador, 2014

Situações	Situações estressoras na perspectiva dos pais (%)	Interferência negativa das situações estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) (%)
46. Mudar de residência.	13,3	25,0
47. Mudar de cidade.	03,3	100,0
48. Considerar que a sua presença com o(s) filho(s) pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes).	06,6	100,0
49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar.	66,6	85,0
50. Consumir/comprar para aliviar a ansiedade.	16,6	60,0
51. Apresentar dificuldades financeiras.	43,3	61,5
52. Ser o único ou o principal provedor financeiro da família.	30,0	33,3
53. Ter a sensação de que as coisas precisam ser feitas com urgência contínua, imediatamente.	56,6	41,2
54. Reconhecer que a tecnologia avança em ritmo veloz, sendo necessário adaptar-se.	20,0	33,3
55. Estar envolvido em infrações no trânsito decorrente da correria cotidiana.	10,0	-
56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito.	66,6	40,0
57. Gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito.	43,3	61,5
58. Identificar nas relações interpessoais instabilidade e superficialidade.	53,3	25,0
59. Vivenciar e/ou presenciar assalto(s), sequestro(s) ou casa roubada.	40,0	41,7
60. Vivenciar e/ou presenciar acidente(s) no trânsito.	26,6	12,5

Fonte: autoria própria.

No que diz respeito às questões ligadas ao estresse presente na sociedade contemporânea, as fontes estressoras mais relatadas foram: “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar” (66,6%), “56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito” (66,6%) e “53. Ter a sensação de que as coisas precisam ser feitas com urgência contínua, imediatamente” (56,6%). No que diz respeito às situações percebidas como estressoras que demonstram uma maior interferência negativa na relação dos respondentes com os seus filhos pequenos são: “47. Mudar de cidade” (100,0%), “48. Considerar que a sua presença com o(s) filho(s) pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes)” (100,0%) e “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar” (85,0%).

A Tabela 09 elucida as situações das áreas – família, trabalho, saúde e sociedade contemporânea, que apresentaram maior percentual de concordância dos pais em relação às fontes de estresse presentes no cotidiano e sua posterior relação com o envolvimento paterno.

Tabela 09 – Fontes de estresse identificadas com maior frequência pelos pais e sua interferência negativa no envolvimento paterno. Salvador, 2014

Situações	Áreas do cotidiano	Situações estressoras na perspectiva dos pais (%)	Interferência negativa das situações estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) (%)
4. Enfrentar conflitos na família.	Família	91,3	61,9
15. Vivenciar a morte de familiar ou amigo próximo.	Família	90,0	22,2
34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex.: fumo e sedentarismo).	Saúde	90,0	77,8
18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho.	Trabalho	88,5	65,2
31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer.	Saúde	88,5	73,9
33. Dedicar pouco tempo para realizar atividade física.	Saúde	84,0	42,9
49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar	Sociedade contemporânea	83,3	85,0
51. Apresentar dificuldades financeiras.	Sociedade contemporânea	81,3	61,5
53. Ter a sensação de que as coisas precisam ser feitas com urgência contínua, imediatamente.	Sociedade contemporânea	81,0	41,2
37. Enfrentar problemas de sono.	Saúde	80,0	91,7
59. Vivenciar e/ou presenciar assalto(s), sequestro(s) ou casa roubada.	Sociedade contemporânea	80,0	41,7
56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito.	Sociedade contemporânea	76,9	40,0
57. Gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito.	Sociedade contemporânea	76,5	61,5
24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado.	Trabalho	76,2	43,8
58. Identificar nas relações interpessoais instabilidade e superficialidade.	Sociedade contemporânea	76,2	25,0
43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza)	Saúde	75,0	77,8
9. Assumir muitas responsabilidades com a	Família	74,1	55,0

casa.			
11. Assumir muitas responsabilidades com os cuidados do(s) filho(s) pequeno(s).	Família	73,9	35,3
14. Dedicar pouco tempo para a família.	Família	73,7	92,9
38. Apresentar autocobrança elevada, colocando sobre si expectativas irrealistas	Saúde	73,3	36,4
45. Vivenciar processo de adoecimento pessoal e/ou com familiares.	Saúde	72,7	68,8

Fonte: autoria própria

Percebe-se que as situações mais identificadas pelos respondentes como fontes estressoras foram: “4. Enfrentar conflitos na família” (91,3%), “15. Vivenciar a morte de familiar ou amigo próximo (90,0%)”, ambas da área de família, e “34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex.: fumo e sedentarismo)” (90,0%), sendo que esta última refere-se à área da saúde. Em relação às fontes de estresse que revelaram uma maior interferência negativa no envolvimento paterno têm destaque: “14. Dedicar pouco tempo para a família” (92,9%); “37. Enfrentar problemas de sono” (91,7%) e “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar” (85,0%), respectivamente essas três situações correspondem às áreas de família, saúde e sociedade contemporânea.

A Tabela 10, a seguir, elenca as situações identificadas pelos pais como fontes de estresse que mais interferiam negativamente na relação deles com os seus filhos pequenos.

Tabela 10 – Fontes de estresse com maior frequência de interferência negativa no envolvimento paterno. Salvador, 2014

Situações	Áreas do cotidiano	Interferência negativa das situações estressoras no relacionamento com o(s) filho(s) (%)
5. Ter passado recentemente por separação/divórcio.	Família	100,0
47. Mudar de cidade.	Sociedade contemporânea	100,0
48. Considerar que a sua presença com o(s) filho(s) pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes).	Sociedade contemporânea	100,0
14. Dedicar pouco tempo para a família.	Família	92,9
37. Enfrentar problemas de sono.	Saúde	91,7
19. Considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva.	Trabalho	87,5
49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar.	Sociedade contemporânea	85,0
7. Ter interferência excessiva da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc.) no cuidado de filho(s).	Sociedade contemporânea	80,0
34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex: fumo e sedentarismo).	Saúde	77,8
43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza)	Saúde	77,8

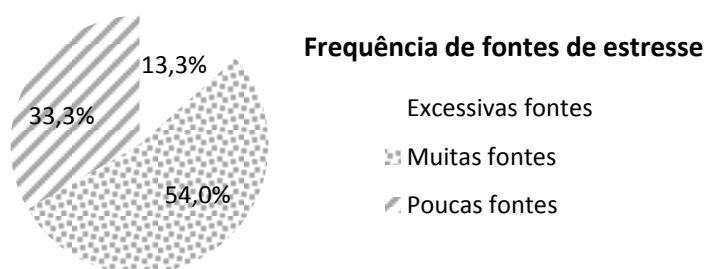
Fonte: autoria própria.

Nota-se que as situações identificadas pelos pais como fontes de estresse que mais interferiam negativamente no relacionamento deles com os seus filhos pequenos foram: “5. Ter passado recentemente por separação/divórcio”, incluída na área da família, “47. Mudar de cidade” e “48. Considerar que a sua presença com o(s) filho(s) pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes)”, ambas da área da sociedade contemporânea. Cem por cento dos pais que consideraram estas situações como fontes de estresse presentes em seus cotidianos, afirmaram que elas interferiam negativamente na relação que mantinham

com os seus filhos pequenos. Na sequência, “14. Dedicar pouco tempo para a família” (92,9%) e “37. Enfrentar problemas de sono” (91,7%) foram as questões referentes à família, e à saúde, respectivamente, que mais impactavam negativamente no envolvimento que os pais mantinham com os seus filhos.

A Figura 5 mostra a percepção dos pais sobre a frequência com que as fontes de estresse estão presentes no cotidiano deles. Foram estabelecidas as seguintes alternativas para escolha de uma opção: “(a) nenhuma fonte de estresse está presente no meu cotidiano; (b) poucas fontes de estresse estão presentes no meu cotidiano; (c) muitas fontes de estresse estão presentes no meu cotidiano; (d) excessivas fontes de estresse estão presentes no meu cotidiano”.

Figura 5 – Frequência com que as fontes de estresse percebidas pelos pais estão presentes no cotidiano deles. Salvador, 2014



Fonte: autoria própria.

Conforme evidenciado, um pouco mais da metade dos participantes (54,0%) reconhece que muitas fontes de estresse estavam presentes no cotidiano deles, e um terço dos pais (33,3%) identificou a presença de poucas fontes estressoras em suas vidas. Cabe destacar que 13,3% dos respondentes consideraram que o seu cotidiano está permeado de excessivas fontes estressoras.

Os dados confirmam os encontrados na literatura, tendo em vista que, segundo Oliveira (2007), em pesquisa realizada com amostra de 220 magistrados e servidores públicos, 66% dos participantes identificaram a presença de muitas fontes de estresse no cotidiano, e apenas 18% informaram se deparar com poucas delas.

Conforme ressaltam Brito e Rodrigues (2011), é inegável o crescimento de estressores na sociedade contemporânea, e esses múltiplos estressores acabam gerando um intenso desgaste no indivíduo, tanto físico como mental, acarretando em tensão e ansiedade.

Dentre os principais fatores etiológicos do estresse na vida pós-moderna, tem-se: urgência contínua; imediatismo; busca pelo prazer instantâneo e intenso; consumo como estratégia para obter o reconhecimento social e bem-estar; assaltos; medo do outro; tecnologia avançada; aumento de conflitos e reorganização familiar; casamento de duas casas; globalização; excesso de competição e metas cada vez mais desafiadoras no âmbito profissional; pouco ou nenhum controle sobre as atividades realizadas; aceleração do tempo; diminuição das distâncias e sentimento de competitividade (BRITO; RODRIGUES, 2011).

Esse crescimento célere de fontes estressoras acaba por trazer desafios aos pais contemporâneos no que toca ao equilíbrio entre o trabalho e as responsabilidades familiares, sem que a saúde seja prejudicada (ZANELLI et al., 2010). Preocupada com essa questão, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), por meio de escritórios situados no Brasil e em Portugal, lançou uma série de notas² visando a fornecer conceitos, informações e fomentar boas práticas que tivessem como foco facilitar a conciliação entre o trabalho e a família, pois são dois eixos fundamentais para a saúde mental. Nesse sentido, cabe destacar que, para Freud (1907, 1982 *apud* COSTI, 2013), a saúde mental do indivíduo é percebida por meio da sua capacidade de amar e trabalhar.

A seguir, será elucidado o diagnóstico de estresse e qual é a predominância de sintomas nos pais que participaram do presente estudo, a partir da aplicação do Inventário de *Sintomas de Stress para Adultos de Lipp* (ISSL).

²Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br>. Acesso em: 04 set. 2015.

4.3 DIAGNÓSTICO DE ESTRESSE E PREDOMINÂNCIA DE SINTOMAS ENTRE OS PAIS

Neste tópico serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação do Inventário de *Sintomas de Stress para Adultos de Lipp* (ISSL), visando a verificar a presença ou não de quadro clínico de estresse entre os pais. Nos casos em que foi identificada a presença de estresse, o instrumento também apurou a fase em que o respondente se encontrava (Alerta, Resistência, Quase-exaustão ou Exaustão) e a predominância de sintomas (físicos, psicológicos ou ambos).

Conforme apresentado no capítulo de revisão de literatura desta dissertação, a diferença das fases de estresse explicita que ele é um fenômeno de percurso crescente no organismo, caso não sejam tomadas medidas para interrompê-lo. Antes de apresentar cada fase, é importante destacar que elas concentram sintomas físicos, psicológicos ou ambos. Isto significa que o estresse revela-se no organismo por meio de sintomas que aparecem no âmbito físico (ex.: tensão muscular, taquicardia etc.), outros que aparecem no âmbito psicológico (ex.: ansiedade, irritabilidade etc.) e até em ambas as esferas, física e psicológica. A seguir, conforme elucida Lipp (2005), serão apresentadas de modo sucinto as fases em que o estresse percorre no organismo.

A primeira fase de estresse é o Alerta; nela o organismo sinaliza que a sua homeostase foi quebrada, cedendo lugar ao estresse. As pistas da sua presença surgem a partir de alguns dos seguintes sintomas: dificuldade para dormir, excesso de energia, tensão mental e muscular, taquicardia, sudorese, perda do apetite e por vezes acentuada irritabilidade. Caso nada seja feito, o estresse tende a continuar seu percurso no organismo, chegando à segunda fase, chamada de Resistência. Nela o organismo sinaliza que está buscando utilizar energias guardadas para reestabelecer o equilíbrio quebrado pela ação do estresse. Os principais sintomas desta fase são: queda na criatividade e produtividade, cansaço, prejuízos à memória se iniciam, sensação de estar doente.

O processo de estresse não para por aí. Se o que está causando o estresse no organismo não for detectado e não houver intervenção para reduzir as fontes de estresse e/ou fortalecer o organismo, chega-se à fase de Quase-Exaustão. Como o próprio nome diz, nessa fase o organismo já sente de forma mais impactante os efeitos deletérios do estresse e alguns dos sintomas que chamam a atenção nesta

fase são: insônia, diminuição da libido, cansaço, sensação de desgaste, falhas de memória, elevada ansiedade, prejuízos no humor e início de doenças.

Se nesse percurso o sujeito que sofre do estresse tiver procurado um tratamento, provavelmente terá êxito em não sentir prejuízos maiores no organismo. Entretanto, caso não busque suporte, poderá chegar à última e prejudicial fase do estresse, chamada de Exaustão. Nela as defesas do organismo provavelmente já cederam e não é incomum o surgimento de doenças e até, nos casos mais graves, o óbito. Alguns dos sintomas que marcam essa fase são: sono de curta duração, não trazendo a sensação de descanso, desaparecimento quase total da libido, desinteresse pelo trabalho, sensação de desgaste, cansaço e surgimento de doenças graves (depressão, úlceras, psoríase, diabetes, enfarte etc.), algumas vezes chegando ao óbito, conforme anteriormente mencionado.

A Tabela 11 mostra o resultado da presença ou não de estresse nos pais estudados, segundo o ISSL aplicado.

Tabela 11 – Presença ou não de estresse entre os participantes, conforme dados obtidos mediante a aplicação do “Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp” (ISSL). Salvador, 2014

Resultado de estresse	Porcentagem de pais (%)
COM ESTRESSE	
Fase de Alerta	-
Fase de Resistência	50,0
Fase de Quase-exaustão	03,3
Fase de Exaustão	-
SEM ESTRESSE	46,7

Fonte: autoria própria

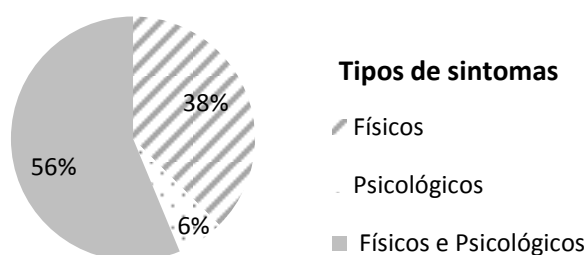
Conforme apresentado, percebe-se que 50,0% dos pais estavam na fase de Resistência e, 3,3%, na fase de Quase-exaustão; assim sendo, 53,3% dos participantes encontravam-se com um quadro clínico de estresse. Percebe-se

também que a fase de alerta não foi verificada entre os participantes, assim como a fase de Exaustão.

Esses dados encontraram ressonância na literatura, conforme pesquisa realizada por Minari (2007) com uma amostra de 42 servidores que atendiam segurados em quatro agências do INSS de Campo Grande (MS). Nesta pesquisa, a fase de Alerta também não foi detectada entre os participantes com estresse, tendo sido predominantes as fases de Resistência (84,6%), seguida da fase de quase-exaustão (11,6%) e da fase de exaustão (3,8%). Segundo Lipp (2000), a análise desses dados indica que os participantes com estresse ultrapassaram a adaptação inicial de alarme do organismo e estavam expostos a contínuas fontes de estresse. Ainda conforme a autora, a prevalência de pessoas nas últimas fases do estresse é um dado importante a ser considerado, tendo em vista que a adaptação do organismo nestas fases está esgotada, dando espaço para o aparecimento de doenças.

Ao se considerarem todos os participantes do presente estudo, independentemente se estavam com quadro de estresse ou não, calculou-se, ainda, a ocorrência de sintomas físicos, psicológicos ou de ambos, conforme evidenciado na Figura 6 que segue.

Figura 6 – Ocorrência de sintomas de estresse nos pais, sejam eles físicos e/ou psicológicos. Salvador, 2014



Fonte: autoria própria.

Constatou-se a predominância concomitante de sintomas físicos e psicológicos em pouco mais da metade dos respondentes (56,0%). Em seguida,

tiveram destaque os sintomas físicos, responsáveis pelo acometimento de 38,0% da totalidade dos pais.

A seguir, as Tabelas de 12 a 14 detalham os sintomas físicos e psicológicos de estresse experimentados pelos pais em diversos intervalos de tempo (respectivamente nas últimas 24h; última semana e último mês), tendo como parâmetro de referência para o respondente, o dia de aplicação do instrumento. A seguir, a Tabela 12 retrata os sintomas físicos e psicológicos experimentados pelos pais nas últimas 24 horas.

Tabela 12 – Sintomas físicos e psicológicos de estresse experimentados pelos pais nas últimas 24 horas. Salvador, 2014

Sintomas físicos	% de ocorrência
Tensão muscular	53,3%
Insônia	26,7%
Aperto da mandíbula/ranger os dentes	20,0%
Diarreia passageira	20,0%
Mudança de apetite	20,0%
Nó no estômago	13,3%
Boca seca	10,0%
Aumento de sudorese	10,0%
Taquicardia	10,0%
Hiperventilação	06,7%
Hipertensão arterial súbita e passageira	03,3%
Mãos e pés frios	03,3%
Sintomas psicológicos	% de ocorrência
Vontade súbita de iniciar novos projetos	20,0%
Aumento súbito de motivação	06,7%
Entusiasmo súbito	03,3%

Fonte: autoria própria.

Na percepção dos participantes, os sintomas físicos de estresse mais experimentados por eles nas últimas 24 horas foram: “tensão muscular” (53,3%) e

“insônia” (26,7%). No que diz respeito aos sintomas psicológicos, teve destaque a “vontade súbita de iniciar novos projetos” (20,0%).

A Tabela 13, a seguir, mostra os sintomas físicos e psicológicos de estresse experimentados pelos pais na última semana.

Tabela 13 – Sintomas físicos e psicológicos de estresse experimentados pelos pais na última semana. Salvador, 2014

Sintomas físicos	% de ocorrência
Sensação de desgaste físico constante	70,0%
Cansaço constante	70,0%
Problemas com a memória	33,3%
Mal-estar generalizado sem causa específica	16,7%
Mudança de apetite	16,7%
Aparecimento de problemas dermatológicos	16,7%
Formigamento das extremidades	10,0%
Tontura/sensação de estar flutuando	10,0%
Hipertensão arterial	06,7%
Aparecimento de úlcera	03,3%
Sintomas psicológicos	% de ocorrência
Irritabilidade excessiva	46,7%
Sensibilidade emotiva excessiva	40,0%
Pensar constantemente em um só assunto	36,7%
Diminuição da libido	20,0%
Dúvida quanto a si próprio	16,7%

Fonte: autoria própria.

Considerando o período da última semana, tendo como parâmetro de tempo o dia da aplicação do instrumento, os sintomas físicos de estresse mais presentes nos participantes foram: “sensação de desgaste físico constante” (70,0%) e “cansaço constante” (70,0%). Sobre os sintomas psicológicos, destacaram-se a “irritabilidade excessiva” (46,7%) e a “sensibilidade emotiva excessiva” (40,0%).

A seguir, a Tabela 14 elenca os sintomas físicos e psicológicos de estresse experimentados pelos pais no último mês.

Tabela 14 – Sintomas físicos e psicológicos de estresse experimentados pelos pais no último mês. Salvador, 2014

Sintomas físicos	% de ocorrência
Insônia	36,7%
Excesso de gases	20,0%
Diarreia frequente	13,3%
Dificuldades sexuais	13,3%
Problemas dermatológicos prolongados	10,0%
Náusea	06,7%
Tontura frequente	06,7%
Tiques	03,3%
Hipertensão arterial continuada	03,3%
Mudança extrema de apetite	03,3%
Úlcera	03,3%
Enfarte	-
Sintomas psicológicos	% de ocorrência
Cansaço excessivo	70,0%
Irritabilidade sem causa aparente	40,0%
Angústia/ansiedade diária	36,7%
Apatia, depressão ou raiva prolongada	33,3%
Vontade de fugir de tudo	30,0%
Perda do senso de humor	23,3%
Pensar/falar constantemente em um só assunto	20,0%
Hipersensibilidade emotiva	16,7%
Pesadelos	13,3%
Sensação de incompetência em todas as áreas	10,0%
Impossibilidade de trabalhar	-

Fonte: autoria própria.

Tendo como parâmetro de tempo o último mês, quando da aplicação do instrumento, sobressaiu-se como sintoma físico de estresse mais frequente a “insônia” (36,7%). Já com relação aos sintomas psicológicos, tiveram destaque o “cansaço excessivo” (70,0%) e a “irritabilidade sem causa aparente” (40,0%).

Diversas outras pesquisas evidenciaram o acometimento de estresse em servidores públicos, a saber: Martins (2004) identificou distúrbios do sono em 75% dos homens que trabalhavam em uma agência do Ministério da Previdência e Assistência Social do Rio Grande do Sul; Vochikovski e Munhoz (2005) verificaram que 46% das assistentes sociais da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa-PR apresentaram quadro de estresse, com predominância de sintomas psicológicos; Barros e Malagris (2005) informaram que 67% dos servidores de uma instituição pública do setor bancário do município de Niterói-RJ encontravam-se com estresse, na fase de Resistência e com predominância de sintomas psicológicos; Fiorito, Moxotó e Malagris (2005) identificaram que 57% dos médicos da unidade Materno-Infantil de um Hospital Público do Rio de Janeiro também estavam com estresse, com predominância de sintomas psicológicos; Lipp e Tanganelli (2002) verificaram que 71% dos magistrados da Justiça do Trabalho estavam estressados, sendo que a grande maioria encontrava-se na fase de Resistência. Por fim, Oliveira (2004) aferiu estresse em 72% dos juízes e servidores públicos da Justiça do Trabalho da cidade de Campinas-SP (MINARI, 2007).

Quanto à predominância de sintomas físicos e psicológicos detectados na maioria dos pais deste estudo (56,0%), pesquisa realizada por Minari e Souza (2011) no INSS de Campo Grande (MS) encontrou resultados similares. Assim, dentre os 42 servidores que atendiam segurados em quatro agências da cidade, 38% dos que estavam com estresse tinham predominantemente sintomas físicos e psicológicos. Segundo Lipp (2000), este resultado indica que a amostra pesquisada não tem uma área específica à qual seja mais vulnerável quanto ao estresse. Deste modo, ações preventivas precisam levar em consideração ambas as áreas: física e psicológica.

É oportuno destacar os sintomas físicos e psicológicos que apresentaram uma maior prevalência entre os participantes deste estudo, a saber: tensão muscular, insônia, vontade súbita de iniciar novos projetos, irritabilidade excessiva e sensibilidade emotiva excessiva. Deste modo, uma atenção focada nos sintomas mais prevalentes em ambas as áreas – física e psicológica– poderá favorecer a compreensão de como o estresse está interferindo no envolvimento dos pais com os seus filhos pequenos, conforme será abordado no tópico a seguir.

4.4 ESTRESSE, TRABALHO E ENVOLVIMENTO DE PAIS COM SEU(S) FILHO(S) PEQUENO(S)

Dentre os 30 pais participantes do estudo, 10 foram selecionados para fazer parte da segunda etapa de coleta de dados, sendo cinco com estresse e cinco sem estresse. Como informado no capítulo de Método, a referida etapa buscou compreender o envolvimento dos participantes com os seus filhos, as possíveis influências do quadro clínico de estresse em tal envolvimento e os desafios contemporâneos para conciliar trabalho e envolvimento paterno. Para tanto, os 10 participantes foram entrevistados com base em roteiro semiestruturado (APÊNDICE D). Os resultados obtidos constam a seguir.

Cabe destacar que foram excluídos todos os dados que porventura viessem a identificar os entrevistados em face da natureza da amostra, relação intrainstitucional e em respeito ao princípio de privacidade e ao conjunto dos direitos civis. Portanto, essa decisão se coaduna com a pesquisadora, orientadora, Órgão pesquisado e Universidade Católica do Salvador que está à frente do presente Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, do qual esta pesquisa faz parte.

Inicialmente, serão apresentados os cinco casos dos pais com estresse e, em seguida, os outros cinco de participantes sem estresse, conforme diagnóstico extraído do “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL). Cabe destacar que os cinco pais que apresentaram quadro de estresse encontravam-se na Fase de Resistência. Sucintamente, como mencionado anteriormente, essa fase significa que o organismo estava buscando reestabelecer a homeostase quebrada pelo aparecimento do estresse. É comum nessa fase haver um aumento da produção de cortisol no organismo, haver uma maior vulnerabilidade dele a vírus e bactérias. Cabe ainda destacar que, quanto mais o organismo se esforça para reestabelecer o equilíbrio, maior desgaste ele sofre. Entretanto, quando a pessoa afetada pelo estresse consegue resistir adequadamente aos estressores, o processo de desgaste é interrompido sem maiores prejuízos, e a pessoa se percebe mais resistente, ou seja, mais fortalecida para superar as adversidades oriundas do estresse (LIPP, 2005).

Depois disso, serão comparados e discutidos os resultados atinentes ao envolvimento paterno dos dois grupos. Cabe destacar que todos os pais

entrevistados tinham filhos com idades entre zero e seis anos incompletos e que os nomes a seguir são fictícios para proteger o anonimato dos participantes.

Caso 1 – Paulo

Caracterização do participante

Paulo tinha 40 anos e mantinha união estável com a companheira. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais ao trabalho e não atuava profissionalmente em outra instituição.

Significado de paternidade

Paulo referiu grande satisfação em ser pai. Apesar de o casal não ter planejado a gravidez, o entrevistado mencionou sentir-se alegre por ter o seu filho no seio familiar. Inclusive relatou ter gostado tanto da experiência, que se arrependeu pelo fato de não tê-la vivenciado mais cedo. Para o participante, ser pai implicava, por um lado, em responsabilidade para com o filho e com a família, mas também envolvia grande satisfação pessoal, inclusive no que dizia respeito à relação de companheirismo que vivenciava com o menino.

Envolvimento paterno

Paulo relatou estabelecer um intenso envolvimento com o filho, tanto em termos quantitativos: “[...] praticamente, sei lá, 80% do meu tempo é dedicado a ele”, quanto qualitativamente:

[...] eu chegando em casa, mesmo cansado, ele estando em casa procuro dar o máximo de atenção para ele [...] trato ele da melhor forma possível. E também quando eu não estou com ele [...] eu tenho uma câmera em casa, uma webcam.

Este recurso da webcam era utilizado pelo participante como estratégia de acompanhar a criança nos momentos em que ele estava trabalhando.

O entrevistado referiu sentir-se responsável pelo filho nos seguintes aspectos que compunham a sua vida: comunicação, ensino, monitoramento, processo de pensamento, pequenas tarefas, prestação de cuidados, manutenção relacionada à criança, compartilhar interesses, disponibilidade, planejamento, atividades compartilhadas, provimento, afeto, proteção e apoio emocional. Durante a entrevista, Paulo mencionou alguns exemplos que ilustraram com clareza o quanto a sua participação na vida do filho era permeada de presença, afeto e responsabilidade. Sinteticamente, pode-se perceber isto no trecho a seguir:

[...] a gente precisa tomar cuidado com o que a gente fala em casa [...] ele capta as coisas muito rápido. [...] O tempo todo prestando atenção no comportamento dele. [...] Várias vezes acordo de madrugada. Aí eu aproveito que eu já acordei e vou ver como ele está, se está dormindo bem. [...] Quem dá o banho dele, de manhã cedo, sou eu. [Além de] alimentar, vestir, cuidar. [...] Eu assisto desenho com ele na televisão, leio historinhas pra ele dormir. [...] No final de semana [...] eu levo ele pra passear em parquinho ou para a praia. [...] Sempre faço o dever de casa com ele. [...] Com relação às férias, [...] sempre viajo com ele. [...] Todos os dias quando chego em casa, a primeira coisa que faço: chamo ele. Quer dizer, eu não preciso chamar, ele já vem e me dá um abraço, me dá um beijo. [Busca] evitar deixar coisas ao alcance dele que ele possa se machucar.

Conforme evidenciado, constatam-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Paulo para com o filho.

Significado do trabalho para a vida do participante

Paulo referiu que se sentia realizado no trabalho e considerava-se orgulhoso por ter ingressado, mediante concurso, no órgão público em que atuava, o que lhe “demandou um tempo grande de estudo, de esforço”.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

A flexibilidade de horário laboral e a satisfação financeira com os provimentos advindos do seu salário foram citados por Paulo como os principais aspectos que favoreciam a conciliação entre o seu trabalho e a sua família. Devido à flexibilidade de horário, ele podia conviver muito mais tempo com o filho do que se estivesse no emprego anterior. Quanto ao salário, este lhe concedia uma segurança, “até pra dar uma educação melhor pra ele (o filho), colocar ele em atividades físicas”.

Por outro lado, o entrevistado informou que o aspecto dificultador da conciliação entre trabalho e família se referia às ocasiões em que tinha problemas sérios para resolver no trabalho, impactando em precisar dedicar mais tempo e energia em suas atividades laborais. Nessas ocasiões, o participante percebia que o seu trabalho interferia negativamente na sua vida familiar, pois acabava se sentindo bastante cansado e informava que fazia

[...] o máximo de esforço possível, mas nem sempre é possível. Várias vezes eu estou tão cansado, que eu sento pra brincar com ele e durmo sentado, de tão cansado que eu estou. Então, às vezes a gente acaba não dando tanta atenção quanto gostaria de dar, pelo cansaço do dia de trabalho.

O participante informou, ainda, que mais do que ele, em sua percepção, a esposa costumava se “[...] encontrar estressada por causa do trabalho dela”, o que afetava o convívio familiar.

Quando questionado se percebia alguma influência da vida familiar no seu trabalho, Paulo hesitou e então disse que nunca havia refletido sobre isso: “é mais difícil raciocinar dessa forma, a gente pensa mais no contrário”. A partir de então, mencionou que era muito feliz com a sua família e, assim, achava que esta felicidade acarretava em sentir-se satisfeito no trabalho.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filho

O “Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Paulo detectou que ele estava com um quadro clínico de estresse, na fase de Resistência, e com predominância de sintomas físicos.

Na percepção do participante, as situações percebidas como estressoras e que interferiam negativamente no relacionamento com o filho pequeno foram: (a) na área da saúde: “31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer”, “34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde” e “37. Enfrentar problemas de sono”; (b) na área da sociedade contemporânea: “56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito” e “57. Gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito”; (c) na área da família: “13. Acompanhar tarefas escolares do(s) filho(s) pequeno(s)”; (d) na área do trabalho: “18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho”.

A saúde e, na sequência, a sociedade contemporânea, eram as áreas da vida de Paulo que mais estavam concentrando fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com o seu filho.

Impacto do presente estudo na vida do participante

Paulo reconheceu como relevante a sua participação no estudo, pois

[...] muita coisa que a gente faz no dia a dia que já é tão natural, que eu nunca parei para pensar o quão importante que era o meu filho, a minha família para mim, porque a gente parando um pouco para pensar, a gente dá mais valor.

Fica evidenciado, então, que o fato de Paulo ter participado do presente estudo, ajudou-o a refletir sobre aspectos relevantes do seu envolvimento com o filho e com a família e a respeito da importância de ambos para a sua vida.

Discussão do caso

Em síntese, foi notório o alto nível de envolvimento de Paulo com o filho, com a sua família e também com o trabalho. Esta constelação de demandas pode ter contribuído para o quadro de estresse em que o participante se encontrava na ocasião do estudo. Segundo Cerveny e Berthoud (1997), a fase do ciclo de vida familiar que compreende o cuidado de filhos pequenos implica também grandes responsabilidades e, portanto, é uma etapa desafiadora para os pais, tendo em vista que eles precisam se reorganizar para atender as demandas que surgem.

Apesar dos desafios postos, a conciliação família-trabalho pareceu estar presente em boa parte do tempo de Paulo, pois ele considerou que o fato de estar bem com a família refletia positivamente no seu desempenho laboral. Por outro lado, a boa remuneração e a flexibilidade da carga horária de trabalho colaboravam para que pudesse se envolver mais com o filho e com a família. Nesse sentido, a literatura aponta que ter uma carga horária de trabalho reduzida ou flexível prediz um maior engajamento do pai nas tarefas familiares e laborais (SOUZA; BENETTI, 2009; BARHAM; VANALLI, 2012).

Chamou atenção que tal conciliação se tornava difícil em momentos específicos em que havia uma sobreposição de demandas tanto no trabalho (grandes problemas a serem resolvidos e que conseqüentemente demandavam tempo e energia), quanto na família (filho pequeno que solicitava suporte). Conforme Cia e Barham (2006), a sobreposição das demandas relacionadas ao trabalho e à família acabam exigindo do pai trabalhador uma escolha em atender naquele momento a uma ou a outra área, o que reflete em custos e prejuízos para ambas as esferas: profissional e familiar.

Tal situação era agravada pelo fato de a esposa de Paulo também se encontrar comumente “estressada” por causa do trabalho dela. Faria e Rachid (2007) sinalizam que as mulheres com filhos pequenos e os casais em que tanto o homem quanto a mulher trabalham em tempo integral são os principais acometidos de sofrimento decorrente dos conflitos entre o trabalho e a família. Nessas circunstâncias, provavelmente havia menos disponibilidade de Paulo e da esposa para a interação direta com o filho.

Relacionando estresse e envolvimento paterno, constatou-se que a saúde e a sociedade contemporânea foram as áreas da vida de Paulo que, na percepção dele, apresentaram uma maior concentração de fontes estressoras que interferiam negativamente no relacionamento dele com o seu filho pequeno. Nesse sentido, com base nas recomendações de Lipp (2005), a adoção de hábitos saudáveis e o fortalecimento do organismo para enfrentar tais fontes seriam as principais estratégias a serem adotadas por Paulo para lidar com o estresse. Atuar desse modo favoreceria ao participante impor limites para que o estresse não acarretasse em maiores prejuízos para si, o filho, a família e o trabalho.

Caso 2 – José

Caracterização do participante

José tinha 36 anos e era casado. O participante dedicava até 35 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Para José, ser pai implicou ser companheiro e amigo, além de estar presente em todos os momentos da vida do filho. Para ele, a paternidade envolveu também a disponibilidade em ser um alicerce para esclarecer as dúvidas que a criança viesse a ter.

Envolvimento paterno

O entrevistado mencionou o quanto buscava, sempre que possível, estar presente e interagir com o filho. Entretanto, informou também que o cansaço oriundo do trabalho por vezes atuava como um dificultador dessa relação:

[...] chega uma determinada hora do dia, principalmente à noite, que eu estou superesgotado e eu não consigo mais ficar (com o filho), entendeu? O cansaço bate, e eu acabo delegando pra uma outra pessoa.

Assim, informou, ainda, que a paciência com o filho era sobremaneira comprometida pelo cansaço vivenciado.

José disse sentir-se responsável pelo filho de três meses de idade nos seguintes aspectos que compunham a sua vida: comunicação; ensino; processo de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; manutenção relacionada à criança; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Por outro lado, mencionou que o monitoramento quanto às atividades realizadas pelo filho é desempenhado pela esposa, genitora do bebê.

Durante a entrevista, o participante apresentou alguns exemplos que elucidaram o seu envolvimento com o filho no que diz respeito aos aspectos anteriormente mencionados, conforme a seguir:

[...] a gente primeiro, é um exemplo, [...] desde agora, eu já estou programando para fazer uma poupança para ele [...] já ter um dinheiro guardado para a faculdade, quem sabe estudar fora [...] dou banho, troco fralda, troco de roupa, vejo se está com febre, vejo se está com frio, se está com calor, faço a mamadeira dele [...] praticamente tudo dele eu faço, eu só não passo e lavo [...] eu já, inclusive, estou procurando lugares que aceitem crianças. Tipo hotel, resort, pacotes de empresa de turismo que aceite criança [...] a gente tem que apoiar ele o máximo que puder, porque ele precisa saber que na família dele tem pessoas que apoiam ele e mesmo que não dê certo, pelo menos ele tentou.

A partir do que foi mencionado, percebem-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de José para com o seu filho.

Significado do trabalho para a vida do participante

Foi difícil para José expressar o significado do seu trabalho, tendo em vista a insatisfação que relatou enfrentar nesse âmbito da sua vida. Segundo ele, pelo fato de ter sido colocado para atuar em outra área, que não a sua original, de modo a suprir a falta de pessoal desta, acabava sentindo-se ansioso por mostrar resultados: “[...] o trabalho em si não está me deixando confortável”. Assim, era compreensível que José se percebesse inseguro quanto ao seu desempenho laboral, tanto por não se perceber preparado para o exercício das atividades, tendo em vista a pouca familiaridade com a área, quanto pela insatisfação de ter migrado de um local que lhe propiciava mais familiaridade, conforto e identificação com o trabalho realizado.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

A carga horária flexível de trabalho foi colocada por José como o principal fator que favorecia ao mesmo conciliar trabalho e envolvimento paterno. Por outro lado, informou que essa conciliação era por vezes dificultada pela insatisfação que nutria em relação ao trabalho.

Em relação à interferência do trabalho na vida familiar, José informou que esta se dava esporadicamente, quando precisava trabalhar aos finais de semana. Em contrapartida, também percebia interferências da vida familiar no trabalho, em decorrência do cansaço advindo das noites de sono perdidas em função das demandas do seu filho de três meses.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filho

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em José detectou que ele estava com um quadro clínico de estresse, na fase de Resistência, e com predominância de sintomas psicológicos.

Para José, o quadro de estresse detectado era proveniente de situações estressoras que estavam presentes em diversas áreas que compunham a sua vida. Entre elas, aquelas que interferiam negativamente no relacionamento de José com o filho pequeno, conforme a sua percepção, foram: (a) na área da saúde: “31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer”, “32. Dedicar pouco tempo para cuidar da própria alimentação”, “33. Dedicar pouco tempo para realizar atividade física”, “34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde”, “37. Enfrentar problemas de sono” e “43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc.)”; (b) na área do trabalho: “18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho”, “21. Ter constante capacitação profissional”, “22. Sentir-se desatualizado no âmbito profissional, temendo ser descartado” e “24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado”; e na área da sociedade contemporânea: “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar”, “51. Apresentar dificuldades financeiras” e “52. Ser o único ou o principal provedor financeiro da família”.

Assim, foi constatado que a saúde e, na sequência, o trabalho, eram as áreas da vida de José que mais estavam concentrando fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com o seu filho.

Impacto do presente estudo na vida do participante

José informa ter gostado de participar da pesquisa. Segundo ele, por meio dela foi possível compreender a dimensão do significado da paternidade. Em tempo, o participante sugeriu a realização de outras pesquisas que incluíssem a mãe: “[...] eu tentei me limitar à interação minha com o meu filho, mas nesse meio tempo, nesse meio existe também a figura da mãe, que influencia bastante”.

Discussão do caso

Sucintamente, foi percebido um alto nível de envolvimento de José na vida do filho. A conciliação trabalho-família era facilitada pela carga horária de trabalho flexível, o que permitia a José dedicar mais tempo de interação com o filho pequeno.

Em contrapartida, a insatisfação vivenciada no âmbito laboral trazia para ele uma ansiedade em mostrar resultados e acabava consumindo sobremaneira a sua energia, ao mesmo tempo em que o filho, ainda bebê, demandava muita disponibilidade dele, principalmente durante as noites, o que afetava o trabalho. Nesse sentido, a sobreposição do cansaço oriundo tanto do trabalho quanto das demandas com o filho pequeno, poderia justificar o quadro de estresse que José estava enfrentando no período do estudo e, conseqüentemente, o impacto negativo disto na relação com o filho: “[...] ter paciência, realmente, está um pouco complicado pelo cansaço mesmo”. Estes dados são confirmados na literatura, tendo em vista que o cansaço físico e mental decorrente do trabalho provoca nos pais desânimo e irritabilidade em relação ao desempenho das atividades familiares (ROCHA et al., 2011). Somado a isto, a sobreposição de demandas na família e no trabalho em pais com filhos pequenos e que, conseqüentemente, demandavam mais cuidados, atuava como dificultador para viabilizar a conciliação entre as áreas (BARHAM; VANALLI, 2012).

Quanto ao trabalho, poderia contribuir sobremaneira a abertura de espaço por parte da gestão para escuta e compreensão de José em relação aos reflexos dessa mudança de atividade que lhe foi posta, de modo a implementar alternativas laborais necessárias à promoção da saúde do servidor. Já no que toca às demandas familiares, ter em casa um filho de três meses de idade acarreta maior tempo de dedicação ao mesmo, inclusive durante as madrugadas. Assim, contar com uma

rede de suporte que revezasse com José e a esposa nos cuidados prestados ao bebê, poderia favorecer uma melhoria do sono e, conseqüentemente, um maior bem-estar do entrevistado. Por sua vez, essas mudanças poderiam acarretar benefícios para o seu rendimento laboral e para o seu envolvimento paterno e convívio familiar.

Por outro lado, o quadro de estresse vivenciado por José poderia estar interferindo no cansaço sentido pelo mesmo, tendo em vista o consumo de energia do organismo que esse processo acarreta. Foi percebido pelo participante que a saúde e o trabalho foram as áreas da sua vida que apresentaram uma maior concentração de fontes estressoras, e estas interferiam negativamente no relacionamento dele com o seu filho pequeno. Nesse sentido, dedicar tempo para atividades de lazer, cuidar da alimentação e realizar atividade física seria um bom início para interromper o processo de estresse que o participante estava enfrentando. Associado a isto, tornava-se fundamental José fortalecer o organismo para lidar com as adversidades do cotidiano e, assim, não permitir que o estresse trouxesse mais impactos negativos para si, o filho, a família e o trabalho (LIPP, 2005).

Caso 3 – Davi

Caracterização do participante

Davi tinha 43 anos e era casado. O participante realizava trabalho em outra instituição, dedicando um total superior a 65 horas semanais nos dois trabalhos.

Significado de paternidade

Davi referiu o quanto ser pai, na sua percepção, significava assegurar tudo o que dizia respeito à criação dos filhos, compartilhando as responsabilidades com a mãe: “dividir por igual com a mãe [...] a responsabilidade por educação, por orientação, por ensinar valores e também por segurança, proteção, cuidados com a saúde e coisas do tipo”.

Envolvimento paterno

Davi avaliou como bom o seu envolvimento paterno. Em termos de qualidade, estava sempre que possível disponível para interagir com a filha (que foi focalizada neste estudo). Já a quantidade do tempo, na sua percepção, deixava a desejar: “[...] a quantidade de tempo não é muito grande, porque realmente eu ando bem ocupado com muitas coisas”.

O entrevistado referiu sentir-se responsável pela filha nos seguintes aspectos que compunham a sua vida: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; manutenção relacionada à criança; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Cabe destacar que, apesar de Davi sentir-se responsável pela prestação de cuidados e manutenção relacionada à criança, ele ressaltou que esses dois aspectos eram frequentemente realizados, em sua grande parte, pela esposa, genitora da criança. A seguir, constam alguns exemplos que revelam como se dava o envolvimento de Davi com a filha:

[...] a gente conversa muito, [...] dou atenção às perguntas dela, [...] ela me conta tudo que ela fez na escola. [...] faço bastante dessas coisas de ensinar oração, rezar junto [...] eu fiscalizo muito, monitoro o que ela anda assistindo [...] o que ela anda fazendo [...] ter os filhos na cabeça, é uma coisa que acontece quase o dia todo, todos os dias [...] eu levo na escola, eu busco na escola [...] vejo se o ambiente está seguro [...] me preocupo em estar proporcionando para ela conteúdo que ela goste [...] procuro estar presente em todos os eventos escolares [...] a gente sempre se esforça ao longo dos anos para fazer umas coisas diferentes nas férias [...] a gente vai ao *shopping* nos finais de semana, cinema, brincamos juntos [...] a gente sempre procura não deixar faltar nada para os filhos.

A partir do que foi mencionado, o entrevistado avaliou ter níveis moderados de interação e acessibilidade para com a sua filha pelo fato de não ter sido possível dedicar-lhe mais tempo de convívio por conta da grande quantidade de tempo dedicada ao trabalho. Em contrapartida, ele reconhece o alto nível de responsabilidade dirigida à filha.

Significado do trabalho para a vida do participante

Para Davi, trabalhar significava contribuir com o meio em que estava inserido, com a sociedade em que vivia, mais do que necessariamente se ocupar. O mesmo destacou o quanto buscava sempre fazer o seu trabalho da melhor forma possível.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

O entrevistado percebia a flexibilidade da carga horária laboral como um atributo favorável à conciliação entre trabalho e envolvimento paterno, pois conseguia estar presente na vida da filha, principalmente em eventos comemorativos, reuniões escolares etc. Em contrapartida, o grande volume de trabalho foi trazido por Davi como um aspecto dificultador dessa conciliação e que conseqüentemente interferiam na vida familiar, pois ele não conseguia interagir com a sua filha e com a família como gostaria. Assim, a carga horária semanal dedicada aos trabalhos superava o tempo que ele passava no convívio familiar.

Em relação à influência da vida familiar no trabalho, Davi relatou que, apesar de enfrentar conflitos familiares, estes não tinham uma grande proporção que viesse a prejudicar o seu convívio familiar. Nesse sentido, considerava que o fato de ter um ambiente familiar saudável fazia bem para ele e o deixava mais disposto e motivado para trabalhar, sendo, portanto, percebido como um aspecto familiar que interferia positivamente no seu trabalho.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filha

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Davi detectou que ele estava com um quadro clínico de estresse, na fase de Resistência, e com predominância de sintomas psicológicos.

Segundo Davi, o quadro de estresse detectado era proveniente de situações estressoras que estavam presentes em diversas áreas que compunham a sua vida. Dentre elas, tiveram destaque para o participante algumas que, na sua percepção, interferiam negativamente no relacionamento dele com a filha pequena: (a) na área da família: “04. Enfrentar conflitos na família”, “08. Ter reduzido apoio de funcionários para atividades domésticas”, “12. Assumir poucas responsabilidades

com o cuidado do(s) filho(s) pequeno(s)” e “14. Dedicar pouco tempo para a família”; (b) na área do trabalho: “18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho”, “19. Considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva” e “29. Sentir que precisa, numa crescente, trabalhar mais, ganhar mais e consumir mais”; (c) na área da saúde: “37. Enfrentar problemas de sono”, “44. Ter a opinião de que as pessoas não são confiáveis e conseqüentemente sentir que ‘o mundo é perigoso’” e “45. Vivenciar processo de adoecimento pessoal e/ou com familiares”; e (d) na área da sociedade contemporânea: “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar” e “51. Apresentar dificuldades financeiras”.

Constatou-se que a família, o trabalho e a saúde eram as áreas da vida de Davi que mais estavam concentrando fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com a sua filha.

Impacto do presente estudo na vida do participante

O entrevistado reconheceu que a participação no estudo foi um momento importante que lhe permitiu refletir sobre aspectos do envolvimento paterno que antes não havia pensado. Nesse sentido, surpreendeu-se ao perceber-se mais envolvido na vida da filha do que imaginava.

Discussão do caso

Em síntese, Davi revelou que tinha um alto nível de envolvimento na vida da filha, além de buscar constantemente para conciliar as atividades profissionais com as familiares. Nesse sentido, referiu que, se por um lado a carga horária de trabalho flexível favorecia tal conciliação, por outro lado, o grande volume de trabalho das duas instituições em que atuava dificultava que Davi tivesse mais tempo de convívio com a filha e com a família. Esses dados confirmam os achados na literatura, tendo em vista que pais com uma maior jornada de trabalho acabavam ressentindo-se por um menor engajamento com a paternidade do que gostariam (ROCHA et al., 2011).

O entrevistado reconheceu que a harmonia familiar refletia positivamente no seu desempenho laboral, além do fato de compartilhar com a esposa as responsabilidades para com a filha. Assim, Souza e Benetti (2009) sinalizam que a

divisão de tarefas familiares entre os cônjuges é um dos aspectos encontrados na literatura que favorecem a conciliação entre as demandas profissional e familiar pelo pai contemporâneo.

Entretanto, pode-se refletir que se o estresse vivenciado por Davi estivesse, por um lado, interferindo negativamente na sua conciliação família-trabalho, por outro lado, a dificuldade enfrentada pelo participante em conciliar as demandas de ambas as áreas poderia também refletir no quadro de estresse vivenciado por ele. Nesse sentido, há que se considerar também o fato de Davi assumir responsabilidades laborais em duas instituições, o que lhe exigia sobremaneira a dedicação de tempo e de responsabilidade para lidar com as demandas que se sobrepunham duplamente pelos trabalhos na família e vice-versa. Neste ponto, Gomes, Crepaldi e Bigras (2013) informam que o pai que tem uma jornada de trabalho de até 30 horas semanais consegue se engajar consideravelmente mais nos cuidados com o filho se comparado àqueles que têm uma carga horária de trabalho maior.

Ainda considerando a relação entre estresse e envolvimento paterno, no caso de Davi eram fontes de estresse o fato de dedicar pouco tempo para a família, assumir poucas responsabilidades com o cuidado da filha pequena em função do grande volume de tarefas laborais e a carga horária semanal de trabalho extensiva. Barham e Vanalli (2012) sinalizam o quanto é elevado o número de homens que dedicam muito tempo na carreira, o que acaba por trazer conseqüentemente reflexos de uma menor participação na vida familiar e dos filhos.

Assim, mostrou ser imprescindível para o participante a adoção de estratégias que contribuam para o enfrentamento das adversidades cotidianas e reduzam, dentro do possível, as fontes estressoras, de modo a interromper o processo de estresse sem que este traga maiores prejuízos para a sua saúde e para os convívios familiar e laboral (LIPP, 2005).

Caso 4 – Mateus

Caracterização do participante

Mateus tinha 39 anos e mantinha união estável com a atual companheira. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Na percepção de Mateus, a paternidade era sinônimo de doação: “[...] eu diria que ser pai é você abrir mão de muitas coisas, inclusive de sonhos próprios, para poder realizar os sonhos de seus filhos [...] é você se doar, em tudo que você faz”.

Envolvimento paterno

O entrevistado informou que buscava sempre que possível estar presente na vida do filho (focalizado no estudo) e interagir com ele. Entretanto, destacou também que o ritmo acelerado do cotidiano por vezes dificultava que o tempo dedicado ao filho fosse maior: “[...] a gente não tem muito tempo nem para a gente mesmo”. Na ocasião do estudo, Mateus informou estar passando por problema de adoecimento com um membro familiar, o que acabava solicitando dele e da esposa uma reorganização das atividades da casa e com os filhos para que fosse possível administrar a realidade enfrentada. Nesse sentido, ele destacou em alguns momentos que o ritmo de vida estava ainda mais puxado e o tempo mais escasso, impactando em seu cansaço.

Em relação aos aspectos da vida do filho pelo que Mateus se sentia responsável, tiveram destaque: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Em relação à prestação de cuidados e à manutenção relacionada à criança, o entrevistado ressaltou que a esposa, e genitora do filho, é a principal responsável por ambos.

Durante a entrevista, Mateus referiu alguns exemplos, a seguir elencados, que puderam ilustrar como os aspectos mencionados anteriormente apareciam no seu cotidiano.

[...] procuro sempre falar com ele (filho) de forma clara, tranquila, para que não cause nenhum trauma e ele consiga entender também [...]. Eu estou sempre mostrando a ele o que é que ele está certo, o que é que está errado [...] me responsabilizo acompanhando o que ele está assistindo, o que ele tem acesso [...] você está sempre preocupado com o filho, ele está sempre na minha reza [...] sou responsável por transportá-lo [...] brincar de bola, brincar de carrinho [...] toda hora eu estou beijando os meus filhos.

A partir do que foi descrito, o entrevistado avaliou ter um alto nível de interação com o filho pequeno, associado a uma moderada acessibilidade e a uma alta responsabilidade para com ele. Cabe destacar que dispor de uma maior acessibilidade para com o filho não estava sendo possível para Mateus em função do volume de demandas que estavam sob a sua incumbência.

Significado do trabalho para a vida do participante

Mateus informou que concebia o seu trabalho apenas como meio de garantir o sustento financeiro para a sua família. Considerava-se desmotivado no âmbito profissional, principalmente pelo fato de não perceber critérios objetivos claros que favorecessem ao servidor planejar a sua carreira e crescer profissionalmente no órgão público em questão.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

O entrevistado mencionou a flexibilidade da carga horária laboral como principal facilitador da conciliação entre o seu trabalho e o envolvimento com o seu filho pequeno. Em contrapartida, o grande volume de trabalho que estava sob a sua responsabilidade foi trazido por Mateus como um aspecto que dificultava tal conciliação e, conseqüentemente, era percebido pelo participante como um aspecto do trabalho que interferia negativamente na sua vida familiar. Assim, Mateus

acabava sentindo-se cansado, e este cansaço se refletia negativamente na interação que estabelecia com o filho.

Por outro lado, o entrevistado também percebia interferências da vida familiar no trabalho. Nesse sentido, relatou que o adoecimento de um membro familiar estava acarretando para ele preocupação e sobrecarga no desempenho de atividades com os filhos e com a casa. Assim, a esposa estava temporariamente voltada ao cuidado do membro familiar que estava doente, e eles não contavam com funcionário(a) doméstico(a) que pudesse auxiliar nas tarefas do lar. Nesse sentido, o cansaço físico e psicológico oriundo das demandas familiares enfrentadas por Mateus era um atributo familiar que acabava refletindo negativamente no seu âmbito laboral.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filho

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Mateus detectou que ele estava com um quadro clínico de estresse, na fase de Resistência, e com predominância de sintomas físicos.

Segundo Mateus, o quadro de estresse detectado era proveniente de situações estressoras que estavam presentes em diversas áreas que compunham a sua vida. Entre elas, aquelas que interferiam negativamente no relacionamento dele com o filho pequeno, conforme a sua percepção, foram: (a) na área da família: “08. Ter reduzido apoio de funcionários para atividades domésticas” e “09. Assumir muitas responsabilidades com a casa”; (b) na área da sociedade contemporânea: “51. Apresentar dificuldades financeiras” e “52. Ser o único ou o principal provedor financeiro da família”; (c) na área do trabalho: “24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado”.

Assim, a família e a sociedade contemporânea eram as áreas da vida de Mateus que mais estavam concentrando fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com o seu filho, mas também é relevante a insatisfação com a remuneração oriunda do trabalho.

Impacto do presente estudo na vida do participante

O participante considerou a participação na pesquisa válida, principalmente como forma de desabafar o que estava enfrentando, tanto em relação ao trabalho, quanto em relação à família. Nesse sentido, foram dadas orientações e encaminhamentos de saúde que se mostraram relevantes para o suporte necessário à Mateus.

Discussão do caso

Resumidamente, Mateus avaliou ter um alto envolvimento na vida do filho, apesar de ter reconhecido que as exigências laborais e familiares acabavam reduzindo o tempo de interação com ele. Este dado reforça o que foi encontrado na literatura, tendo em vista que a escassez do tempo disponível e as exigências do trabalho acabavam por vezes fazendo com que o pai contemporâneo percebesse o seu engajamento como bem aquém do que gostaria (HENN; PICCININNI, 2010).

Se por um lado a flexibilidade da carga horária de trabalho de Mateus era um facilitador da conciliação trabalho-família, por outro lado, a desmotivação que enfrentava no âmbito profissional abatia-lhe sobremaneira. Nesse sentido, o enfrentamento das dificuldades laborais precisaria ser foco de atenção por parte da gestão e do órgão público em questão, no que toca tanto à promoção de um ambiente saudável que garantisse bem-estar, quanto ao desenvolvimento da carreira de Mateus e de outros servidores que porventura estivessem em situação similar. Para tanto, a abertura de um espaço de escuta dessas pessoas, por parte da gestão, poderia favorecer a compreensão do que estava se passando com Mateus e lançar mão de *insights* compartilhados acerca de sugestões de melhoria.

Cabe destacar que o participante também mencionou o desgaste físico e psíquico decorrente de processo de adoecimento que estava vivenciando com um membro da família, o que acabava por consumir-lhe energia e, conseqüentemente, refletir em cansaço. Assim, Mateus por vezes estava em casa, mas em um cômodo diferente do filho, para que pudesse descansar.

O participante percebia que o desafio enfrentado no âmbito familiar também repercutia no seu desempenho laboral e o volume de responsabilidades familiares e profissionais que estavam sob o seu encargo, poderiam justificar o quadro de

estresse que o entrevistado estava vivenciando. Nesse sentido, Ribeiro (2010) reflete o quanto os pais que se sentem mais sobrecarregados pelos papéis familiares, acabam transpondo essa realidade para o âmbito laboral. Era o que acontecia com Mateus.

Por outro lado, enfrentar um processo de estresse poderia estar dificultando que Mateus conseguisse conciliar as demandas laborais e familiares, pelo consumo excessivo de energia proveniente de tal quadro. Assim, a redução das fontes estressoras que estavam permeando o cotidiano do participante, assim como o fortalecimento do seu organismo para lidar com elas, eram aspectos que se mostravam centrais para a superação do quadro clínico de estresse que ele se encontrava.

Nesse aspecto, Barham e Vanalli (2012) apontam para a necessidade de o pai contemporâneo desenvolver habilidades para enfrentar o estresse que estejam focadas na resolução de problemas e na autorregulação emocional, de modo a preservar a sua saúde e favorecer a conciliação entre o trabalho e a família.

Caso 5 – Isac

Caracterização do participante

Isac tinha 39 anos e mantinha união estável com a atual companheira. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Na concepção de Isac, o significado de paternidade envolvia garantir ao filho o provimento das necessidades básicas: “[...] prover educação, prover saúde, prover carinho, prover cultura”. Ser pai significava também, para o participante, amar o filho, dedicar-se a ele e ensinar, transmitir valores que pudessem atuar como alicerce da sua vida.

Envolvimento paterno

Isac referiu um alto envolvimento com o filho (de cinco anos focalizado no estudo) em termos quantitativos. Informou estar sempre que possível presente, atento às necessidades dele e preocupado em garantir-lhe afeto, proteção e segurança. Entretanto, diversas vezes ao longo da entrevista o participante manifestou ressentir-se, pois gostaria de ter mais qualidade de interação com a criança, o que por vezes era impossibilitado pelo cansaço oriundo das demandas laborais e conflitos conjugais.

Isac mencionou sentir-se responsável pelo filho nos seguintes aspectos que compunham a sua vida: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; manutenção relacionada à criança; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Durante a entrevista, o participante apresentou alguns exemplos que permitiram visualizar como se dava esse envolvimento no seu cotidiano, conforme exposto a seguir:

[...] eu estou ensinando as letras a ele [...] a gente tem que estar atento, pegar o relatório que a escola manda, olhar o que é que tem e ver o que a gente pode corrigir [...] eu estou sempre monitorando ele. Programa de TV também tem que ficar de olho [...] para ele não entrar em nada que não seja da idade dele [...] às vezes acontece, por exemplo, de eu ficar o dia todo pensando, analisando o que foi que aconteceu [...] eu foco mais na questão de ensinar a fazer [...] eu cuido mais do que a mãe, quando eu estou em casa [...] eu faço questão de a gente tomar café junto na mesa, almoçar, [...] estou com um projeto de fazer um brinquedo para ele, [...] fico chamando a atenção dele para as coisas que são de risco.

A partir do que foi mencionado, percebem-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Isac para com o seu filho pequeno.

Significado do trabalho para a vida do participante

Na percepção de Isac, o seu trabalho não lhe trazia muita satisfação: “hoje eu estou trabalhando com uma coisa que não é bem o que eu gosto”. Entretanto,

relatou o quanto se dedicava ao trabalho e sentia-se responsável por ele, tendo em vista o retorno financeiro que garantia o sustento da sua família.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

A flexibilidade da carga horária de trabalho em muito facilitava a conciliação entre o trabalho de Isac e o envolvimento com o seu filho: “eu sempre estou chegando em casa mais cedo, durante o dia ainda, dá para brincar [...] dá para pegar, passear no *shopping*. Dá para fazer uma série de coisas”. Por outro lado, o entrevistado mencionou que o seu engajamento em um projeto de grande responsabilidade no âmbito laboral atuava como dificultador dessa conciliação, pois lhe demandava um gasto considerável de energia. Assim, Isac percebia-se muito cansado ao final do dia, considerando tal aspecto como uma interferência negativa do trabalho na vida familiar.

Por outro prisma, o participante destacou que estava vivenciando problemas conjugais e estes interferiam negativamente no seu envolvimento com o filho e também no trabalho. Assim, era comum sentir-se preocupado e estava cansado continuamente.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filho

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Isac detectou que ele estava com um quadro clínico de estresse, na fase de Resistência, e com predominância de sintomas psicológicos.

Segundo Isac, o quadro de estresse avaliado era oriundo de situações estressoras que estavam presentes em diversas áreas da sua vida. Entre elas, aquelas que interferiam negativamente no relacionamento dele com o filho pequeno, conforme a sua percepção, foram: (a) na área da saúde: “31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer”, “34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde”, “41. Apresentar dificuldade para lidar com os erros de outras pessoas”, “42. Identificar em si crenças de ‘ser frágil’ ou ‘não ter valor’”, “43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc.)” e “45. Vivenciar processo de adoecimento pessoal e/ou com familiares”; (b) na área da

família: “04. Enfrentar conflitos na família”, “05. Ter passado recentemente por separação/divórcio”, “10. Assumir muitas responsabilidades com a casa”, “12. Assumir poucas responsabilidades com o cuidado do(s) filho(s) pequeno(s)” e “14. Dedicar pouco tempo para a família”; (c) na área do trabalho: “18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho”, “23. Enfrentar conflitos interpessoais no trabalho”, “24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado”, “25. Constatar excesso de competição e metas cada vez mais desafiadoras no âmbito profissional” e “26. Ser pressionado por apresentar resultados profissionais”; (d) na área da sociedade contemporânea: “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar”; “51. Apresentar dificuldades financeiras” e “52. Ser o único ou o principal provedor financeiro da família”.

É constatado que a saúde e, na sequência, a família e o trabalho eram as áreas da vida de Mateus que mais estavam concentrando fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com o seu filho pequeno.

Impacto do presente estudo na vida do participante

A entrevista foi um momento oportuno para Isac compartilhar problemas que estava vivenciando nos âmbitos laboral e familiar, sendo que ambos repercutiam diretamente no seu envolvimento paterno. Nesse sentido, foram dados alguns encaminhamentos de saúde requeridos pelo caso em questão, que pudessem funcionar como suporte no enfrentamento das adversidades mencionadas.

Isac colocou o quanto achou interessante e atual o tema do estudo “[...] a gente tinha uma sociedade que tinha por base o pai trabalhando e a mãe em casa com os filhos e hoje os dois saíram de casa e ficou o filho em casa sozinho com a babá”.

Discussão do caso

De modo resumido, Isac avaliou ter com o filho um alto envolvimento. Entretanto, apesar de conseguir dedicar bastante tempo para o convívio com a

criança, ressentia-se de que por vezes esses momentos não eram de qualidade, tendo em vista as preocupações e cansaço que permeavam o seu cotidiano. Segundo Dessen e Oliveira (2013), o engajamento do pai na vida do filho pequeno é de um lado uma experiência satisfatória, mas de outro, também cansativa, exatamente o que ocorria com Isac.

O participante compartilhou, ainda, que estava desmotivado no trabalho, realizando tarefas que não eram da sua preferência, além de estar enfrentando problemas conjugais, o que acabava repercutindo negativamente na sua interação com o filho pequeno. Isac reconhecia que a sua carga horária flexível de trabalho contribuía sobremaneira para que ele pudesse estar mais presente na rotina do seu filho, o que para ele atuava como facilitador na conciliação trabalho-família, apesar de reconhecer que o tempo dedicado à família estava aquém do desejado por ele. Esses dados são condizentes aos achados na literatura, uma vez que, segundo Gomes, Crepaldi e Bigras (2013), o pai contemporâneo tem se percebido menos engajado com o filho do que gostaria, em detrimento do grande volume de tarefas que estão sob a sua responsabilidade, principalmente no âmbito laboral.

Cabe também destacar que a sobrecarga vivenciada por Isac nos âmbitos laboral e familiar poderiam estar justificando o quadro de estresse enfrentado por ele quando da realização deste estudo. Nesse sentido, Cia e Barham (2006) destacam que a sobreposição de demandas no trabalho e na família poderia desencadear estresse, resultando em ansiedade e sentimento de culpa provenientes da pouca participação do pai na vida dos filhos.

Por outro lado, estar com um quadro de estresse poderia estar interferindo diretamente na dificuldade do mesmo em conciliar as demandas que se sobrepunham nas áreas familiar e laboral, tendo em vista o desgaste enfrentado pelo organismo diante de tal quadro. Assim, cuidar da saúde favoreceria a Isac fortalecer o seu organismo para lidar com as adversidades. Associado a isto, reduzir as fontes de estresse presentes principalmente nas áreas da família e do trabalho poderiam possibilitar ao participante não permitir que o estresse se agravasse no seu organismo (LIPP, 2005).

Caso 6 – Tobias

Caracterização do participante

Tobias tinha 30 anos e era casado. O participante dedicava até 35 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Tobias informou que, para ele, a paternidade significava a realização de um sonho: “[...] ser pai era realmente tudo o que eu queria”. Reconheceu que o fato de ter um filho lhe demandava muito, principalmente enquanto ele ainda era bebê, chegando a pontuar que a sua chegada ao seio familiar trouxe uma grande mudança na sua vida. Entretanto, reafirmou que, apesar do trabalho, a experiência da paternidade era considerada por ele como maravilhosa.

Envolvimento paterno

Tobias reconheceu ter um alto envolvimento com o seu filho pequeno, tanto em termos quantitativos quanto qualitativamente: “[...] em termos de quantidade de tempo eu considero que eu tenho bastante tempo disponível para ele [...] ele passa a tarde toda comigo [...] brinco bastante, estou sempre à disposição para ele”. Referiu também que nesses momentos ele sempre estava disposto para interagir e dar atenção ao filho, aproveitando sobremaneira os momentos que passavam juntos.

O entrevistado relatou que se sentia responsável pelos seguintes aspectos que compunham a vida do filho: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Quanto ao aspecto de manutenção relacionada à criança, ele referiu que a esposa era a responsável. O trecho a seguir possibilita visualizar como se dava o envolvimento de Tobias com o seu filho em relação aos aspectos supramencionados:

[...] a gente tenta estar se comunicando sempre com ele, falando, contando história, lendo livrinho e tal, pra estimular mesmo a parte da conversa, da comunicação [...] dar exemplo, tentar corrigir caso ele venha a fazer alguma coisa [...] a preocupação existe sempre [...] faço o transporte para a casa da avó, dou comida, dou banho [...] faço tudo: alimentar, vestir, cuidar [...] ouço música que eu gosto junto com ele, [...] leio livros, [...] disponibilidade total. É dedicação exclusiva [...] a gente vai fazer uma viagem agora em janeiro, [...] aí a gente pensou em um hotel que tenha uma infraestrutura boa, que a gente consiga ver tudo perto, que tenha berço pro bebê dormir, [...] tem que incluir o filho [...] a gente faz bastante coisa juntos [...] abraçar, beijar, dar carinho, ter paciência, fazer elogios.

A partir do exposto, percebem-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Tobias para com o seu filho pequeno.

Significado do trabalho para a vida do participante

Tobias relatou que estava muito satisfeito com o trabalho. Atuava na área em que se formou e considerava uma grande conquista tal feito. Também estava muito satisfeito com a remuneração advinda do seu trabalho, relatando que estava dentro da expectativa do que ele sonhava para si quando era estudante: “[...] é bom trabalhar feliz. Eu faço o que gosto. Mas, assim, essa coisa não é prioridade na minha vida. Eu não fico tentando buscar carreiras”. Assim, Tobias reconheceu que o trabalho era importante na sua vida, mas não estava em primeiro plano, tendo em vista que este lugar era concedido à família.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

Para Tobias, ter uma carga horária flexível de trabalho e estar satisfeito com a sua atuação laboral eram percebidos por ele como aspectos que favoreciam a conciliação entre o seu trabalho e o envolvimento com o filho. Por outro lado, viajar a trabalho por vezes dificultava essa conciliação e acabava consistindo em uma interferência negativa do trabalho na vida familiar, mesmo que esporadicamente.

Por outro lado, percebia também interferência da vida familiar no trabalho. Nesse sentido, ele reconheceu que por vezes tinha o sono prejudicado devido às demandas à noite, “[...] porque o bebê acorda muito, principalmente de madrugada”, e isto interferia um pouco na sua concentração para o trabalho. Por outro lado, a

satisfação que também tinha no âmbito familiar motivava Tobias a se empenhar em fazer o melhor no âmbito profissional, principalmente para ser um exemplo positivo para o filho.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filho

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Tobias detectou que o mesmo não apresentava um quadro clínico de estresse. Cabe ainda destacar que o participante também não identificou muitas fontes de estresse presentes em sua vida cotidiana. Em tempo, citou que apenas o fato de ter problemas ligados ao sono interferia negativamente no relacionamento que estabelecia com o seu filho pequeno.

Impacto do presente estudo na vida do participante

Tobias achou importante ter participado do estudo, considerou-o abrangente, pois “[...] cobriu todas as áreas que eu poderia ter comentado” e reforçou ter sido relevante para ele falar sobre o envolvimento que tinha com o filho pequeno.

Discussão do caso

Sumariamente, Tobias avaliou ter um alto envolvimento na vida do filho, tanto quantitativa quanto qualitativamente. O mesmo dedicava um considerável tempo para interagir com ele e demonstrou-se satisfeito por isso. Estes dados corroboram os achados na literatura, que apontam para um modelo contemporâneo de pai mais envolvido, engajado e participativo na vida do filho (BOTTOLI, 2010).

A conciliação trabalho-família era facilitada pela flexibilidade de carga horária que Tobias tinha no trabalho, associada à satisfação que tinha no âmbito laboral e familiar. Em contrapartida, viagens esporádicas a trabalho e noites de sono prejudicado em função de demandas do filho pequeno interferiam negativamente nessa conciliação. Estes achados reforçam os encontrados na literatura, uma vez que viagens a trabalho são, por exemplo, consideradas como empecilhos para um maior envolvimento do pai na vida dos filhos (SANJUTÁ; BARHAM, 2005).

Cabe destacar que Tobias demonstrou estar conseguindo administrar bem as demandas laborais e familiares, além de ter referido a satisfação encontrada em ambas as áreas. Estes aspectos poderiam justificar o fato de o entrevistado não apresentar um quadro clínico de estresse. Segundo Ribeiro (2010), a conciliação das demandas familiares e profissionais acaba trazendo ganhos sistêmicos para a família, a empresa e a sociedade.

Por outro lado, há que se pensar que não estar com estresse também poderia contribuir sobremaneira para que Tobias tivesse uma percepção positiva da vida, tendo em vista que quadros de estresse podem enviesar e distorcer a percepção dos sujeitos acometidos por ele (KNAPP; BECK, 2008).

Caso 7 – Pedro

Caracterização do participante

Pedro tinha 41 anos e mantinha união estável com a companheira. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Pedro referiu ter adiado muito tempo para ter filho. Na percepção do entrevistado, ele e a esposa formavam um casal muito independente, que gostava de viajar e não pensava em ter filhos. A decisão mudou devido à idade mais avançada da esposa para engravidar; segundo ele, “[...] resolvemos ter (filho) pelo limite [da idade da esposa]”. Entretanto, a vivência da paternidade trouxe para Pedro um convite à dedicação: “[...] hoje é essencial na minha vida, não consigo mais levar a vida sem ele, minha vida é totalmente dedicada a ele”.

Envolvimento paterno

Pedro informou ter um alto envolvimento na vida do filho pequeno. Além de ter mencionado que o tempo que tem disponível é dedicado para interagir com o filho, também relatou o quanto gosta dessa convivência com ele: “[...] eu quero estar com ele, não é só questão de ter que estar”.

O entrevistado relatou que se sentia responsável pelos seguintes aspectos que compunham a sua vida: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; manutenção relacionada à criança; prestação de cuidados; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. O trecho a seguir ilustra como se efetivava o convívio de Pedro com o filho em relação aos aspectos citados:

[...] eu procuro dividir a maioria desses itens com a minha esposa, como eu te falei, porque a gente optou por ter essa dedicação. Nesse período, eu sou responsável, mas ela também é responsável. Esse foi nosso acordo, porque ela também topou por a gente não terceirizar essa parte [...] a gente é bastante dedicado a ele [...] aquele (amamentação) é o momento dela com ele, então, por isso também todos os momentos dos outros cuidados eu tive que ficar, para ele ficar comigo. Então o banho sou eu que dou, [...] uma parte da jantinha e do almoço eu dou, [...] não é nada de obrigação, é muito bom.

A partir do que foi mencionado, percebem-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Pedro para com o seu filho pequeno.

Significado do trabalho para a vida do participante

Para Pedro, o seu trabalho significava prazer e realização. Reforçou gostar do que fazia e sentir-se satisfeito em ir para o trabalho. Ele tinha consciência do quanto o trabalho também apresentava problemas e, na sua percepção, cabia a ele fazer o possível para tornar o ambiente tranquilo e favorável para desempenhar bem as suas atividades.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

Na percepção de Pedro, a flexibilidade de horário e o salário foram os principais aspectos que favoreciam a sua conciliação entre trabalho e envolvimento paterno. O entrevistado não identificou aspectos do trabalho que viessem a interferir negativamente no seu convívio familiar. Em contrapartida, mencionou perceber, em situações pontuais, uma interferência da sua vida familiar no trabalho. Nesse sentido, Pedro exemplificou quando vivenciou o adoecimento do filho, o que acarretou precisar faltar ao trabalho ou sentir-se preocupado enquanto estava trabalhando.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filho

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Pedro detectou que o mesmo não apresentava um quadro clínico de estresse. Na sua percepção, muitas fontes de estresse permeavam o seu cotidiano, entretanto, considerou que apenas duas delas estavam interferindo negativamente no relacionamento que mantinha com o seu filho pequeno: “vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito” e “gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito”. Ambas as situações estavam atreladas à área da sociedade contemporânea.

Impacto do presente estudo na vida do participante

Pedro considerou importante ter tido um momento como o que foi proporcionado pelo estudo para que ele pudesse falar a respeito do seu envolvimento com o filho pequeno. Em tempo, ele reconheceu a relevância do estudo, tendo em vista a mudança contemporânea das relações vivenciadas entre pais e filhos: “[...] todo esse engajamento dos pais da minha idade que já pegou uma fase que os seus pais já não eram tão envolvidos como hoje é a maioria, a gente teve que aprender”. Nesse contexto, destacou que, apesar de o seu próprio pai ter sido presente e engajado na sua criação, percebia que atualmente essa responsabilidade e envolvimento do pai para com os filhos era bem maior.

Discussão do caso

Em síntese, Pedro avaliou ter um alto envolvimento com o filho pequeno, tanto em termos quantitativos quanto também qualitativamente. O entrevistado referiu sentir-se responsável por vários aspectos da vida do filho e comentou o quanto essa responsabilidade é compartilhada com a esposa, genitora do pequeno. Apesar de o casal não ter tido como meta principal a gravidez, a vinda do filho trouxe para Pedro uma sensação de completude e um convite à dedicação, esta que ele referiu fazer não por obrigação, mas por prazer. Nesse sentido, Arrais (2012) sinaliza o quanto o tempo dedicado ao filho e a qualidade da relação estabelecida predizem um envolvimento paterno positivo, tal fato era exatamente o que ocorria com Pedro.

Em termos de conciliação trabalho-família, esta era possível pela flexibilidade da carga horária laboral que Pedro tinha, bem como pela satisfação e realização dele tanto no âmbito profissional quanto familiar. Barham e Vanalli (2012) propõem um *modelo de facilitação* por meio do qual é possível identificar efeitos benéficos do envolvimento familiar sobre o trabalho e vice-versa, acarretando em percepção de satisfação e bem-estar psicológico decorrente. Era o que acontecia com Pedro: por estar satisfeito em ambas as áreas e perceber a influência positiva recíproca delas, o participante poderia estar protegido de enfrentar um quadro clínico de estresse. Por outro lado, não ter estresse poderia também estar contribuindo para a satisfação geral que Pedro demonstrou ter nas áreas anteriormente citadas.

Caso 8 – Thiago

Caracterização do participante

Thiago tinha 32 anos e era casado. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Para Thiago, a paternidade implicava presença constante: “[...] ser pai é estar presente em todos os momentos na criação da criança”.

Envolvimento paterno

O entrevistado referiu ter um alto envolvimento com a filha pequena, tanto em termos quantitativos como qualitativamente. O mesmo estava sempre que possível interagindo com a criança e fazia desses momentos oportunidades prazerosas para ambos, pai e filha; a título de exemplo, informou: “[...] faço bolo com ela, já fiz pizza...”. O mesmo enfatizou que acompanhava a filha em consultas médicas, bem como foi com a esposa em todas as consultas pré-natais durante a gravidez desta, o que acabou por revelar que esse envolvimento de Thiago com a filha teve início antes mesmo do nascimento dela.

Thiago afirmou que se sentia responsável pelos seguintes aspectos que compunham a sua vida: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; manutenção relacionada à criança; prestação de cuidados; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. O trecho a seguir ilustra como se efetivava o convívio de Thiago com a filha no cotidiano de ambos:

[...] eu sempre fico atento na questão da pronúncia [...] em dar exemplo [...] lá em casa não tem TV paga, porque eu acho que essas TVs pagas para criança é mais propaganda do que tudo, consumista [...] preocupação, quem não se preocupa não é pai [...] dei o primeiro banho, troquei a primeira fralda, quando a minha esposa amamentava eu botava para arrotar. Eu curti cada momento, passa tão rápido. Eu tenho pena das pessoas que não curtem [...] já lavei pano de vômito, por exemplo [...] leitura, sempre leio [...] no teatro ela interage mais [...] nossa vida depois dela é só com ela.

A partir do exposto, percebem-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Thiago para com a sua filha pequena.

Significado do trabalho para a vida do participante

Thiago referiu o quanto está satisfeito com o trabalho: “[...] ah, eu amo trabalhar [...] eu preciso do trabalho no meu sangue. Adoro o que faço, não tenho do que reclamar”. Conforme referido, percebeu-se que, para o entrevistado, o trabalho assumia um lugar importante na sua vida.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

Segundo Thiago, a flexibilidade da carga horária laboral era um principal favorecedor da conciliação entre o seu trabalho e o envolvimento com a sua filha pequena. Em contrapartida, o cansaço oriundo de dias eventuais de trabalho que apresentavam mais demandas, foi considerado como um aspecto que dificultava tal conciliação e, conseqüentemente, revelava-se como uma interferência negativa do trabalho na vida familiar de Thiago, uma vez que reduzia a sua disponibilidade de interação com a filha. Para ele, é “[...] claro que, por exemplo, num dia que eu esteja mais cansado quando chego em casa, vou estar menos disponível para ela do que talvez ela ache necessário, sempre influencia”. Nesse interim, ele informou perceber a satisfação com a sua família como um aspecto que interferia positivamente no seu desempenho laboral.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filha

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Thiago detectou que o mesmo não apresentava um quadro clínico de estresse. Ele identificou pouquíssimas fontes de estresse presentes no seu cotidiano, dentre as quais apenas uma estava interferindo negativamente na relação com a sua filha pequena, a saber: enfrentar conflitos na família.

Impacto do presente estudo na vida do participante

Thiago considerou importante a participação no estudo, principalmente pela oportunidade de reflexão.

Discussão do caso

Resumidamente, Thiago avaliou ter um alto envolvimento com a filha pequena. O mesmo informou o quanto buscava estar presente na vida dela, o que era facilitado pela flexibilidade da carga horária de trabalho. Por outro lado, o cansaço decorrente de dias de trabalho mais intensos acabava reduzindo a disponibilidade de interação de Thiago com a menina. Tais achados são amparados pela literatura, uma vez que, segundo Henn e Piccininni (2010), o cansaço oriundo

de responsabilidades assumidas no trabalho poderia impactar diretamente em uma menor disponibilidade de tempo para interação pai-filho.

Interessante perceber o quanto Thiago mencionou sentir-se satisfeito nos âmbitos laboral e familiar. Apesar de reconhecer que estava enfrentando conflitos na família e que estes interferiam negativamente na relação que estabelecia com a filha pequena, informou, ainda, que estes conflitos não dificultavam a conciliação família-trabalho. Pode-se presumir que a satisfação de Thiago com ambas as áreas refletiu no fato de ele não estar com um quadro de estresse.

Por outro lado, não ter estresse também poderia estar contribuindo para a percepção satisfatória que o servidor tinha das áreas centrais que compunham a sua vida: família e trabalho. Nesse sentido, Barham e Vanalli (2012) destacam que a percepção satisfatória de ambas as áreas favorece a sensação de bem-estar psicológico proveniente da conciliação harmoniosa entre ambas.

Caso 9 – Lucas

Caracterização do participante

Lucas tinha 41 anos e era casado. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Para Lucas, a paternidade tinha uma dimensão de totalidade: “[...] é fabuloso, [...] ser pai é ser tudo”. Segundo ele, a vivência de ser pai é sinônimo de realização e satisfação.

Envolvimento paterno

Lucas lembrou que, por algum tempo, por motivo de trabalho da esposa, ela precisou morar em outra cidade com os filhos e, assim, a convivência entre eles se dava apenas aos finais de semana. Nesse sentido, o entrevistado mencionou que, desde que a esposa e os filhos retornaram para Salvador, buscava estar sempre

que possível próximo deles, disponível para interagir e conviver com eles o máximo que pudesse.

O participante afirmou que se sentia responsável pelos seguintes aspectos que compunham a vida da filha (focalizada no estudo): comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; manutenção relacionada à criança; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. Em tempo, Lucas destacou que a prestação de cuidados era realizada de modo geral pela esposa. Assim, ele contribuía pontualmente quando se fazia necessário. O trecho a seguir ilustra como se efetivava o convívio de Lucas com a filha no cotidiano dela:

[...] uma coisa que eu aprendi bem cedo, que você ensina pelo exemplo. Me preocupa muito o uso (da internet) em excesso [...] eu me amarro em fazer isso, sempre gostei de pentear o cabelo, dar banho, escovar os dentes [...] me envolvo, com a minha filha, eu brinco mesmo de boneca com ela [...] ir para a padaria, mercado. Gosto muito de fazer essas coisas [...] afeto também [...] meu pai era um pouco distante. Aí, eu faço, às vezes acho que exagero até, porque eu faço para compensar o contrário. Aí eu estou lá, abraçadinho, daqui a pouco ela “me largue, me largue”, ah é bom demais.

A partir do exposto, percebem-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Lucas para com a sua filha pequena.

Significado do trabalho para a vida do participante

Para Lucas, o trabalho tinha duas dimensões: se sustentar e obter prazer. Nesse sentido, ele ressaltou o quanto tinha até dificuldade em dar limite ao tempo que ficava no trabalho, pois facilmente extrapolava a carga horária laboral diária, tendo em vista a satisfação que tinha nessa área profissional.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

O entrevistado mencionou que a carga horária flexível e a possibilidade de realizar trabalho remoto eram percebidos por ele como aspectos que favoreciam sobremaneira a conciliação entre o seu trabalho e o envolvimento com a sua filha.

Por outro lado, a satisfação de Lucas com o trabalho implicava dedicar muito tempo a este, o que conseqüentemente reduzia o tempo disponível para interação com a filha. Assim, o entrevistado reconhecia essa satisfação laboral como um aspecto do trabalho que acabava por interferir na vida familiar, atuando por vezes como um dificultador de tal conciliação.

Lucas informou também que as vivências no âmbito familiar interferiam positivamente no trabalho: “[...] a gente fica trocando as experiências. É legal [...] a gente conversou muito com os outros colegas, tipo uma rede de suporte mesmo”. Assim, relatou o quanto era notória a satisfação oriunda de momentos de partilha realizada entre os servidores que, como ele, eram pais de filhos pequenos.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filha

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Lucas identificou que ele não apresentava um quadro clínico de estresse. Entretanto, ele reconheceu a presença de diversas situações estressoras no seu cotidiano. Entre elas, aquelas que interferiam negativamente no relacionamento dele com a filha pequena, conforme a sua percepção, eram: (a) na área da família: “07. Ter interferência excessiva da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc.) no cuidado de filho(s) pequeno(s)”, “12. Assumir poucas responsabilidades com o cuidado do(s) filho(s) pequeno(s)” e “14. Dedicar pouco tempo para a família”; (b) na área da saúde: “31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer”, “33. Dedicar pouco tempo para realizar atividade física” e “43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc)”; (c) na área da sociedade contemporânea: “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar”, “56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito” e “57. Gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito”; (d) na área do trabalho: “19. Considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva” e “26. Ser pressionado por apresentar resultados profissionais”.

Constata-se que a família, a saúde e a sociedade contemporânea eram as áreas da vida de Lucas que mais estavam concentrando fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com a sua filha pequena.

Impacto do presente estudo na vida do participante

Lucas considerou a participação no estudo como uma ótima oportunidade de refletir sobre pontos importantes ligados à paternidade, tendo em vista que isto não era feito por ele em outras circunstâncias.

Discussão do caso

Resumidamente, Lucas referiu ter um alto envolvimento na vida da filha. Ele informou estar sempre que possível presente e engajado nos cuidados dela. Em relação ao trabalho, percebeu que a carga horária flexível e a possibilidade de realizar o trabalho na modalidade remota atuavam como facilitadores da conciliação trabalho-família, apesar de reconhecer que o tempo dedicado à família estava aquém do desejado por ele. Assim, a satisfação que tinha no âmbito laboral acarretava, por vezes, em dedicar muito tempo neste, o que em determinadas circunstâncias refletia-se negativamente no envolvimento que tinha com a sua filha pequena pelo fato de reduzir o tempo de interação com a mesma. Nesse sentido, Barham e Vanalli (2012) apontam para o fato de que homens que dedicam muito tempo na carreira acabam por ressentirem-se do menor engajamento na vida dos filhos, principalmente se estes forem pequenos e demandarem mais cuidados.

Lucas manifestou, durante a entrevista, a satisfação decorrente de momentos de partilha que tinha com os colegas de trabalho sobre as experiências da paternidade. Nesse sentido, via como favorável a rede de suporte que era estabelecida entre os colegas de trabalho a partir desses encontros. Este fato é amparado na literatura tendo em vista que, conforme Tucunduva (2009), contar com apoio do cônjuge e dos colegas de trabalho são fatores que contribuem sobremaneira para promover a conciliação entre as áreas familiar e laboral.

Finalmente, o fato de Lucas não apresentar quadro de estresse poderia estar contribuindo para a avaliação positiva e satisfatória que tinha do trabalho e da família, o que acabava por favorecer a conciliação entre estas áreas. Por outro lado, uma favorável conciliação destas também poderia estar contribuindo para que o entrevistado não apresentasse estresse.

Cabe também destacar que, apesar de o participante não ter apresentado um quadro de estresse, ele identificou a presença de diversas fontes estressoras

permeando o seu cotidiano. Assim, pode-se supor que Lucas estava conseguindo lidar com essas fontes sem que necessariamente elas afetassem a sua saúde, fato de extrema relevância. Nesse sentido, conforme aponta a literatura, não seria a ausência de estresse que garantiria o bem-estar e a qualidade de vida, e sim a adoção de medidas adequadas para lidar com ele sem permitir que o mesmo afetasse a sua saúde e comprometesse áreas importantes da sua vida (BRITO; RODRIGUES, 2011).

Caso 10 – Jacó

Caracterização do participante

Jacó tinha 37 anos e era casado. O participante dedicava entre 35 e 45 horas semanais no trabalho e não realizava trabalho em outra instituição.

Significado de paternidade

Jacó informou que, para ele, ser pai não era um sonho, ele chagava até mesmo a se questionar se levava jeito para cuidar de criança. Entretanto, a vinda da sua filha trouxe um significado de completude que ele não imaginava:

[...] a gente só começa a viver mesmo nesse momento, quando a gente tem filhos. Antes disso é uma ilusão de vida [...] é aí que você se defronta com a complexidade da vida, com a responsabilidade real sobre outro ser humano [...] depois que eu fui pai é que eu fui entender, porque realmente é o que é importante na vida, é isso aí [...] ser pai é isso, você se sentir inteiro.

Desse modo, ficou evidenciado que a paternidade trouxe para Jacó uma experiência tão satisfatória que nunca antes havia sido imaginada por ele.

Envolvimento paterno

Jacó avaliou o seu envolvimento com a filha como intenso e volumoso. O mesmo informou que ficava boa parte do dia disponível para interagir com ela, e era

ele quem assumia a maior parte das suas responsabilidades. Segundo Jacó, esse convívio era para ele muito satisfatório: “[...] com relação à qualidade, aí é comigo mesmo [...] eu procuro sempre estar aproveitando todos esses momentos”.

O participante afirmou que se sentia responsável pelos seguintes aspectos que compunham a vida da filha: comunicação; ensino; monitoramento; processo de pensamento; pequenas tarefas; prestação de cuidados; manutenção relacionada à criança; compartilhar interesses; disponibilidade; planejamento; atividades compartilhadas; provimento; afeto; proteção e apoio emocional. O trecho a seguir ilustra como se estabelecia cotidianamente o convívio de Jacó com a filha:

[...] quando a gente assiste até algum filme ou desenho, eu que fico narrando e comentando o que é que está acontecendo para ela poder associar a imagem com a explicação daquela ação, para ir construindo na mente as conexões lógicas das coisas. [...] Eu que sento no chão para brincar com ela, que tento expor ela a experiências novas, [...] eu que fico tomando conta dela dentro da água [...] ela sente muito mais até confiança em mim. [...] Dar banho, trocar fralda e tudo isso, eu estou ali direto [...] cada manchinha que aparece na pele, um cocô diferente que ela faz, um cheiro diferente no xixi, qualquer manifestação eu estou sempre observando, então não passa nada. [...] Ensino pelo exemplo, [...] boto ela na minha frente, escovo os meus dentes para ela ver eu escovando o dente e ver se ela aprende pelo exemplo [...] fiscalizo programação de tv, filme, música [...] quem sai com ela para brincar na pracinha, para conhecer outras crianças, sou eu [...] brincar, cantar, dançar já é da rotina [...] ter paciência, armar o ambiente [...] de modo que nada que fosse perigoso ficasse acessível para ela.

A partir do que foi anteriormente mencionado, constatam-se níveis altos de interação, acessibilidade e responsabilidade de Jacó para com a sua filha pequena.

Significado do trabalho para a vida do participante

Na concepção de Jacó, o trabalho era um meio pelo qual ele conseguia ter condições de conduzir os outros aspectos da sua vida, estes que eram mais importantes para ele do que o trabalho. Entretanto, ressaltou que trabalhar trazia para ele o sentido “[...] de ser útil, de estar contribuindo com alguma coisa maior do que a sua própria vida, estar contribuindo com a sociedade”. Jacó informou ainda

que estar motivado e estabelecer uma relação de prazer com o trabalho lhe favoreciam sentir-se satisfeito nesse âmbito.

Conciliação entre trabalho, família e envolvimento paterno

Na percepção de Jacó, o aspecto que mais favorecia a conciliação entre o seu trabalho e o envolvimento com a sua filha era a flexibilidade da carga horária laboral, já que, por meio dela, ele conseguia ter mais tempo disponível para interagir com a pequena. Por outro lado, o fato de precisar viajar a trabalho, mesmo que esporadicamente, foi apresentado por Jacó como um aspecto dificultador de tal conciliação.

Cabe destacar que o participante compartilhou o quanto percebia o trabalho interferindo no âmbito familiar, e vice-versa, pelo fato de ambas as áreas serem pilares da sua vida. Entretanto, via essa interferência como administrável e conseguia fazê-la de modo harmônico no seu cotidiano. Destacou, ainda, que a filha estava sempre em primeiro plano e, nesse sentido, buscava ajustar as demandas laborais e outras, de modo a atendê-la sempre.

Fontes de estresse e sua interferência negativa no relacionamento pai-filha

O “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL) aplicado em Jacó identificou que ele não apresentava um quadro clínico de estresse. Entretanto, o participante reconheceu a presença de situações estressoras em diversas áreas do seu cotidiano. Entre elas, aquelas que interferiam negativamente no relacionamento dele com a filha pequena, conforme a sua percepção, eram: (a) na área da sociedade contemporânea: “49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar”, “56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito”, “57. Gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito” e “58. Identificar nas relações interpessoais instabilidade e superficialidade”; (b) na área da família: “04. Enfrentar conflitos na família” e “16. Lidar com o fato de a esposa trabalhar”; (c) na área da saúde: “31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer” e “34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde”.

É constatado que a sociedade contemporânea foi a área da vida de Jacó que mais concentrou fontes estressoras que impactavam negativamente no relacionamento do participante com a sua filha pequena.

Impacto do presente estudo na vida do participante

Jacó achou interessante a participação no estudo. Apesar de as suas reflexões não terem sido novas para ele: “[...] tudo isso que eu falei, eu já tinha me dado conta e sempre que posso, sempre que encontro alguém disposto a conversar sobre essas coisas, eu converso”. Nesse sentido, constatou-se que, para Jacó, falar sobre o seu envolvimento com a filha pequena trazia para ele uma sensação de troca de experiência, aprendizado e, conseqüentemente, poderia influenciar positivamente a sua relação com ela.

Discussão do caso

De modo sucinto, Jacó avaliou ter um alto envolvimento com a filha pequena. Era frequente a sua participação na vida dela em termos quantitativos e qualitativos. Ao mesmo tempo em que dispunha de tempo para interagir com ela, esses momentos eram para ele motivo de satisfação. Cabe destacar que Jacó refletia o modelo de pai contemporâneo, este que, conforme elucida a literatura, buscava estar cada vez mais presente, engajado e participativo na vida do filho (LAMB, 2010).

O participante referiu que a carga horária flexível de trabalho favorecia sobremaneira a conciliação trabalho-família. Em contrapartida, viagens justificadas por demandas laborais por vezes lhe privavam desse convívio, o que acabava funcionando como um dificultador de tal conciliação. Entretanto, cabe destacar que estas viagens se davam de modo esporádico, o que, segundo Jacó, não representavam grandes problemas para ele. Conforme Sanjutá e Barham (2005), viagens a trabalho poderiam repercutir em um menor tempo dedicado pelo pai no convívio com o filho pequeno e assim dificultar a conciliação trabalho-família.

Finalmente, o fato de Jacó não ter apresentado quadro de estresse poderia estar favorecendo a sua percepção positiva em relação ao trabalho e à família e do

quanto para ele era possível, no seu cotidiano, trabalho-família de modo harmonioso. Por outro lado, pode-se pensar também que administrar satisfatoriamente as demandas no âmbito laboral e familiar funcionava de modo preventivo, para que Jacó não apresentasse estresse.

Cabe destacar, ainda, que o mesmo reconheceu a presença de fontes estressoras em diversas áreas do cotidiano. Entretanto, o fato de conseguir administrar as demandas oriundas do trabalho e da família, apesar de considerar que por vezes era difícil tal conciliação, podia revelar o quanto a presença de fontes estressoras no cotidiano não necessariamente acarretava em quadros de estresse. Essa percepção é alicerçada na literatura, tendo em vista que, segundo Filgueiras e Hippert (1999), e Lipp (2005), não é o estresse em si que causa prejuízos, e sim o seu excesso, tendo em vista que uma dose adequada dele é necessária, inclusive, para a sobrevivência do organismo.

4.5 DISCUSSÃO GERAL

No que concerne à primeira etapa de coleta dos dados, foram consideradas as seguintes áreas da vida: família, trabalho, saúde e sociedade contemporânea. Entre elas, a saúde foi a que revelou, na percepção dos participantes, uma maior concentração de fontes estressoras. Conforme Minari (2007), observa-se frequentemente a presença de quadros de estresse, distúrbios do sono e dificuldades na área da saúde em servidores públicos de diversas áreas de atuação.

Em relação a cada área do cotidiano, as situações mais identificadas como estressoras pelos participantes deste estudo foram: (a) família: “enfrentar conflitos na família” e “vivenciar a morte de familiar ou amigo próximo”; (b) saúde: “adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex.: fumo e sedentarismo)” e “dedicar pouco tempo para o próprio lazer”; (c) trabalho: “assumir grande volume de tarefas no trabalho” e “considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado”; e (d) sociedade contemporânea: “enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar” e “apresentar dificuldades financeiras”.

O presente estudo corroborou com a percepção de Petrini (2010) e Lamb (2010), no que se refere ao fato de a paternidade ser constituída de qualidades relacionais, o que implica em o pai afetar, de diversos modos, o desenvolvimento dos seus filhos. Nesse sentido, os participantes elencaram algumas das situações estressoras que mais interferiam negativamente no relacionamento deles com os seus filhos pequenos, a saber: (a) família: “ter passado recentemente por separação/divórcio” e “dedicar pouco tempo para a família”; (b) sociedade contemporânea: “mudar de cidade” e “considerar que a sua presença com os filhos pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes)”; (c) saúde: “enfrentar problemas de sono” e “adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex.: fumo e sedentarismo)”; (d) trabalho: “considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva”.

Tendo em vista que os pais que participaram do estudo eram servidores públicos, os mesmos compartilharam aspectos específicos do trabalho que estavam presentes no seu cotidiano e, por vezes, atuavam como facilitadores ou dificultadores do processo de conciliação entre o trabalho e o envolvimento com os seus filhos pequenos. Assim, eles mencionaram que trabalhar no serviço público

lhes trazia, por um lado, estabilidade e *status*, apontados por Nunes e Lins (2009) como algumas das fontes de prazer mais referidas por servidores públicos de áreas diversas de atuação. Os participantes identificavam também, na flexibilidade de carga horária, uma possibilidade para terem mais tempo disponível para a convivência familiar. Em relação a este ponto, Barham e Vanalli (2012) sinalizam que a flexibilidade de horário é um fator que favorece uma maior participação do pai nas áreas familiar e profissional.

Entretanto, apesar dessa flexibilidade de horário, alguns pais acumulavam tarefas em duas instituições, o que acabava por acarretar um grande volume de trabalho que impactava em menor tempo disponível junto aos filhos. Nesse sentido, segundo Camelo e Angerami (2008), o excesso de responsabilidades assumidas no trabalho acaba por desencadear no pai contemporâneo um sentimento de culpa por não dedicar o tempo que gostaria no convívio familiar.

O salário, apesar de ter sido apontado como satisfatório, era percebido por alguns participantes como insuficiente para cobrir as despesas familiares. Assim, tais pais referiram passar por dificuldades financeiras, principalmente nas situações em que o pai era o único ou principal provedor do núcleo familiar, e atrelaram essa situação ao contexto contemporâneo que estimula o crescente consumo.

Ainda sobre o trabalho, alguns dos pais investiam na carreira por meio, por exemplo, da realização de cursos de especialização, mestrado e doutorado. Nesse sentido, Barham e Vanalli (2012) colocam que pais mais envolvidos no cuidado dos filhos demonstram maior comprometimento com o trabalho.

Outros pais trouxeram à tona falas em que transparecia o sofrimento decorrente da desmotivação laboral, por vezes advinda da troca de setor sem que eles tivessem sido consultados previamente, ou mesmo uma não identificação com as atividades realizadas. Para estes, o trabalho era comumente percebido apenas como uma fonte de sustento e que por vezes estava atrelada a sofrimento. Conforme Lukas (1992), se o homem não tiver um sentido e uma finalidade para esse trabalho diário, ele pode vir a nem conseguir suportá-lo. Entretanto, se o mesmo for percebido como cheio de possibilidades de sentido a serem realizados, o mesmo assume um lugar indispensável na vida deste trabalhador.

Era o que demonstravam os participantes que informaram ter encontrado no ambiente de trabalho uma possibilidade de rede de suporte decorrente da troca de experiências que era realizada entre os colegas que também eram pais e viviam situações similares. Assim, para os pais satisfeitos com o trabalho, de modo geral este era visto como fonte de prazer.

Segundo Frankl (2010), a capacidade de trabalho é uma das oportunidades de o homem dar sentido à vida, sentir-se chamado a realizar algo único e irrepetível, uma tarefa concreta e pessoal, que só ele pode fazer. Entretanto, essa capacidade não está fora, na profissão, por exemplo, e sim na relação que este homem estabelece com o trabalho, o seu modo de fazê-lo, compreendê-lo e transformá-lo. Portanto, não é de se estranhar que trabalhadores com a mesma profissão, que atuam no mesmo local e têm a mesma chefia, venham a perceber o trabalho de modo totalmente singular.

Brito e Rodrigues (2011) alertam para o crescimento ininterrupto de estressores na sociedade contemporânea, o que acabava acarretando o acometimento de estresse em 90% da população mundial, conforme elucida a Organização Mundial de Saúde (JOSÉ, 2012). Entre os estressores, estão incluídos os vivenciados no trânsito, conforme mencionado anteriormente pelos participantes, e que acabavam subtraindo dos pais um maior tempo de convívio com os seus filhos, sem falar no gasto de energia que consumia dos envolvidos. Há que se destacar, ainda, que o público-alvo em questão – pais de filhos pequenos – estava em um momento do ciclo de vida familiar que exigia deles grandes responsabilidades, sendo esta uma fase considerada por Cerveny e Berthoud (1997) como desafiadora para os pais.

Assuntos atinentes a estresse e envolvimento paterno dos participantes foram aprofundados nas entrevistas realizadas no segundo momento da coleta de dados deste estudo. Nesse sentido, é importante destacar que ambos os grupos de pais, com e sem estresse, referiram um alto envolvimento com os seus filhos pequenos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Assim, foi unânime a satisfação relatada pelos participantes em relação ao engajamento no cuidado dos filhos, o que vem a confirmar os dados da literatura. Conforme Lamb (1992; 2010), desde o final do século XX o pai passou a ser considerado como ativo e envolvido na vida dos

filhos. Além de estarem mais envolvidos, segundo Gonçalves e outros (2012), eles avaliam essa experiência como satisfatória, permeada de sentimentos positivos.

Faz-se oportuno mencionar que, apesar de o envolvimento paterno ter sido destacado pelos pais como uma experiência satisfatória e enriquecedora, muitos deles também compartilharam os desafios que ela acarreta. Nesse sentido, foi relatado pelos participantes a presença de cansaço, de noites sem dormir, de preocupação, de responsabilidade pelo sustento familiar, de sobrecarga oriunda da sobreposição entre demandas laborais e familiares, a exemplo de viagens a trabalho, adoecimento de familiar, conflitos conjugais e familiares. Nesse contexto, foi evidenciado pelos envolvidos a importância da rede de apoio que compartilhe com eles a responsabilidade pelo cuidado dos filhos, composta por: esposa, família extensa, colegas de trabalho, funcionário doméstico etc. Esses dados confirmam os apontados pela literatura, pois, conforme Dessen e Oliveira (2013), essa maior participação paterna no cuidado dos filhos é percebida pelos pais como sendo uma experiência satisfatória, mas também por vezes cansativa.

Cabe mencionar que, apesar de os pais com e sem estresse terem percebido a presença de fontes estressoras em seus cotidianos, foi notória a diferença da percepção de ambos os grupos no que concerne aos impactos do estresse no relacionamento pai-filho e na conciliação de demandas família-trabalho. Por um lado, os pais acometidos de estresse referiram o quanto o estresse e o cansaço oriundo da sobreposição de demandas interferiam negativamente na relação com os filhos pequenos e dificultavam a conciliação entre as áreas familiar e laboral. Por outro lado, o grupo de pais sem estresse demonstrou uma percepção mais positiva da vida, referindo que as fontes de estresse presentes no cotidiano não traziam grandes impactos negativos no relacionamento com os filhos pequenos e nem na conciliação trabalho-família.

O que foi posto pode ser elucidado pela literatura, tendo em vista que o que desencadeia um quadro de estresse não é uma situação externa, e sim a percepção que o sujeito tem dela (BRITO; RODRIGUES, 2011). Sob um outro ângulo, há que se refletir também na perspectiva inversa, ou seja, sujeitos sem estresse tendem a ter uma condição de saúde mais favorável para administrar as adversidades, tendo em vista que o estresse compromete o bem-estar geral do indivíduo acometido por ele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando o objetivo geral deste estudo – investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública localizada em Salvador (Bahia) – constatou-se que houve um avanço no conhecimento da temática, sem, contudo, esgotá-la.

A seguir, serão apresentados os principais dados obtidos que respondem aos objetivos específicos dessa dissertação.

O primeiro deles foi o de verificar, na perspectiva dos participantes, quais fontes de estresse estão presentes no cotidiano e sua possível interferência no envolvimento paterno. Nesse sentido, tiveram destaque: (a) família: “ter passado recentemente por separação/divórcio” e “dedicar pouco tempo para a família”; (b) sociedade contemporânea: “mudar de cidade” e “considerar que a sua presença com os filhos pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes)”; (c) saúde: “enfrentar problemas de sono” e “adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex.: fumo e sedentarismo)”; (d) trabalho: “considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva”. Esses exemplos destacam fatores que, conforme Lipp (2005), Minari (2007), e Brito e Rodrigues (2011), acabam gerando um ambiente adverso às pessoas, abrindo a guarda para que o estresse se instale.

No que se refere ao segundo objetivo, investigar a prevalência de estresse em pais que são servidores de um órgão público de Salvador, foi detectado que 53,3% dos pais estavam com estresse (50,0% encontravam-se na fase de Resistência e 3,3% na fase de Quase-exaustão). Em relação à predominância de sintomas, um pouco mais da metade dos respondentes (56,0%) apresentaram sintomas físicos e psicológicos, tendo destaque: tensão muscular, insônia, vontade súbita de iniciar novos projetos, irritabilidade excessiva e sensibilidade emotiva excessiva. Esses dados reforçam os encontrados na literatura, tendo em vista uma série de pesquisas apontadas por Minari (2007) que detectaram a presença de quadros de estresse em servidores públicos de diversos órgãos.

O terceiro objetivo foi o de identificar quais aspectos pessoais e sociais favorecem ou prejudicam a conciliação entre trabalho e envolvimento paterno. Nesse sentido, foram destacados pelos pais os seguintes aspectos favorecedores:

(a) trabalho: flexibilidade de horário; possibilidade de realizar trabalho remoto; satisfação financeira com os provimentos advindos do salário; satisfação geral no âmbito laboral; momentos de partilha realizada entre os servidores que eram pais de filhos pequenos e (b) família: satisfação no âmbito familiar, rede de suporte para cuidar dos filhos e conversar com a esposa sobre o trabalho.

Em relação aos aspectos que prejudicam a conciliação entre o trabalho e o envolvimento paterno, sobressaíram-se: (a) trabalho: cansaço oriundo de dias eventuais de trabalho que apresentavam mais demandas ou problemas sérios a serem resolvidos; trabalhar aos finais de semana ou precisar viajar esporadicamente; grande volume de trabalho; extensa carga horária semanal dedicada a mais de um vínculo laboral; engajamento em projeto de grande responsabilidade no âmbito profissional; (b) família: cansaço advindo de noites de sono perdidas; adoecimento de filho ou de outro membro familiar e problemas conjugais.

O quarto e último objetivo específico era o de comparar o envolvimento paterno dos pais que apresentaram quadro de estresse com os que não apresentaram. Nesse sentido, todos os pais, com e sem estresse, evidenciaram um alto envolvimento na vida dos filhos, em termos de engajamento, acessibilidade e responsabilidade. Segundo Lamb (1992), esses são os três componentes do envolvimento paterno que caracterizam o pai contemporâneo.

Entretanto, percebeu-se uma diferença de percepção entre os pais com e sem estresse. Os primeiros apresentaram uma percepção mais focada nos impactos negativos que o estresse tinha na sua saúde e no envolvimento com os filhos pequenos. Já os pais que não estavam estressados demonstraram uma percepção mais positiva da vida e um maior manejo para conciliar demandas profissionais e familiares.

Analisando-se as estratégias metodológicas utilizadas, considerou-se que elas, associadas ao extenso levantamento bibliográfico realizado sobre a temática, foram cruciais no alcance dos objetivos traçados. Além disso, contribuíram para a compreensão de aspectos relevantes sobre a saúde de pais que têm filhos pequenos e são servidores de um órgão público localizado em Salvador, e os desafios contemporâneos enfrentados por eles no que toca à conciliação entre trabalho e envolvimento paterno.

Também ficou evidenciado que a caminhada está só começando. Tendo em vista a importância do envolvimento e participação masculina no cuidado dos filhos (SOUZA; BENETTI, 2009), sugere-se a realização de estudos futuros que aprofundem a temática pesquisada e contribuam com a saúde de pais que buscam conciliar trabalho e envolvimento com filhos pequenos, tendo em vista, inclusive, as peculiaridades e grandes demandas que essa fase acarreta. Abrem-se também lacunas que dão espaço para pesquisas que busquem atinar para como se dá o envolvimento paterno em diferentes fases do desenvolvimento infantil, pois, segundo Fagan e outros (2009), ainda há pouca discussão acerca das transições que o pai enfrenta dentro da paternidade.

Os resultados compartilhados neste estudo propõem pesquisas futuras que possam ir além da compreensão sobre o tema, de modo a contribuir na implementação e desenvolvimento do envolvimento paterno, além de incluir a mãe e sensibilizá-la sobre a importância que o pai tem nesse contexto. Nesse sentido, autores como Monteiro e outros (2010) concordam com o papel regulador fundamental que a mãe tem no relacionamento pai-filho. Marin, Piccinini e Tudge (2011) afirmam, ainda, ser atribuído a ela o papel predominante na socialização infantil.

A partir do exposto, sugere-se a realização de estudos que se proponham a comparar o envolvimento do pai com o envolvimento da mãe no cuidado dos filhos, considerando o contexto em que ambos tenham trabalho remunerado. Essa sugestão foi trazida pelos próprios participantes, 90,0% dos quais eram casados ou tinham uma companheira, ao afirmarem, inclusive, que as esposas demonstravam-se muitas vezes estressadas no processo de conciliação entre demandas familiares e profissionais. Elucida-se também a relevância de aprofundar essa temática, transversal a várias áreas, a partir de pesquisas futuras que adotem outros prismas teóricos, de modo a enriquecer o olhar interdisciplinar que o tema suscita.

Faz-se mister também refletir sobre a adoção de políticas públicas e programas direcionados para pais e famílias (FAGAN et al., 2009; SOUZA; BENETTI, 2009) que venham promover e estimular a paternidade nos mais diversos contextos, entre eles o profissional. Portanto, esse estudo vem reforçar a relevância da implementação de licença-paternidade e horários de trabalho flexíveis como

grandes estratégias que contribuam para que o pai esteja mais envolvido no cuidado dos filhos (LAMB, 1992, 2010; BASTOS et al., 2013).

Assim, alerta-se para a urgência implicada no processo de adoção de estratégias que tenham como foco a conciliação entre trabalho e família. Nesse sentido, cabe às instituições públicas e privadas suscitarem propostas que contribuam nessa direção, de modo a cultivarem uma cultura que possibilite ao pai ser pai, estando presente física e emocionalmente nos cuidados dos filhos, principalmente numa fase em que eles são tão dependentes.

Pensar e investir nos filhos é cuidar de pessoas que um dia serão profissionais e também pais, e o cuidado que lhes foi dedicado poderá ser decisivo para compreender como eles cuidarão da sociedade futura. Nesse sentido, Krob, Piccininni e Silva (2009) afirmam que se estará contribuindo para o desenvolvimento e bem-estar das crianças, adolescentes, adultos e também do próprio pai.

Por fim, alargar e fomentar estudos que direcionem seus esforços para compreender e contribuir com o equilíbrio entre as áreas familiar e profissional implica cuidar de pilares fundamentais da sociedade, por meio dos quais o ser humano se constitui enquanto verdadeiramente humano.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. G. M.; CHOR, D.; FAERSTEIN, E.; LOPES, C. S. WERNECK, G. L. Versão resumida da "job stress scale": adaptação para o português. *Revista de Saúde Pública*, v. 38, n. 2, 2004.
- ALVES, C. O. *Estresse, Qualidade de Vida e Percepção de Suporte Familiar em Porteiros*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 2008. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Baurú.
- AQUINO, A.C.B.; PAGLIARUSSI, M.S.; BITTI, E.J.S. Heurística para a composição de referencial teórico. *R. Cont. Fin. USP*, v. 19, n. 47, p. 73-88, maio/agosto, 2008.
- ARRAIS, A. I. L. *Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social em Pais de Crianças em Idade Escolar*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Portugal.
- ARIÈS, P. [tradução Dora Flaksman]. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1981.
- ARRIAGADA, I. *Famílias latino-americanas*. Diagnóstico y políticas públicas em los inicios del nuevo siglo. Cepal Eclac. Serie políticas sociales. División de Desarrollo Social. Santiago de Chile, 2001.
- BAHLS, S.C.; NAVOLAR, A. B. B. Terapias cognitivo-comportamentais: conceitos e pressupostos teóricos. *Psico UTP Online*, n. 4, Curitiba, jul. 2004.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARHAM, E. Joan; VANALLI, A. C. G. Trabalho e família: perspectivas teóricas e desafios atuais. *Rev. Psicol., Organ. Trab.*, Florianópolis, v. 12, n. 1, abr. 2012.
- BARROS, J. C.; MALAGRIS, L. E. M. Nível e fontes de stress em bancários: um estudo exploratório. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE STRESS, 2.; CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUALIDADE DE VIDA, 5., 2005, São Paulo. Anais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ FAPESP/Hospital Daniel Lipp, 2005. P. 163-165.
- BASTOS, A. C. S. et al. M. Fathering in Brazil: a diverse and unknown reality. In: SHWALB, D. W.; SHAWALB, B. J.; LAMB, M. (Eds). *Fathers in cultural contexto*. New York: Routedge, 2013, 228-249 [tradução Ana Cecília Bastos], p. 1-16.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Tradução de: Plínio Dentzien.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros.
- BECK, J. *Terapia Cognitiva: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BELTRAME, G. R.; BOTTOLI, C. Retratos do Envolvimento Paterno na Atualidade. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 32, jan/jul. 2010.

BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. A família em fase de aquisição. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.) *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 47-73.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. *Temas psicol.* [online]. 1997, vol. 5, n. 3, p. 33-49.

BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A.; STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 19, n. 1, p. 75-92, 2007.

BOTTOLI, C. Paternidade e Separação Conjugal: a perspectiva do pai. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, RS.

BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; NASCIMENTO, I. F.G. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paideia*, maio-ago, 2011, vol. 21, n. 49, p. 263-271.

BRASILEIRO, P. G. L. et al. A transição para a paternidade e a paternidade em transição. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

BRITO, S. C.; RODRIGUES, E. P. O Estresse e a ansiedade na sociedade do século XXI: um olhar cognitivo-comportamental. *Revista FSA*, Teresina, n. 08, 2011.

BRONFENBRENNER, U. *Making human beings human: biocological perspectives on human development*. London: Sage, 2004.

CAMAROTTI, W. L.; BITENCOURT, S. M. C.; COSLOP, J. R. S. *Quando a vivência do fracasso interdita o prazer: uma experiência em Unidade de Terapia Intensiva Cardio-Vascular..* In: VI Colóquio Internacional de Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho / I Congresso da Associação Internacional de Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho e I Congresso da Associação Internacional de Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho. Florianópolis, 2010. Anais de Evento, 2010.

CAMELO, S. H. H.; ANGERAMI, E. L. S. Riscos psicossociais no trabalho que podem levar ao estresse: uma análise da literatura. *Rev. Ciênc. Cuid. Saúde*, 2008, Abr/Jun; 7(2), p. 232-240.

CARVALHO, A. B. O Papel do Pai na Sociedade Contemporânea. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador.

CARVALHO, A. M. A.; RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C. Compreensão da criança sobre os membros da família: relações com gênero e posição na rede familiar. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

CERVENY, C. M. O.; CHAVES, U. H. Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

CIA, F. Um programa para aprimorar envolvimento paterno: impactos no desenvolvimento do filho. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos.

CIA, F.; BARHAM, E. J. Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai-filho. *Psico_USF*, v. 11, n.2, p. 257-264, jul/dez, 2006.

CIA, B.; BARHAM, E. J. O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, Maringa, jan/mar 2009, v. 14, p. 67-74.

CIA, F.; BARHAM, E. J.; FONTAINE, A. M. G. V. Desempenho acadêmico e autoconceito de escolares: contribuições do envolvimento paterno. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2012, 29(4), out/dez, p. 461-470.

COOK, S. Implicações éticas. In: SELTZER; WRIGHTSMAN; COOK. *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. São PAULO: EPU, 1987.

COSTI, C. G. A saúde do magistrado: um breve levantamento bibliográfico. *Revista da ESMESC*, v. 20, n. 26, 2013.

COURT, P. M. Família e sociedade contemporâneas. In: PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. S. (Orgs). *Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. O afastamento paterno após o fim do relacionamento amoroso: um estudo qualitativo. *Interação Psicol*, Curitiba, jan/abr 2013, v. 17, n. 1, p. 99-108.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 2004, 14(29), p. 347-357.

DESSEN, M. A.; OLIVEIRA, M. R. Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai “real” e “ideal” na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2013, 26(1), p. 184-192.

DONATI, P. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008. Tradução de: João Carlos Petrini.

FAGAN et al. 2009. Pathways to paternal engagement: Longitudinal effects of risk and resilience on non-resident fathers. *Developmental Psychology*, 45, 1389–1405.

FARIA, G. S. S.; RACHID, A. Equilíbrio trabalho e família: os significados para os bancários. *Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho*, vol. 7, n. 1, jan/jun 2007, p. 81-106.

FIGUEIRA, S. A.; VELHO, G. (Orgs.). *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. A polêmica em torno do conceito de estresse. *Rev. Psicologia, Ciência e Profissão*, 1999, 19 (3), p. 40-51.

FILGUEIRAS, M. R.; PETRINI, J. C. O pai patriarcal segundo Gilberto Freyre. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Quadrante, 2010.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, L. B.; CREPALDI, M. A.; BIGRAS, M. O Engajamento Paterno como Fator de Regulação da Agressividade em Pré-Escolares. *Paidéia*, jan-abr: 2013, vol. 23, n. 54, 21-29.

GONÇALVES et al. Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2012, 26(3), p. 599-608.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRZYBOWSKI, L. S; WAGNER, A. Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, jan/mar 2010, vol. 26, n. 1, p. 77-87.

GRZYBOWSKI, L. S; WAGNER, A. O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, jan/mar 2010, vol. 23, n. 2, p. 289-298.

HENN, C. G.; PICCININNI, C. A. A Experiência da Paternidade e o Envolvimento Paterno no Contexto da Síndrome de Down. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Out-Dez 2010, vol. 26, n. 4, p. 623-631.

HURSTEL, F. Autoridade e transmissão da "dívida de vida": uma função fundamental dos pais. *Epistemo-Somática*, Belo Horizonte. V III, n. 02, set/dez 2006, p. 163-173.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: ciência e profissão*, 2010, 30(2), p. 262-275.

JOSÉ, F.E.M. Estresse e desempenho em concursos públicos. 2012. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

JÚNIOR, E. et al. Exigências familiares e do Trabalho: um equilíbrio necessário para a saúde dos trabalhadores e organizações. *Pensando Famílias*, 17(1), 2013, p. 110-122.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREEB, J. A. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

KNAPP, P.; BECK, A. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 2008, 30 (Supl II), p. 54-64.

KROB, A. D.; PICCININNI, C. A.; SILVA, M. R. A Transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, São Paulo, abril/junho, 2009, 20(2), 269-291.

LAMB, M. O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 1 (X): 19-34, 1992.

LAMB, M. E. How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In: LAMB, M. E. (Ed). *The role of the father in child development*. 5th ed. New York: John Wiley e Sons. 2010, p. 1-26. Tradução de : Elvira Mejia Herrjón. Revisão de: Lúcia Vaz de Campos Moreira.

TAMIS-LEMONDA, C. S.; CABRERA, N. *Hand-book of father involvement: Multidisciplinary perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A Construção do Saber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, M.; BITENCOURT, S. M. C. *Avaliação do Stress nos Magistrados do TRT5 via Programa de Controle Médico e da Saúde Ocupacional (PCMSO)*. IV Congresso Brasileiro dos Serviços de Saúde do Poder Judiciário – Saúde no Judiciário: Cenário atual, perspectivas e realizações, Anais de Evento, Brasília, 2013.

LIMA, M.; BITENCOURT, S. M. C. *Avaliação do Stress nos Magistrados do TRT5 via Programa de Controle Médico e da Saúde Ocupacional (PCMSO)*. Relatório não publicado, 2013.

LIPP, M. E. N. *O stress está dentro de você*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. Estresse emocional: a contribuição de estressores internos e externos. *Ver. Psiq. Clín.*, 28-6, 2011.

_____. *Globalização e Mudanças: O Stress do Novo Milênio*. Disponível em <http://www.stress.com.br/06>. Acesso em: 19 out 2014

_____. *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos*. Ed. Casa Psicólogo, 2005.

_____. *O stress e a beleza da mulher*. São Paulo: Connection, 2001.

_____. O Modelo Quadrifásico do Stress. In: LIPP, M.E.N (Org). *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress: teorias e aplicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. Stress no trabalho: implicações para a pessoa e para a empresa. In: F. P. N. SOBRINHO; F. P. N. NASARALLA, I. (Orgs.). *Pedagogia Institucional: Fatores Humanos nas Organizações*. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2004.

_____. (2000). *Manual do inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____; MALAGRIS, L. E. N. O manejo do stress. in: RANGE, B. (Org.). *Psicoterapia comportamental e cognitiva: Pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

_____; _____. O Stress no Brasil de Hoje. In: Lipp, M.E.N. *O Stress no Brasil: Pesquisas Avançadas*. Campinas: Ed. Papyrus, 2004.

_____; TANGANELLI, M.S. Stress e qualidade de vida em magistrados da Justiça do Trabalho: diferenças entre homens e mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 537-548, 2002.

LUKAS, E. *Assistência Logoterapêutica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

_____. *Mentalização e saúde: a arte de viver a Logoterapia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MANGANIELLO, A. *Orgulho de pai: cartilha educativa para a promoção do envolvimento paterno na gravidez*. São Paulo: Oboré, 2012.

MARCONI, N. Uma breve comparação entre os mercados de trabalho no setor público e privado. *Revista do Serviço Público*, ano 48, n. 1, jan./mar. 1997, p. 126-146.

MARIN, A. H; PICCININNI, C. A.; TUDGE, J. R. H. Práticas Educativas Maternas e Paternas aos 24 e aos 72 Meses de Vida da Criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Out-Dez 2011, vol. 27, n. 4, p. 419-427.

_____; MARTINS, G. D. F; SILVA, I. M; PICCININNI, C. A. Transmissão Intergeracional de Práticas Educativas Parentais: Evidências Empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, abr.-jun. 2013, vol. 29, n. 2, p. 123-132.

MARTINS, A.C. Paternidade: repercussões e desafios para a área de saúde. *Revista Pós Ciências Sociais*, vol. 6, n. 11, 2009.

MINARI, M. R. T. Estresse em Servidores Públicos no Instituto Nacional de Seguro Social de Campo Grande-MS. Mestrado em Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande-MS, 2007.

MINARI, M. R. T.; SOUZA, J. C. Stress em servidores públicos do instituto nacional de seguro social. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 28(4), 521-528, out.-dez., 2011.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R (Orgs). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MONTEIRO et al. Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology*, 2010, vol. 44, n. 1, p. 120-130.

MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. O pai em pesquisas sobre família. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

NASCIMENTO, Mário César et al. Stress laboral e gênero enquanto fatores associados ao risco de doenças cardiovasculares. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 3, 2008.

NUNES, A. V. L.; LINS, S. L. B. Servidores Públicos Federais: uma análise do prazer e sofrimento no trabalho. *Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho*, vol. 9, n. 1, jan./jun. 2009, p. 51-67.

OLIVEIRA, J. B. Resiliência e Controle do Stress em Juízes e Servidores Públicos. 2007. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

NUNES, A. V. L.; LINS, S. L. B. Servidores Públicos Federais: uma análise do prazer e sofrimento no trabalho. *Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho*, vol. 9, n. 1, jan-jun, 2009, p. 51-67.

PALKOVITZ, Rob. Reconstructing "involvement": expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In: HAWKINS, A.; DOLLAHITE, D. (Eds.). *Generative Fathering: Beyond Deficit Perspectives*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997, p. 200-216.

PETRINI, J. C. Introdução. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. São Paulo: EDUSC, 2003.

PETRINI, J. C. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. S. (orgs). *Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PETRINI, J. C.; DIAS, M. C. *Família no debate cultural e político contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PICCININI, C. A. et al. O Envolvimento Paterno durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(3), p. 303-314.

PICCININI, C. A. et al. Envolvimento Paterno aos Três Meses de Vida do Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, jul.-set. 2012, vol. 28, n. 3, p. 303-314.

PONTES, C. M.; ALEXANDRINO, A. C.; OSÓRIO, M. M. O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant*, vol. 9, n. 4, Recife out./dez., 2009, p. 399-408.

PORRECA, W. A família como lugar privilegiado para a socialização dos filhos: a contribuição paterna. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

RIBEIRO, M. T. Estresse e Bem-Estar na Conciliação Família-Trabalho. Investigação com casais portugueses. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2010.

RIBEIRO, M. F. M.; PORTO, C. C.; VANDENBERGHE, B. L. Estresse parental em famílias de crianças com paralisia cerebral: revisão integrativa. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 18, n. 6, Rio de Janeiro, Jun. 2013.

RICHARDSON, R.J. et al. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, L. P. et al. Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães. *Acta Paul Enferm*, 2011, 24(3), p. 373-80.

RODRIGUES, A. P. GRILLO; BASTOS, A. V. B. Os vínculos de comprometimento e entrenchamento presentes nas organizações públicas. *Revista de Ciências da Administração*, vol. 15, núm. 36, maio-agosto, 2013, p. 143-158.

SADIR, M. A.; BIGNOTTO, M. M.; LIPP, M. E. N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. *Paideia*, jan.-abr. 2010, vol. 20, n. 45, p. 73-81.

SAMARA, E.M. A família *Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. O que mudou na família brasileira? Da colônia à atualidade. *Psicologia USP*, 2002, vol. 13, n. 2, 27-48.

SANJUTÁ, G.; BARHAM, E. J. Uma análise do equilíbrio trabalho e família no contexto brasileiro. *Revista Nucleus*, v. 3, n. 1, abril, 2005, p. 53-62.

SARDÁ, J. J.; JABLONSKI, S.; LEGAL, E. Estresse: conceitos, métodos, medidas e possibilidades de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SARTI, C. A. *Família patriarcal entre os pobres urbanos?* Texto apresentado ao GT Família e Sociedade na 11 reunião Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, outubro de 1989.

_____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVOIA, M. G. Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (*coping*). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 1999, n. 26(2), 57-67.

SEABRA, K. C.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação Psicol*, 2011, 15(2), p. 135-147.

SILVA, M. R.; PICCININNI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 24(4), p. 561-573, outubro-dezembro, 2007.

_____; _____. Paternidade no contexto na depressão pós-parto materna: revisando a literatura. *Estudos de Psicologia*, 14(1), jan./abr. 2009, p. 05-12.

SIMÕES, R.; LEAL, I.; MAROCO, J. Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psic., Saúde e Doenças*, v. 11, n. 2, p. 339-356, Lisboa, 2010.

SOUZA, C. L. C.; BENETTI, S. P. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, jan-abr. 2009, vol. 19, n. 42, 97-106.

SOUZA, C. L. C.; BENETTI, S. P. Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1(2):61-71, julho-dezembro, 2008.

SUTTER, C.; MALUSCHKE, J. S. N. F. B. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, v. 39, n. 1, jan./mar. 2008, p. 74-82.

TUCUNDUVA, C. Desenvolvimento dos filhos: implicações da ocupação parental sob a percepção dos filhos. 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

VANALLI, A. C. G. Conciliação entre profissão, conjugalidade e paternidade para homens e mulheres com filhos na primeira infância. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

VIEIRA, S. S. C.; ALVES, F. J. S.; JUNIOR, F. S. Análise do nível de estresse do profissional de contabilidade. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, UFSC, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 103-118, jul./dez., 2012.

VOCHIKOVSKI, M. T.; MUNHOZ, D. E. N. Stress no trabalho do assistente social: natureza, fases, sintomas e fontes de stress. In: CONGRESSO BRASILEIRO DO STRESS, 2. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUALIDADE DE VIDA, 5., 2005, São Paulo. Anais...São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de Campinas/FAPESP/Hospital Daniel Lipp, 2005, p. 297-298.

ZANELLI, J. C et al. *Estresse nas Organizações de Trabalho: compreensão e intervenção baseadas em evidências*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes**TÍTULO DA PESQUISA: ESTRESSE E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O ENVOLVIMENTO PATERNO DE SERVIDORES PÚBLICOS COM FILHO(S) PEQUENO(S)**

O senhor está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa intitulada “Estresse e suas possíveis relações com o envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s)” que será desenvolvida pela pesquisadora Sara Maria Cunha Bitencourt Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (UCSal), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lúcia Vaz de Campos Moreira, docente desta Universidade.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de uma organização pública em Salvador. Para a coleta de dados/informações será necessário que o senhor responda a um formulário para levantamento de dados sociodemográficos no qual não constará o seu nome, a um questionário de fontes de estresse presentes no cotidiano, ao Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) e caso seja contemplado para segunda etapa da coleta de dados responderá a uma entrevista individual.

Cabe destacar que o senhor foi escolhido por atender aos critérios pré-definidos da pesquisa que contempla homens que são servidores ativos deste Órgão público, lotados na capital, com nível superior completo, cargo de especialidade compatível à sua formação e pai de pelo menos um filho pequeno, com idade entre zero e seis anos incompletos. Esta atividade não é obrigatória e, portanto, a qualquer momento o senhor pode desistir de participar e retirar o seu consentimento, sendo assegurado que não haverá qualquer penalização ou prejuízo para o senhor, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde.

Caso decida participar desta pesquisa, esclareço que:

- As informações concedidas poderão ser utilizadas para apresentação e/ou publicação de trabalhos científicos, sendo a sua identificação e o nome do Órgão em questão mantidos em sigilo não havendo, portanto, chance do seu nome ser identificado, o que lhe assegura completo anonimato.
- Tendo em vista o caráter confidencial, as informações coletadas serão utilizadas apenas para os objetivos desta pesquisa. Deste modo, as entrevistas individuais a serem realizadas na segunda etapa de coleta de dados serão gravadas para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão em seguida transcritas. Tais gravações serão mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica nenhum custo financeiro.
- A pesquisa em questão apresenta benefícios conforme o Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12. Assim, através dele o senhor poderá refletir sobre quais fontes de estresse estão presentes no cotidiano e sua possível interferência no seu envolvimento paterno. Além disso, como

benefícios indiretos, a pesquisa consiste em investigar a prevalência de estresse em pais que são servidores de um órgão público de Salvador além de identificar quais aspectos pessoais e sociais favorecem ou prejudicam a conciliação entre trabalho e envolvimento paterno. Em termos de retorno social, pretende-se contribuir para o desenvolvimento de um envolvimento paterno positivo, além de promover a conciliação entre as esferas trabalho e paternidade.

- Em relação aos riscos da pesquisa, destaca-se que ela pode suscitar uma tomada de consciência quanto a seu estado de saúde no que concerne ao estresse bem como na percepção de como está o seu envolvimento e participação na vida do(s) seu(s) filho(s) pequeno(s). Além disso, caso você venha a participar da segunda etapa da pesquisa, pode haver o risco de desconforto no que concerne à gravação da entrevista, além de esta abordar conteúdos íntimos da sua relação com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s). Em ambos os casos, a pesquisadora, também psicóloga de formação, coloca-se à disposição para o suporte psicológico pontual que porventura perceba necessário a qualquer tempo durante a realização desta pesquisa e garante os encaminhamentos para acompanhamento psicoterápico regular caso se façam necessários.

- Em caso de dúvidas ou outra necessidade de comunicação que surja, sempre que considerar pertinente, o senhor pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda Sara Maria Cunha Bitencourt Santos e/ou com a sua orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Vaz de Campos Moreira, através dos contatos abaixo.

Sara Maria Cunha Bitencourt Santos – Mestranda

Universidade Católica do Salvador – Ucsal

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205 – Salvador/BA. CEP: 40.231-902

Tel: (71) 8893-1058. E-mail: saramcb@gmail.com

Lúcia Vaz de Campos Moreira – Professora Orientadora

Universidade Católica do Salvador – Ucsal

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205 – Salvador/BA. CEP: 40.231-902

Tel: (71) 8875-7822. E-mail: lucivcm@oi.com.br

Eu, _____, RG _____, aceito, voluntariamente, o convite para participar desta pesquisa, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a mesma, sem que isso acarrete para mim qualquer prejuízo. Confirmando ainda que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido me foi apresentado em duas vias, ficando uma sob minha guarda e outra com a pesquisadora e mestranda responsável.

Local e data: _____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante: _____.

Assinatura da pesquisadora: _____.

APÊNDICE B – Formulário para levantamento de dados sociodemográficos

Prezado participante,

Solicito o preenchimento das questões abaixo, assinalando a alternativa que mais se aproxime da sua realidade.

I – DADOS GERAIS

1) QUAL A SUA IDADE? _____

2) QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

- () Ensino Superior completo
 () Especialização incompleta
 () Especialização completa
 () Mestrado incompleto
 () Mestrado completo
 () Doutorado incompleto
 () Doutorado completo

3) QUAL O SEU ESTADO CIVIL?

- () Solteiro
 () Casado
 () União estável
 () Separado/ Divorciado
 () Viúvo

4) DADOS GERAIS DO(S) SEU(S) FILHO(S) E/OU AQUELE(S) QUE VOCÊ CRIA COMO TAL?

FILHO(S)	IDADE	SEXO	MORA COM VOCÊ? (SIM / NÃO)	VOCÊ É O PAI BIOLÓGICO, ADOTIVO OU OUTRO (EX: PADRASTO, TIO, AVÔ, ETC)? ESPECIFIQUE
Filho 1				
Filho 2				
Filho 3				
Filho 4				
Filho 5				
Filho 6				

II – DADOS SOBRE O TRABALHO

5) ANO EM QUE INGRESSOU COMO SERVIDOR NESTE ÓRGÃO PÚBLICO: _____

6) ÁREA DE ATUAÇÃO NESTE ÓRGÃO PÚBLICO: () Judiciária
 () Tecnologia da Informação
 () Administrativa

7) CARGA HORÁRIA DIÁRIA DE TRABALHO NESTE ÓRGÃO PÚBLICO: () Até 7h
 () Mais de 7h até 9h
 () Mais de 9h

8) SALÁRIO LÍQUIDO NESTE ÓRGÃO PÚBLICO (em algarismo e por extenso): _____

9) REALIZA TRABALHO(S) EM OUTRA(S) INSTITUIÇÃO(ÕES)?

() NÃO () SIM QUAL(IS): _____

10) CARGA HORÁRIA DE TRABALHO SEMANAL NESTA(S) OUTRA(S) INSTITUIÇÃO(ÕES): _____

11) RENDIMENTO MENSAL NESTA(S) OUTRA(S) INSTITUIÇÃO(ÕES): _____

APÊNDICE C – Questionário de fontes de estresse presentes no cotidiano³

Prezado participante,

Para preenchimento deste questionário, considere que estresse significa um esforço despendido pelo seu organismo, em termos físicos e psicológicos, para adaptação a situações percebidas por você como desafiadoras, independente se estas situações são positivas ou negativas, reais ou virtuais (LIPP, 2005).

Assim, leia atentamente as situações abaixo e, em seguida, assinale com um X na coluna A se você as considera ou não como fontes de estresse presentes em seu cotidiano. Caso não vivencie as situações elencadas, marque um X na coluna “Não se aplica”. Na sequência, marque na coluna B se você percebe que as fontes de estresse assinaladas na coluna A (ou seja, apenas as marcadas como “Sim”) **interferem negativamente** ou não no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s), ou seja, menor(es) de seis anos.

Situações	COLUNA A			COLUNA B	
	Considera as situações elencadas como fontes de estresse presentes em seu cotidiano?			Na sua percepção, as fontes de estresse assinaladas como “Sim” na <u>coluna A</u> , interferem negativamente no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s)?	
	Sim	Não	Não se aplica	Sim	Não
1. Acompanhar gravidez da esposa/companheira.					
2. Vivenciar nascimento recente de filho(s).					
3. Identificar o acréscimo de pessoas morando em casa.					
4. Enfrentar conflitos na família.					
5. Ter passado recentemente por separação/divórcio.					
6. Ter reduzido apoio da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc) no cuidado de filho(s) pequeno(s).					
7. Ter interferência excessiva da família extensa (seus irmãos, pais, sogros etc) no cuidado de filho(s) pequeno(s).					
8. Ter reduzido apoio de funcionário(s) para atividades domésticas.					
9. Assumir muitas responsabilidades com a casa.					
10. Assumir poucas responsabilidades com a casa.					

³ Questionário elaborado pela mestrandia especificamente para esta pesquisa com base nos seguintes instrumentos: *Escala de reajustamento social* traduzida por Lipp (1984) do original de Holmes e Rahe (1967), disponível em Savoia (1999), e *Levantamento de Fontes de Stress* elaborado por Oliveira (2007).

Situções	COLUNA A			COLUNA B	
	Considera as situações elencadas como fontes de estresse presentes em seu cotidiano?			Na sua percepção, as fontes de estresse assinaladas como "Sim" na coluna A, interferem negativamente no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s)?	
	Sim	Não	Não se aplica	Sim	Não
11. Assumir muitas responsabilidades com os cuidados do(s) filho(s) pequeno(s).					
12. Assumir poucas responsabilidades com os cuidados do(s) filho(s) pequeno(s).					
13. Acompanhar tarefas escolares do(s) filho(s) pequeno(s).					
14. Dedicar pouco tempo para a família.					
15. Vivenciar a morte de familiar ou amigo próximo.					
16. Lidar com o fato de a esposa/companheira trabalhar.					
17. Vivenciar situação de desemprego da esposa/companheira.					
18. Assumir grande volume de tarefas no trabalho.					
19. Considerar a sua carga horária de trabalho semanal excessiva.					
20. Ter carga horária do trabalho inflexível.					
21. Ter constante capacitação profissional.					
22. Sentir-se desatualizado no âmbito profissional, temendo ser descartado.					
23. Enfrentar conflitos interpessoais no trabalho.					
24. Considerar a remuneração insuficiente para cobrir os gastos pessoais ou satisfazer o estilo de vida desejado.					
25. Constatar excesso de competição e metas cada vez mais desafiadoras no âmbito profissional.					
26. Ser pressionado por apresentar resultados profissionais.					
27. Ter pouca autonomia para realizar as atividades profissionais.					
28. Sentir-se pouco reconhecido profissionalmente pela dedicação e competência.					
29. Sentir que precisa, numa crescente trabalhar mais, ganhar mais e consumir mais.					

Situações	COLUNA A			COLUNA B	
	Considera as situações elencadas como fontes de estresse presentes em seu cotidiano?			Na sua percepção, as fontes de estresse assinaladas como "Sim" na coluna A, interferem negativamente no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s)?	
	Sim	Não	Não se aplica	Sim	Não
30. Perceber uma exigência atual por trabalhadores multifuncionais.					
31. Dedicar pouco tempo para o próprio lazer.					
32. Dedicar pouco tempo para cuidar da própria alimentação.					
33. Dedicar pouco tempo para realizar atividade física.					
34. Adotar hábitos de vida prejudiciais à saúde (ex: fumo e sedentarismo).					
35. Consumir bebida alcoólica em excesso.					
36. Dedicar pouco tempo para acompanhamento médico e exames de rotina.					
37. Enfrentar problemas de sono.					
38. Apresentar autocobrança elevada, colocando sobre si expectativas irrealistas e metas inalcançáveis.					
39. Reconhecer-se perfeccionista.					
40. Apresentar dificuldade para lidar com os seus próprios erros.					
41. Apresentar dificuldade para lidar com os erros de outras pessoas.					
42. Identificar em si crenças de "ser frágil" ou "não ter valor".					
43. Ter com frequência emoções desconfortáveis (medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, etc.).					
44. Ter a opinião de que as pessoas não são confiáveis e consequentemente sentir que "o mundo é perigoso".					
45. Vivenciar processo de adocimento pessoal e/ou com familiares.					
46. Mudar de residência.					
47. Mudar de cidade.					

Situções	Considera as situações elencadas como fontes de estresse presentes em seu cotidiano?			Na sua percepção, as fontes de estresse assinaladas como "Sim" na coluna A, interferem negativamente no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s)?	
	Sim	Não	Não se aplica	Sim	Não
48. Considerar que a sua presença com o(s) filho(s) pode em parte ser substituída por produtos de consumo (presentes).					
49. Enfrentar dificuldades para alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar.					
50. Consumir/comprar para aliviar a ansiedade.					
51. Apresentar dificuldades financeiras.					
52. Ser o único ou o principal provedor financeiro da família.					
53. Ter a sensação de que as coisas precisam ser feitas com urgência contínua, imediatamente.					
54. Reconhecer que a tecnologia avança em ritmo veloz, sendo necessário adaptar-se.					
55. Estar envolvido em infrações no trânsito decorrente da correria cotidiana.					
56. Vivenciar congestionamentos, barulhos e tensões no trânsito.					
57. Gastar cotidianamente tempo excessivo no trânsito.					
58. Identificar nas relações interpessoais instabilidade e superficialidade.					
59. Vivenciar e/ou presenciar assalto(s), sequestro(s) ou casa roubada.					
60. Vivenciar e/ou presenciar acidente(s) no trânsito.					

2) Assinale a alternativa abaixo que melhor representa como você percebe a frequência de fontes de estresse em seu cotidiano:

- () Nenhuma fonte de estresse está presente no meu cotidiano.
 () Poucas fontes de estresse estão presentes no meu cotidiano.
 () Muitas fontes de estresse estão presentes no meu cotidiano.
 () Excessivas fontes de estresse estão presentes no meu cotidiano.

APÊNDICE D – Conciliação entre envolvimento paterno, família e trabalho

1) Dados de filho(s) que atende(m) ao perfil do estudo

Filho(s)	Idade	Sexo	Mora com você? (Sim / Não)	Você é o pai biológico, adotivo ou outro (ex: padrasto, tio, avô etc)?
Filho 1				
Filho 2				
Filho 3				

2) O envolvimento paterno pode ser definido pela quantidade de tempo dispendida pelo pai no convívio com o filho e pelo conteúdo e qualidade desse tempo em termos de interação (pai e filho interagindo mutuamente), acessibilidade (pai psicológica e fisicamente disponível para a criança) e responsabilidade (pai supervisiona bem-estar ou o cuidado da criança). Podem ser diversas as formas do pai manifestar estar envolvido com os seus filhos em termos cognitivo, afetivo e comportamental (LAMB, 1992; PALKOVITZ, 1997). A partir do conceito apresentado, como você avalia o seu envolvimento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s)?

3) Fale-me um pouco por quais aspectos da vida da criança você se sente responsável:

- * Comunicação (Ex.: conteúdos, frequência, meios)
- * Ensino (Ex.: conteúdos, dar exemplos, advertir, propiciar a aquisição de novos conhecimentos, rezar junto, desenvolver habilidades para a resolução de problemas)
- * Monitoramento (Ex.: verificar o sono da criança; fiscalizar programação de TV ou filmes e músicas)
- * Processos de pensamento (Ex.: preocupar-se, rezar pelo filho)
- * Pequenas tarefas (Ex.: transportar, fazer telefonemas de interesse da criança)
- * Prestação de cuidados (Ex.: alimentar, dar banho, vestir, cuidar quando doente)
- * Manutenção relacionada à criança (Ex.: limpeza; consertos/reparos; lavar e passar roupa; cozinhar; criar ambientes apropriados para a criança)
- * Compartilhar interesses (Ex: leitura, filmes, esporte)
- * Disponibilidade (Ex.: passear junto, levar a eventos, ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha, se engajar em demandas escolares)
- * Planejamento (Ex.: eventos, viagens, férias, prover um futuro seguro)
- * Atividades compartilhadas (Ex.: compras, brincar, dançar, cantar, fazer refeições, trabalhar)
- * Provisão (Ex: roupa, móveis, habitação, alimentos, segurança, transporte, documentação)
- * Afeto (Ex.: abraçar, beijar, dar carinho, ter paciência, fazer elogios)* Proteção (monitorar a segurança, arrumar o ambiente)
- * Apoio emocional (Ex.: encorajar, demonstrar interesse)

4) Como se dá o seu envolvimento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s) em relação a:

Itens	Nenhum	Baixo	Moderado	Alto
Interação				
Acessibilidade				
Responsabilidade				

5) Para você, o que ou quais aspectos favorecem a conciliação entre o seu trabalho e o envolvimento com o(s) seu(s) filho(s) pequeno(s)?

6) E quais aspectos dificultam essa conciliação?

7) Você identifica que seu trabalho interfere no âmbito familiar? Caso positivo, em quê?

8) Por outro lado, você percebe alguma influência da vida familiar no seu trabalho? Caso positivo, em quê?

9) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos?

10) Como foi para você participar desta pesquisa?

APÊNDICE E – E-mail encaminhado aos participantes explicando a pesquisa

Prezado Servidor,

Na condição de psicóloga e mestranda em Família na Sociedade Contemporânea, na UCSal, venho por meio deste convidá-lo a participar da pesquisa “Estresse e suas possíveis relações com o envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s)”, sob minha responsabilidade e sendo orientada pela Prof. Dr.^a Lúcia Vaz de Campos Moreira, docente desta Universidade. O objetivo principal do estudo é investigar possíveis relações entre estresse e envolvimento paterno de servidores públicos com filho(s) pequeno(s), no contexto de Salvador. A partir da autorização prévia deste Órgão e do Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, teve início a coleta de dados. Para tal, você foi escolhido junto a mais 29 servidores que atenderam ao perfil desta pesquisa: homens que sejam servidores ativos deste Órgão, lotados na capital, com nível superior completo e cargo de especialidade compatível à sua formação e que tenham pelo menos um filho menor de seis anos, também beneficiários de assistência pré-escolar concedida por esta Instituição.

Caso consinta em participar, esclareço que a sua contribuição consiste em responder aos três instrumentos que serão disponibilizados para você em via impressa e, caso tenha interesse, participar da próxima etapa de coleta de dados, que será a realização de entrevista individual com 1h aproximada de duração para aprofundamento da temática pesquisada. Reforço que **todas as informações coletadas prezarão por assegurar-lhe completo anonimato. Portanto, não haverá possibilidade de seu nome ser identificado nos resultados coletados.**

Maiores informações estarão disponíveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual é uma via sua, e a outra precisará ser devolvida juntamente com os instrumentos preenchidos. Destaco que, quanto ao “Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp” (ISSL), **ele não precisa ser assinado e nem colocado o seu nome.** Entretanto, caso tenha interesse em devolutiva sobre o seu resultado para possíveis orientações de saúde, solicito que anexe um papel com seu contato (e-mail ou telefone) para que eu possa dar o devido retorno.

Ressalto que a sua participação será de grande valia para o desenvolvimento científico e profissional na área da saúde e sua interface trabalho-paternidade, e solicito que, caso concorde, por favor preencha os questionários impressos que serão entregues no seu setor na presente data (02.12.2014). Destaco que estarei disponível para possíveis dúvidas e esclarecimentos. Por fim, **solicito gentileza no retorno a este e-mail confirmando o seu interesse em participar e se é viável o prazo da próxima terça-feira (09.12.2014) para ida in loco (no seu setor) para recolher os questionários preenchidos,** tendo em vista o cumprimento necessário das etapas e prazos da pesquisa.

Desde já agradeço muito a colaboração!

Atenciosamente,
Sara Bitencourt
CRP 03/5584